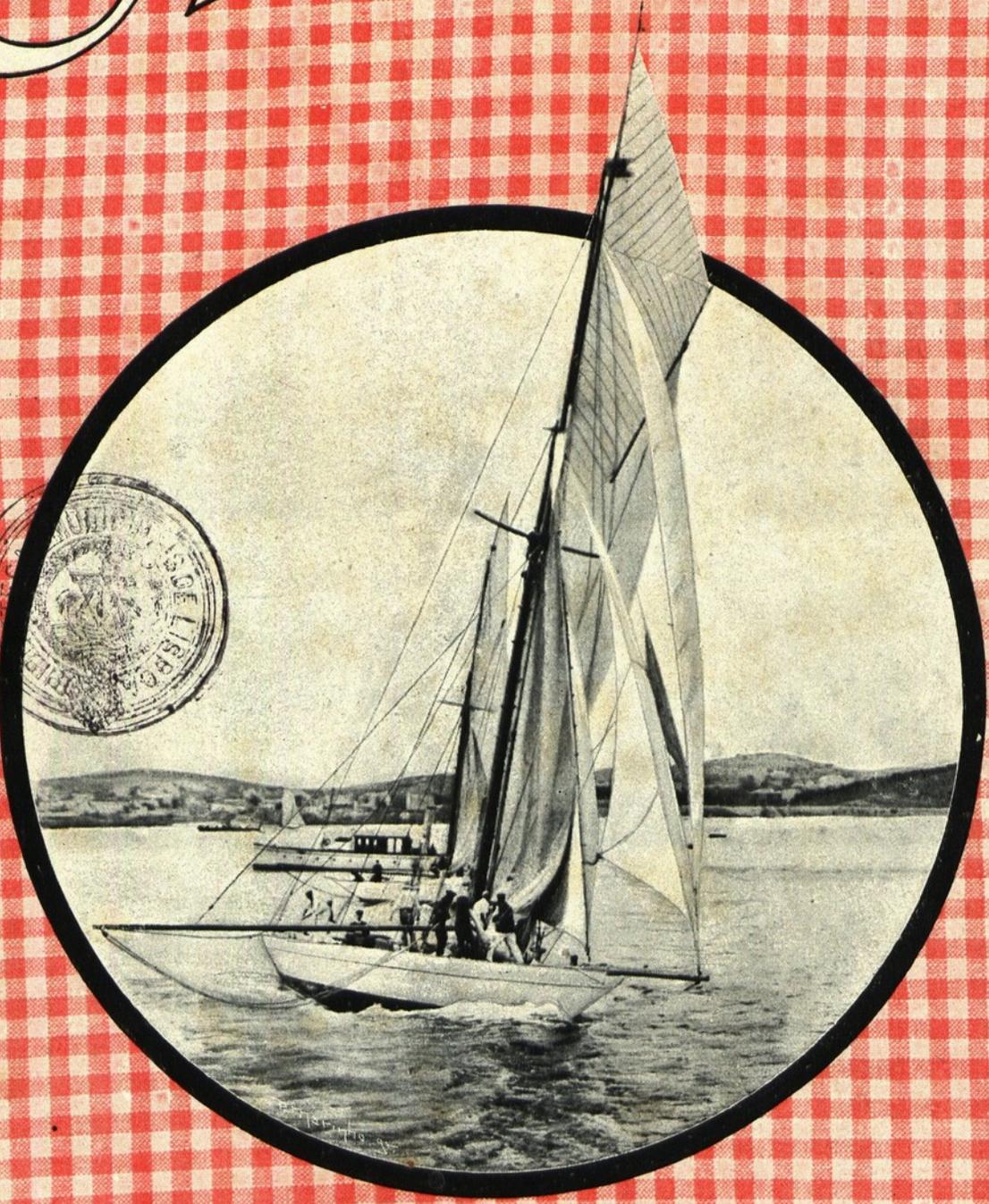


SERRÕES



SETEMBRO 1907.

Nº 27.

Summario

MAGAZINE

PAG.

VENEZIANAS

Quadro de LUKE FILDES FRONTISPICIO

SPORT NAUTICO EM PORTUGAL

(28 illustrações) 155

AMOR DE PERDIÇÃO

Soneto de MARIO FLORIVAL 166

OLIVEIRA MARTINS

(7 illustrações 1 vinheta e 1 autographo) pelo dr. JOSÉ LOBO D'AVILA LIMA 167

O CARAMULO

(10 illustrações e 1 vinheta) por THOMAZ DA FONSECA 177

O POETA JULIO RIPADO

(1 illustrações e 1 vinheta) por ALFREDO GUIMARÃES 187

QUARTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS «SERÕES»

Aspectos de Paredes (Margens do Souza) photographia de MANOEL GOMES PINTO — PORTO 189

A LENDA DO CANZARRÃO

(2 illustrações e 1 vinheta) por CONAN DOYLE 190

A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL — II. BATALHA

(12 illustrações) por ALBRECHT HAUPT 200

OS SERÕES DOS BÉBÉS — NANSEI E A SUA EGUA

(4 illustrações e 1 vinheta) 213

IDEAL PERDIDO

Soneto 220

ACTUALIDADES

(23 illustrações e 1 vinheta) 221

OS SERÕES DAS SENHORAS (28 illustrações)

CHRONICA GERAL DE MODAS	pag. 33	LAVORES FEMININOS.....	pag. 41
OS NOSSOS FIGURINOS	» 35	CONSULTORIO DE LUIZA.....	» 45
A NOSSA FOLHA DE MOLDES.....	» 39	NOTAS DE DONA DE CASA	» 48

A MUSICA DOS SERÕES

A MINHA ESTRELLA

Valsa por CARLOS SOEIRO..... 4 paginas

Annuncios dos "Serões"

A empresa dos **Serões**, com uma importante tiragem e uma larga circulação em Portugal e Brazil, offerece as paginas supplementares de annuncios nas condições seguintes, por uma unica inserção:

Annuncios não illustrados

1 pagina	10\$000 rs.
1/2 "	5\$500 "
1/4 "	3\$000 "
1/8 "	1\$500 "
1/16 "	\$800 "

DESCONTOS

Anno 20 0/0, semestre 15 0/0, e trimestre 10 0/0.

Annuncios illustrados

UM ANNO

1 pagina	150\$000 rs.
1/2 "	100\$000 "
1/4 "	70\$000 "
1/8 "	50\$000 "
1/16 "	35\$000 "

Semestre 60 0/0 } Ao preço do anno
 Trimestre 40 0/0 }

PEQUENOS ANNUNCIOS

Para commodidade dos annunciantes, a empresa estabelece ainda uma secção de **pequenos annuncios**, os quaes são pagos segundo a seguinte tabella:

Annuncios até 5 linhas, em columna de 1/3 de largura de pagina, 400 réis por cada inserção. Cada linha a mais, 80 réis.

LIVROS A VENDA na Livraria Ferreira & Oliveira, L.^{da}

Henrique Lopes de Mendonça

NÓ CEGO

Peça representada em D. Maria

1 volume em 8.º..... 300

Conego Anaquim

O genio portuguez

aos pés de Maria

1 vol..... 600

GRANDE DEPOSITO

← DE →

Moveis de ferro e colchoaria

← DE →

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56

LISBOA

ANTHERO DE FIGUEIREDO

Recordações e viagens

SUMMARIO: Gosto de recordar — Na City — Três cemiterios italianos — Uma casa minhota — Na Franconia — Nas aguas de Capri — O Bom-Jesus-do-Monte — Entre Southampton e Vigo — Uma aldeia espiritual (Assis) — Lisboa — O mosteiro do Canigou — O Minho pesaroso — O Valle do Tet no Rossilhão — Unhaes da Serra — Davos-Platz — Uma tarde em Biarritz — Nos Avants — Um amigo da sua terra — Páginas de um «Bloc-notes» — Post-Scriptum.

Um volume in-8.º br..... 600 réis

FERREIRA & OLIVEIRA, L.^{da} — LIVREIROS-EDITORES

132 — Rua do Ouro — 138

← LISBOA →



A Nacional

Companhia Portuguesa de

Seguros de Vida

CAPITAL 500:000\$000 réis

Seguros em caso de vida e em caso de morte

Seguros contra desastres pessoais

Seguros de viagem

7, Rua do Alecrim — LISBOA

EPILEPSIA!!!

E' com a mais completa franqueza, com a maior lealdade que sem ter a

pretenção de curar todos os epilepticos nós recommendamos os

DRAGÉES GELINEAU

Confeitos Gelineau que teem durante trinta annos, dado ao seu auctor completa satisfação e que lhe tem valido o reconhecimento e inalteravel amizade de numerosos doentes; que sempre nos casos ordinarios dão a possibilidade do triumpho e pelo menos a certeza de melhoras nos casos difficeis

J. MOUSNIER, SCEAUX, Seine (France) e em todas as Pharmacias.

ARTIGUIL
FOR THE HAIR



900 RÉIS

DEVE ESTAR EM
TODOS
OS TOILETTES,
EVITA A QUEDA,
FACILITA O
CRESCIMENTO
E TIRA A CASPA

PERFUME ESQUISITO

Vende-se nos bons es
cabelecimentos de Por
tugal.

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMÃO
R. dos Retrozeiros, 141
LISBOA

Obras primas

D. Quichote de la Mancha

Edição illustrada em 3 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

Ultimos dias de Pompeia

Edição em 2 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

A' venda na livraria

FERREIRA & OLIVEIRA, L.^{DA}

132, Rua do Ouro, 138 — LISBOA

Chamamos a atenção dos nossos leitores para as condições de assignatura, que inserimos ao fim da pagina 8.

MATERIAL ESCOLAR

A LIVRARIA

FERREIRA & OLIVEIRA, LIM.^{DA}

132, Rua do Ouro, 138

tem á venda um grande sortimento de material para escolas e dá todos os esclarecimentos que lhe sejam pedidos sobre preços, qualidades, etc.

Especialidade em carteiras, louzas, caixas metricas, abacos, quadros de leitura, solidos geometricos, esferas terrestres, armillares de Copernico e Ptolomeo, globos celestes e quadros para o ensino das linguas e das sciencias.

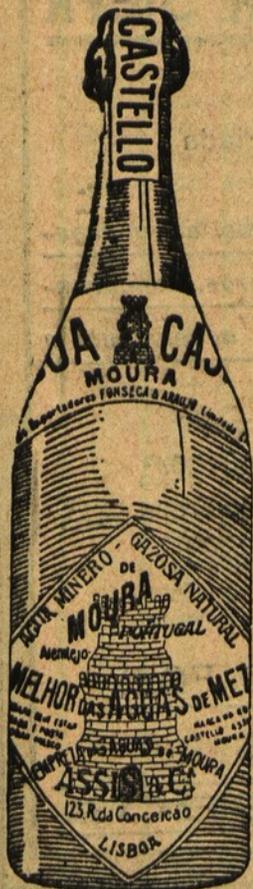


SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.

DEPOSITO

Rua Nova do Almada, 81, e Rua do Carmo, 83

LISBOA



ÁGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

DE

— MOURA —

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

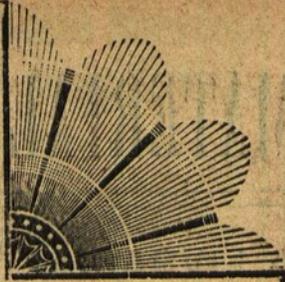
ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.º

LISBOA



Typographie
DO
ANNUARIO
COMMERCIAL

DE PORTUGAL

Propriedade de **MANOEL JOSÉ DA SILVA**

≡ OFFICINA TYPOGRAPHICA ≡

Movida pela electricidade — Instalação apropriada

Executam-se trabalhos typographicos em todos os generos, e mui especialmente os que dizem respeito ao commercio, como facturas, memoranduns, livros de escripturação, etc., garantindo-se perfeito acabamento e modicidade de preços.

Reprodução de planos. Cartas Geographicas.
Laminas e pergaminhos antigos. Quadros a oleo e aguarella
em tamanho natural, ampliado ou reduzido

≡ ESCRIPTORIO E OFFICINAS ≡

Praça dos Restauradores, 27 (PALACIO FOZ)

≡ CALÇADA DA GLORIA, 5 ≡

Telephone 1:239



LISBOA

RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELLI

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro.....	20\$000	Registro.....	5\$000
Rio de Janeiro e Estados	18\$000	»	3\$000
Centro Commercial	15\$000		

Numero avulso: Capital 1\$500. Estados 1\$700. Numero atrazado 3\$000

PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual	6\$000
» com registro.....	8\$000
Numero avulso.....	\$600

Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos aos Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, auctorisarem-nos o registro mediante o augmento, em assignatura, da importancia de Rs. 3\$000 para o interior e Rs. 5\$000 para o exterior.

O assignante que, no correr da sua assignatura, mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. \$500.

AO LEITOR. As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

Á Administração da Revista RENASCENÇA

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da Renascença — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2 da Revista a Rs. 5\$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22\$000 o volume, e Rs. 40\$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até á importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70% em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Apotheose humana, por *M. Joaquim Dias*—Lisboa.—Basta a concepção do poemeto encerrado n'este volume para mostrar o alto espirito do autor, um poeta açorianho cuja obra nos é apresentada pelo nosso amigo general H. das Neves. Trata-se de uma pequena epopeia, onde rapidamente perpassam as phases culminantes da civilização e se celebra o genio do homem como principio consciante do progresso. Relembra a *Lenda dos Seculos*; e com effeito, o sopro do velho Hugo corre a miudo sobre essas paginas de alexandrinos, por vezes formosissimos, sempre inspirados n'uma solida erudição historica. Não é livro de que se possa apenas fazer menção succinta. Precisa meditar-se com vagar. Mas folgamos com o conhecimento que nos dá de um novo e valioso poeta portuguez, escondido até hoje nos recessos do Fayal.

● **Canto do Sino**, por *Schiler*, versão de Alexandre Fontes—Lisboa, 1907.—A empreza de uma versão d'estas é tão ardua que não admira que o traductor, provavelmente neophito nas letras, a miudo revele desfallecimentos.

Stella, por *Eusebio de Quirós*—Porto, 1907.—Uma lição sentimental de astronomia, dada por um poeta embebido nas leituras de Flammariou, identificando com uma estrella a mulher amada.

Esfoldados, contos por *Orlando Marçal* e *Fernão Corte-Real*—Coimbra, 1907.—Interessantes tentativas litterarias, que julgamos ser primicias de dois novos e onde se revela talento e observação. N'um brilhante prologo, Abel Botelho aponta-lhes os dois caminhos a seguir: o da gloria com dinheiro, e o da authentica fama com miseria. E' possivel que os juvenis escriptores tenham faculdades para qualquer dos dois. Mas não queremos tomar a responsabilidade de os aconselhar a tal respeito.

La Lectura—n.º 80—Agosto de 1907—Summario: Impotencia humana, por Pedro Dourado; A propósito de un libro nuevo de Psicologia, por Manuel Garcia Morento; Historia contemporanea de España, Lecciones de D. Rafael Altamira en el Ateneo de Madrid; Sociologia: En pro de la sociologia cientifica, por Adolfo Posada; Crónica—Libros—Revista das Revistas, etc.

Vera Cruz—*Quinzenario Politico, Literario e Historico*—n.º 19—Julho de 1907—Summario: Futura presidencia—A Igreja Catholica—Parce Se-

pultis—Carmina (versos)—Junho (versos)—Sobre Politica—Alberto Bessa—Sebastião J. Baçam—Capitão Manoel Bento—Villa Viçosa—Assistencia Nacional aos Tuberculosos—Bibliotheca Nacional de Lisboa—Collegio de Campolide—Camara Fallida—A Igreja da Penha de França—Coronel Raposo de Almeida—Igreja de Santa Maria de Belem—Honrosas referencias—Vinho Saudavel—Noticias—Redacção, Rua do Ypiranga, 127, S. Paulo (Brazil).

Tuberculose—*Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos*—n.º 6—Summario: O Sanatorio da Guarda—A tuberculose nos ricos—Inquerito sobre a alimentação das classes tabalhadoras—O IV Congresso da Liga Nacional contra a tuberculose—Bairros Operarios—Diagnostico da tuberculose—A A Cuti-Reacção—A ophtalmo-reacção—A ophtalmo-reacção á tuberculina—Analyses e revistas—Chronica—Estatisticas, etc., etc.

A Construcção Moderna—*Revista illustrada*—Summario do n.º 232—20 de Agosto—Collaboração de A. Rigaud Nogueira, Adães Bermudes, Adolpho Marques da Silva, Alfredo d'Ascenção Machado, Alfredo Maria da Costa Campos, Alvaro Machado, Antonio José Dias da Silva, Antonio Rodrigues da Silva Junior, Arthur J. Machado, Carlos Bandeira de Mello, Francisco Carlos Parente, Frederico Evaristo da Silva Gomes, Frederico A. Ribeiro, Henrique B. Gonçalves Moreira, Hermenegildo A. Faria Blanc, Henrique das Neves, João Lino de Carvalho, Joaquim Antonio Vieira, Jorge Pereira, Leite, Jose Alexandre Soares, José Cecilio da Costa, José C. Ferreira da Costa, José Luiz Monteiro, José Marques da Silva, José Pessanha (D.), José Teixeira Lopes, José Theriaga, Leonel Gaya, Manuel F. dos Santos, Manuel J. Norte Junior, Nicola Bigaglia, Raul Lino, Ventura Terra, etc. Redacção e administração, Rua Maria Andrade, 10, 2.º, Lisboa.

Estudos Sociaes—*Revista Catholica Mensal*—n.º 7—Julho de 1907—Summario: O theatro social—A grande obra—A questão social: Desenvolvimento e base scientifica do socialismo—Decumentos e factos sociaes: I. Projecto do decreto sobre o descanso semanal; II. O poder judicial e a dictadura—Chronica social do estrangeiro—Bibliographia. Director: P.º Francisco Cotrim da Silva Garcez. Redacção e administração, Rua Lourenço Azevedo, Coimbra.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adiantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil	Estrangeiro
Anno	2\$200	Anno (12 numeros)	Anno (12 numeros)
Semestre.....	1\$200		
Trimestre.....	600	Moeda fraca.....	12\$000 Frs.....
			15,00

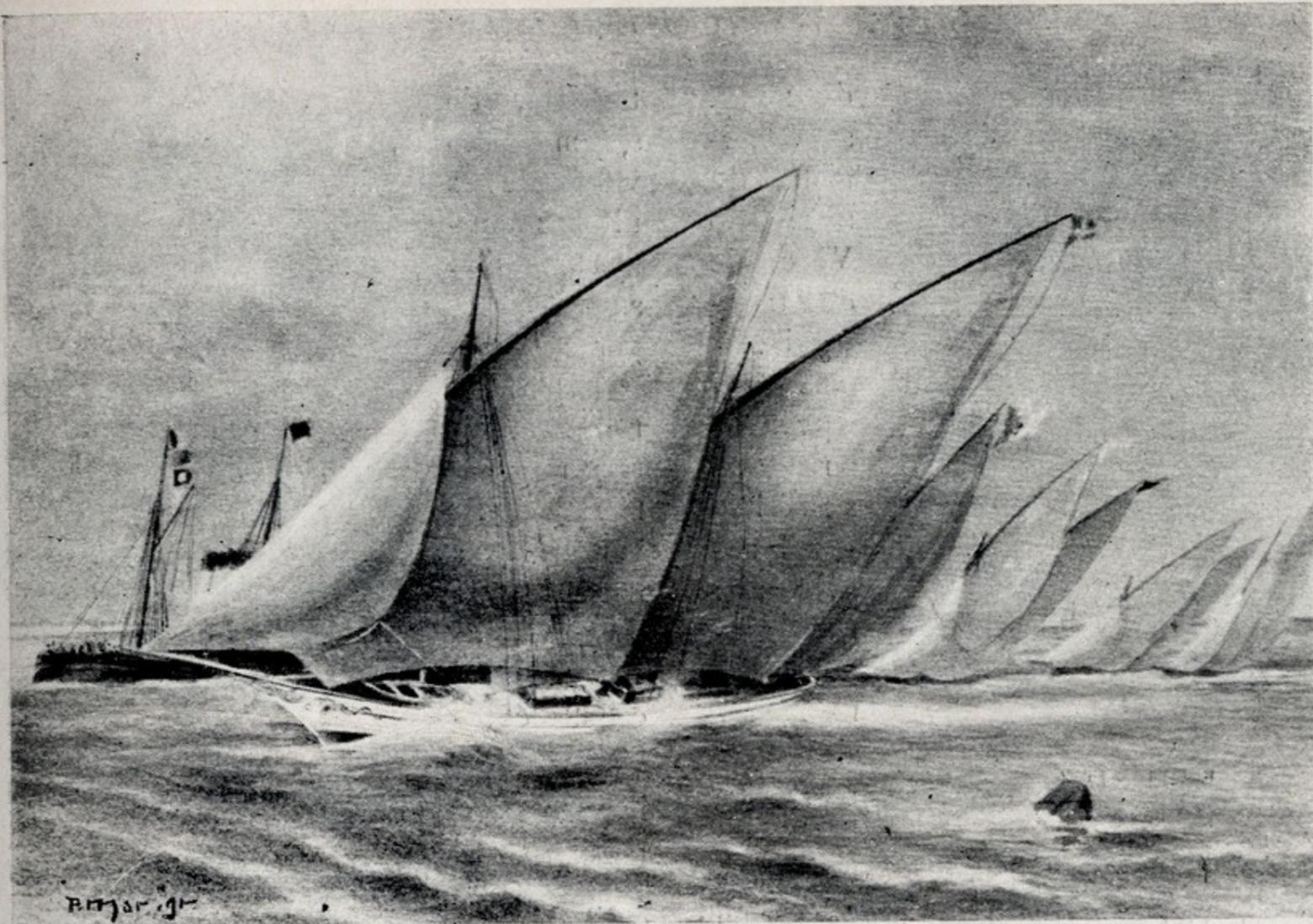
Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes



VENEZIANAS

Quadro de Luke Fildes



OS CAHIQUES «SIRIUS», «MINA», «ALTAIR» E «NAUTILUS», EM REGATA

Sport nautico em Portugal

Pela sua extensa costa maritima e pela posição da sua capital sobre o estuario do Tejo, Portugal encontra-se n'uma posição privilegiada para os amadores do sport nautico. Se bem que não nos possamos comparar a outros paizes onde as marinhas de recreio tem tido grande desenvolvimento, o que não admite duvida, é que o numero de Associações e Clubs Nauticos tem augmentado sempre assim como a tonelagem e o numero dos yachts n'elles registados.

Duas circumstancias se oppõem a que o sport nautico tenha entre nós grande desenvolvimento.

Em primeiro logar sendo um dos Sports mais caros é muito limitado o numero de individuos que a elle se podem dedicar n'um paiz pequeno e pobre.

Sem pretender imitar aquelles que enviam os seus yachts aos Estados Unidos

correr a celebre «America Cup», como Lord Dunraven ou Sir Thomas Lipton, aos quaes cada regata custa centos de contos de réis, o mais modesto amator sabe perfeitamente que para ter um pequeno yacht, além do seu custo já elevado, as despezas com o panno, cabos, pinturas, reparações e pessoal representam sempre uns centos de mil réis.

Em segundo logar em Portugal não se constroem barcos de recreio propriamente ditos. As chalupas yawls, e embarcações d'uma certa tonelagem, até mesmo a maior parte das guigas e outriggers veem do estrangeiro, quasi sempre de Inglaterra.

A *Real Associação Naval*, a mais antiga das Associações de Sport Nautico não só de Portugal mas da Peninsula, foi fundada sob a protecção de El-Rei D. Pedro V e os seus estatutos approvados em 30 de abril



EL-REI D. LUIZ

de 1856, sendo ministro da marinha o Visconde de Athouguia.

A sua primeira assembleia geral realizou-se no Arsenal de Marinha presidindo o Infante D. Luiz e

sendo eleito vice-presidente o Conde das Alcaçovas, um dos que mais concorreram para a fundação e importância que a *Real Associação Naval* logo teve. E' actualmente commodoro da Associação Sua Magestade El-Rei D. Carlos e vice-commodoro Sua Alteza o sr. Infante D. Affonso. O sr. Marquez do Fayal é vice-commodoro honorario e o sr. Guilherme Arnaud contra-commodoro.

A séde da Associação, a unica do seu genero, durante muitos annos, encontra-se actualmente na *Liga Naval*.

Até ha uns trinta annos os nossos yachts representavam um pouco mais aperfeiçoados os typos de barcos de pesca ou com-

merciocosteiro.

Os maiores barcos de recreio, os cahiques tinham origem nos cahiques de pesca ou «picada» sobretudo n'estes ultimos, que se empregavam no commercio de peixe, tinham jus-

ta fama de serem muito velozes, e nos ultimos annos tem sido substituidos por canôas.

Figuraram muitas regatas, que tiveram logar nas bahias de Paço d'Arcos e Cascaes, o celebre *Pet*, o primeiro yacht de ferro

que existiu em Portugal, o *Halcion*, o *Mina*, o *Raio* e mais tarde o *Altair* que contou muitas victorias.

El-Rei D. Luiz mandou construir, em 1877, no antigo telheiro das Galeotas Reaes, na Junqueira, o *Sirius*, que foi por muito tempo o melhor yacht portuguez.

Construido, sob a direcção do seu official ás ordens, sr. Carlos de Sousa Folque Possollo, capitão tenente, actualmente vice-almirante reformado, pelos habeis mestres Thomaz Antonio Gonçalves, então mestre dos carpinteiros de machado do Arsenal, e Diogo Jorge Batalha, demonstrador de construcções naval, da Escola Naval.

O *Sirius* mede 60 pés de comprimento, 12 na sua maior largura e 10 de pontal. Com vento fresco seu andamento é de 10 milhas folgadas por hora.

Em fevereiro de 1880 esteve para correr na regata internacional de Ni-



EL-REI D. CARLOS



PRINCIPE REAL D. LUIZ FILIPPE

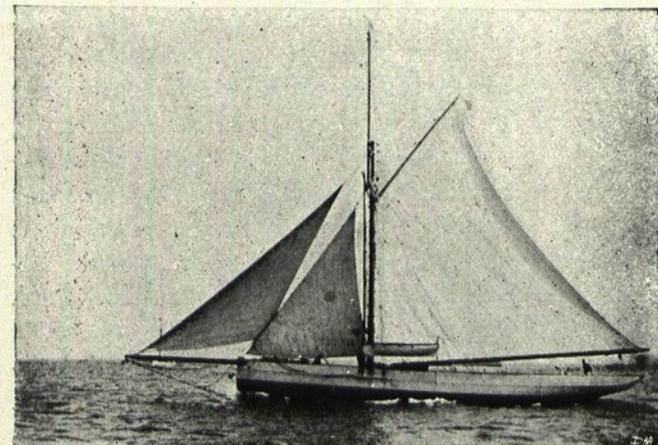


INFANTE D. AFFONSO

ce o que não fez por chegar tarde, devido ao mau tempo.

Arribando a Marselha correu n'uma regata particular contra uma das melhores chalupas d'essa cidade, a *Eugenie*.

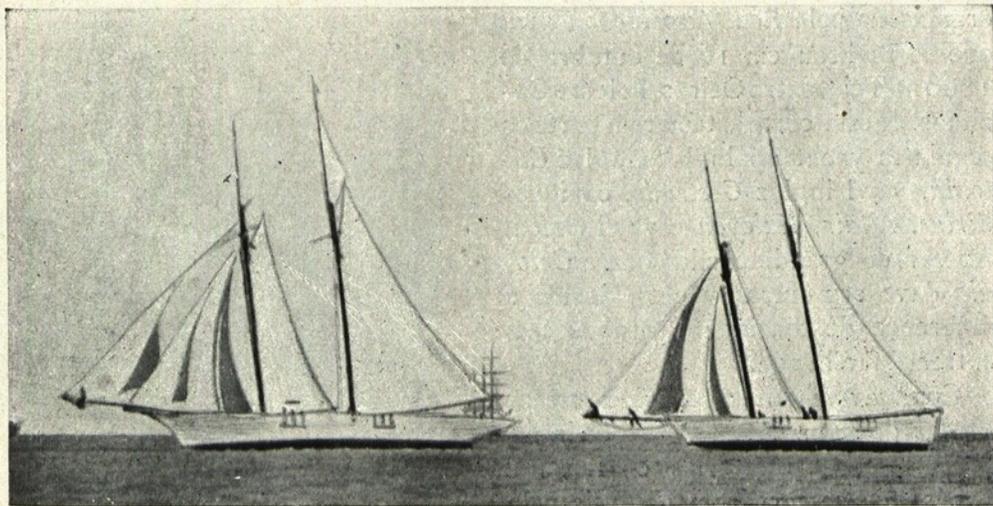
A distancia percorrida foi de Marselha a Chateau d'If, umas 8 milhas, vencendo o *Sirius*, que regressou ao porto com uma dianteira de cerca de tres quartos de hora.



CHALUPA «TAGIDE»

gir o vento em menor angulo. De facto, as chalupas que tinham até então vindo a Portugal nunca venciam os cahiques nas regatas e o palhabote *Surpreza*, de 33 toneladas, construido em Inglaterra em 1873 por Ratsey para o sr. Duque de Palmella, perdeu todas aquellas em que entrou.

A lenda de que os cahiques tinham melhores qualidades veleiras do que os barcos de panno latino, lenda que me parece dever datar do tempo em que as nossas caravellas investiam com o mar Tenebroso, desfez-se na primeira regata internacional



PALHABOTES «LIA» E «DINORAH»

Os jornaes francezes de sport, d'essa época, fizeram as mais elogiosas referencias ao *Sirius*, chegando os constructores de Marselha e Paris a detidamente examinar a construcção do *Sirius* quando elle esteve a limpar na doca de Marselha.

Ao *Sirius* seguiu-se a construcção do *Nautilus*, que crêmos está arrecadado no telheiro da Trafaria.

Entre os entendedores de sport nautico era considerado quasi axiomatico o principio, de que os bastardos eram as vellas que imprimiam maior velocidade ás embarcações, e as que as faziam cin-

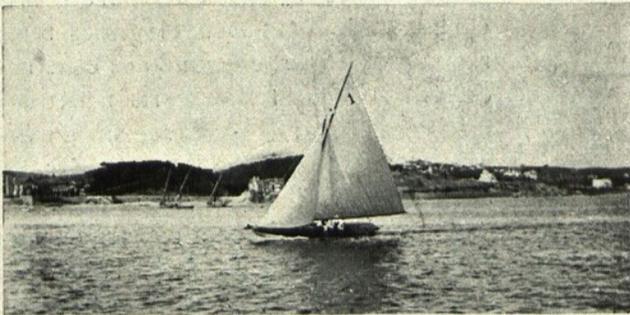


CHALUPA «LEANDER» REGATA INTERNACIONAL)

organizada pela *Real Associação Naval* que se realizou em 16 de outubro de 1880 no Tejo, entre Oeiras, Belem e Cacilhas. N'esta corrida tomaram parte os seguintes yachts: palhote inglez *Cetonia*, yawl inglez *Gestrude*, cahiques *Sirius*, *Altair*, *Halcyon* e yawl *Orion*. Apesar do grande partido que o *Cetonia* dava aos outros yachts, devido á differença de tonelagem, ganhou com extrema facilidade.

Começavam todos a perceber as vantagens do panno latino, e adquiriram-se em Inglaterra varias chalupas e yawls que se tornaram notaveis pela sua velocidade nas regatas ou pelo conforto no *cruising*.

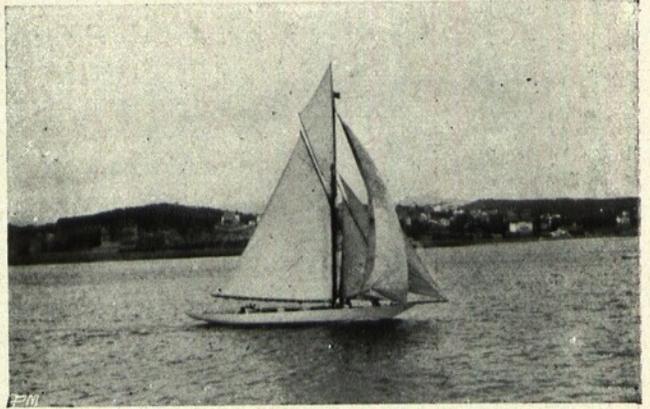
Tivemos a *Fleetwing*, do sr. Pery, e *Pero-la*, do sr. Arnaud, a primeira das quaes, ven-



FIN-KEEL «NADEJDA»

cedora de muitas regatas, pertence hoje ao sr. Carlos Luz com o nome de *Estrella*, o *Orion* do sr. Abreu, e *Vega* do sr. Magalhães, optimos cruisers, etc.

O panno dos cahiques era de difficil manobra e necessitava numerosa guarnição. O virar por davante é n'um cahique manobra arriscada, quando se tem de cambar a escota do traquete por cima do carro da verga grande, e muito mais quando tendo o panno rizado e a verga do traquete arriada pode o carro d'esta pegar na roda da proa. O virar em roda com vento fresco, é tão perigoso, que em dias de nortada se combinava entre os donos dos yachts não praticar tal manobra. As carregadeiras cortavam o panno que nem sempre era facil ferrar, e o caturrar na vaga partia muita verga. Por todos estes motivos as chalupas e yachts que estavam sendo

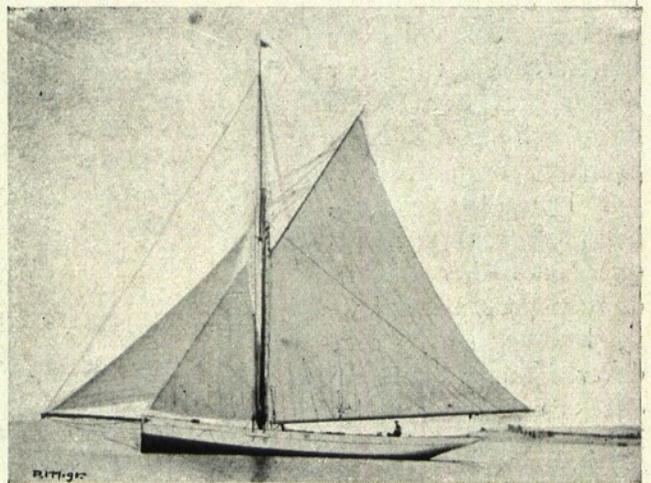


CHALUPA «IDALIA»

adquiridos em Inglaterra eram bem recebidos pelos amadores nauticos, que mais se divertiam nos passeios que davam ou no *cruising*, do que propriamente nas regatas. As vantagens do seu apparelho e a facilidade de manobra tornaram-se tão evidentes que os cahiques desapareceram de todo de entre os nossos yachts.

Continuaram a apparecer novos yachts: veiu a *Gwendoline* para o sr. Jorge Ferrão de Castello Branco, *Iris* para o sr. Walter Custance, *Corsair* para El-Rei D. Carlos, então Principe Real, *Aura* para o sr. Infante D. Affonso.

Por esta epocha tentou-se fazer construir barcos de recreio em Portugal. Muito se dedicou ao estudo das formas das cavernas e linhas d'agua o illustre official da armada José Nunes da Matta, que fez construir dois barcos, o *Galileo* e o *Kepler*, que, se não mostraram ter maior velocidade do que os outros yachts, vindos de



CHALUPA «HELENA»

Inglaterra, deram uma prova da dedicação d'aquelle official ao estudo da Architectura Naval, cujo curso estava seguindo. Mais tarde construiu-se no Algarve o yacht *Alvor*, que

tambem não fez brilhante figura nas regatas em que entrou, o 'que não nos deve admirar por isso que em Inglaterra saem todos os annos dos estaleiros centenaes de yachts, cada um dos quaes entra em muitas corridas onde se lhes descobrem os defeitos e qualidades que servem de ensinamento a novas construcções.

Sem ter estaleiros apropriados, dirigidos por um pessoal especialista n'este genero de construcções e não havendo muitas regatas onde se reconheçam as qualidades nauticas dos novos yachts, não é possivel obter barcos comparaveis aos que se podem adquirir no estrangeiro.

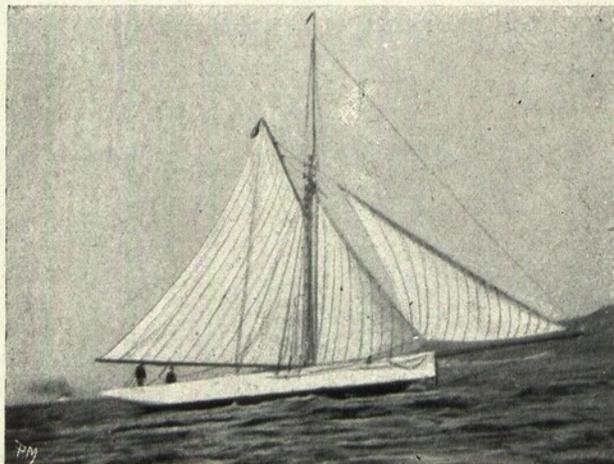
Um genero de regatas que sempre despertam muito interesse são as *Corinthian*

races. N'estas corridas os barcos são exclusivamente tripulados por amadores. Tivemos em 8 de outubro de 1893 na bahia de Cascaes uma das mais interessantes regatas d'este genero. Tomaram parte os yachts de 1.^a classe *Lia*, *Vega*, *Mina* e *Helena* Governou o *Lia*, Sua Magestade El-Rei D. Carlos, e foi este o primeiro barco a chegar á balisa mas a regata foi

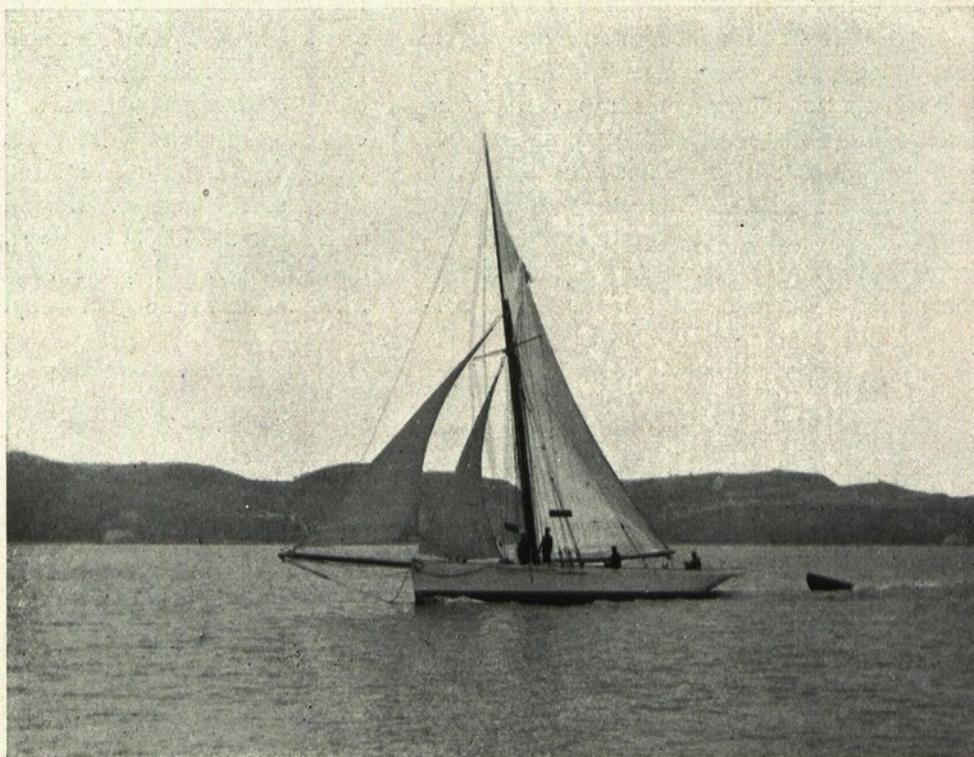
ganha pela chalupa *Vega*, governada pelo sr. José Ribeiro da Cunha que recebia grande partido de *Lia* por causa da differença de tonelagem.

No dia 15 de maio de 1898 realisou-se na bahia de Cascaes a primeira das regatas internacionais que faziam parte do

programma das festas do centenario do descobrimento da India, regatas promovidas pela *Real Associação Naval* e *Real Club Naval*. O premio, uma linda taça de prata, *Taça Vasco*



CHALUPA «DIANA»



CHALUPA «VIVANDIÈRE»

da Gama, foi ganho pelo yawl *Cariad*, de Lord Dunraven, que corria com o *Lia*. Este ultimo barco de formas anti-quadas, não tinha probabilidade alguma de vencer e apenas tomou parte na regata para que ella se fizesse.

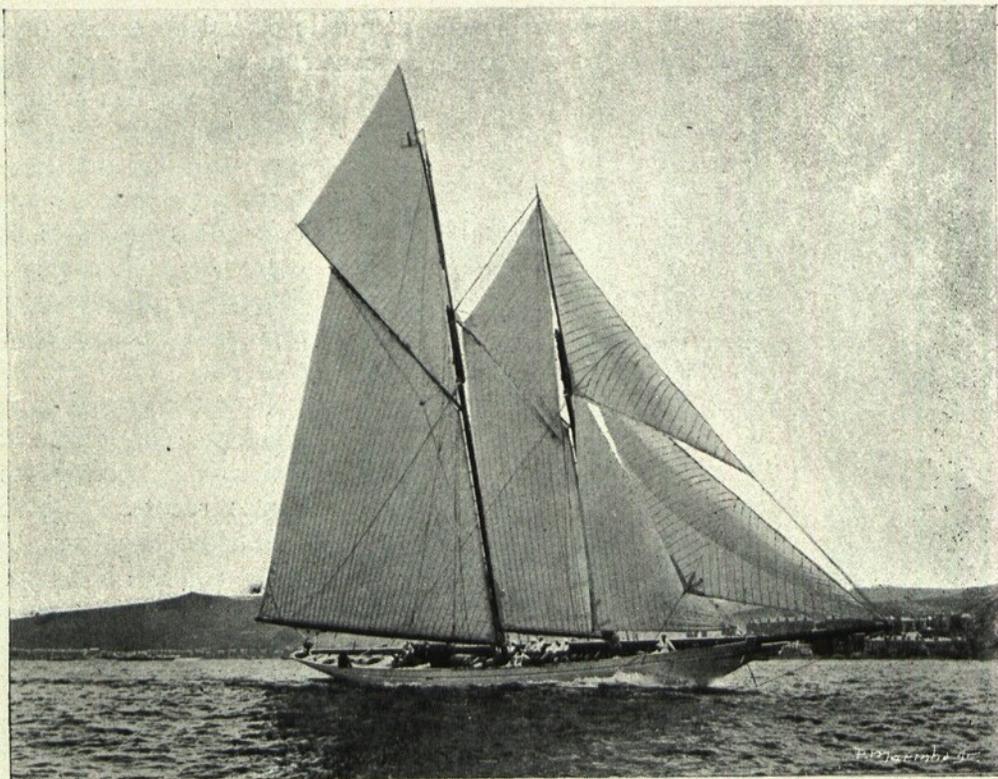
Em 21 de maio de 1901 realisou-se a segunda corrida da *Taça Vasco da Gama*, vindo

a Lisboa correr o yawl *Leander*, de R. Guinés, o qual ficou vencedor na regata em que tomou parte com o *Lia* e a *Tagide*.

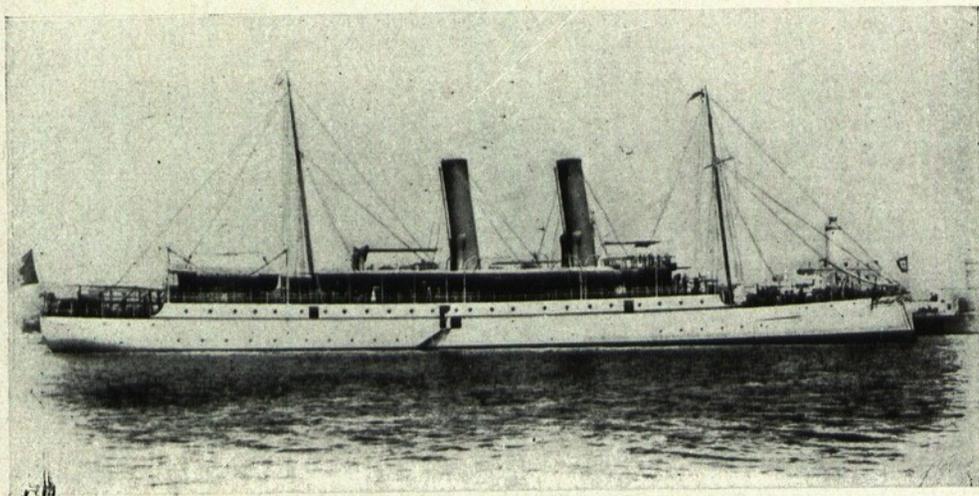
As regatas internacionaes nos Estados-Unidos teem concorrido enormemente para o aperfeiçoamento da Construcção Naval, sobretudo no que diz respeito a barcos de regata. Os melhores e mais notaveis architectos navaes inglezes da especialidade, taes como Fife e Watson, assim como o seu col-

lega americano Herrshoff, dedicaram todo o seu saber ao aperfeiçoamento dos differentes typos de barcos de regata, e é curioso ver como os antigos yachts de corrida americanos, com muita boca e pouco pontal, e os typos inglezes, com muito pontal e pouca boca, se foram approximando até chegar a confundir-se. Os notaveis progressos da Architectura Naval e a substituição da antiga formula de archeação, adoptada pelo *Royal*

Thames Yacht Club, em que só se consideravam a boca e o comprimento, pela formula do *Yacht Racing Association*, em que se mede o comprimento na linha de agua e a superficie de panno, deram logar a



PALHABOTE «MARIS STELLA» (BARCO DE SUA Magestade a Rainha)



HIATE AMELIA BARCO D'EL-REI

construirem-se barcos de corridas com qualidades de manobra e de velocidade extraordinarias.

Correndo com estes barcos modernos, o *Lia* não teve nem podia ter probabilidades de vencer nas regatas internacionaes em que entrou, e o mesmo aconteceu aos yachts de menor tonelagem quando correram com a moderna *Idalia*, do sr. Hugo O'Neill, ou com a *Nadejda*, de S. M. El-Rei, a qual só perdeu uma regata das muitas em que entrou e essa mesma perdeu-se por estar o mastro então fóra do seu lugar.

A *Nadejda* é um «fin-Keel» de 24 pés que correu em varias regatas interessantes como *bulb-keels* do mesmo comprimento, *Geisha*, *Naiade* e *Laura*.

Em 10 de setembro de 1902 teve logar a primeira das interessantes regatas annuaes entre Leixões e Lisboa.

Ao partir de Leixões sobreveiu mau tempo e os yachts tiveram de arribar, com excepção do *Lia*, que ficou vencedor, tendo percorrido a distancia de Leixões a Cascaes em 48 horas e 30 minutos.

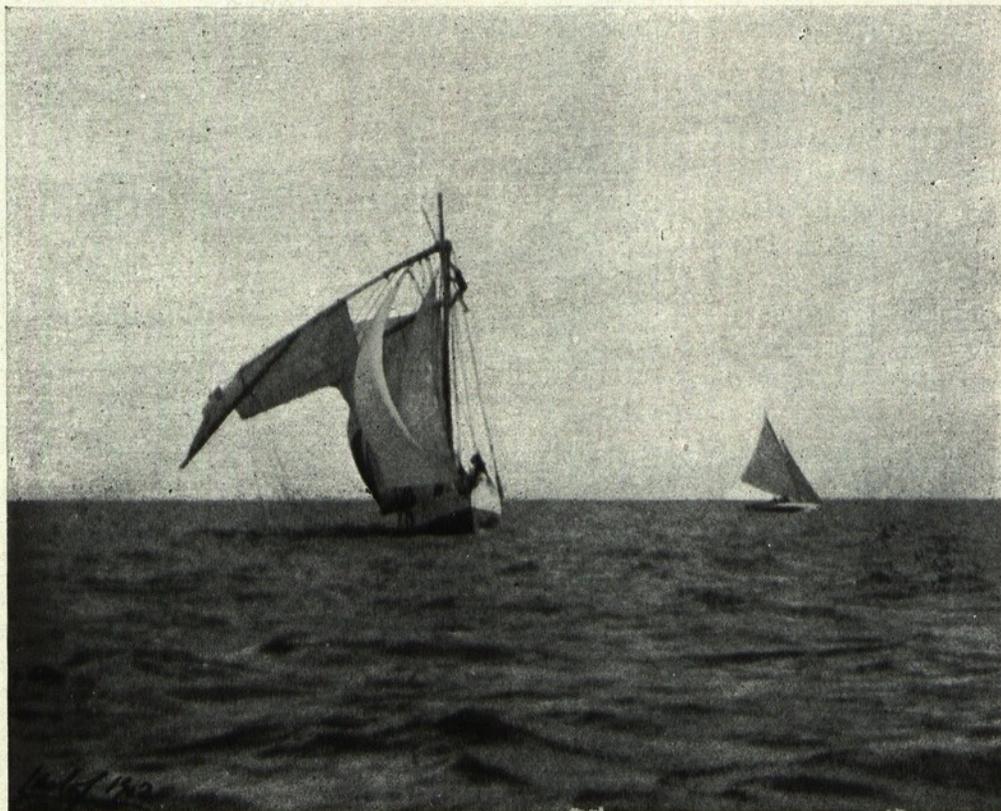
Tomaram parte n'esta corrida além do *Lia*, os seguintes yachts: *Dinorah*, do sr. Castro Guimarães; *Vivandière*, do sr. Luiz O'Neill; *Diana*, do sr. Roberto Talone da Costa e Silva; *Zephyr*, do sr. Feuerheerd; *Helena*, do sr. Norton.

Em 16 de agosto de 1903 tornou a rea-

lisar-se esta corrida tomando n'ella parte os yachts: *Lia*, *Dinorah*, *Diana*, *Iris* e *Zephyr*. Venceu o *Lia*, que fez o percurso de Leixões a Cascaes em 19 horas e 7 minutos.

A regata de 1904 foi igualmente ganha pelo *Lia*, o qual tendo ficado tres vezes vencedor teve direito ao premio.

De Lisboa a Setubal teve logar uma regata ha dois annos que foi disputada entre



A CHALUPA «HELENA» NA REGATA DE 1902 (INSTANTANEO D'EL-REI)

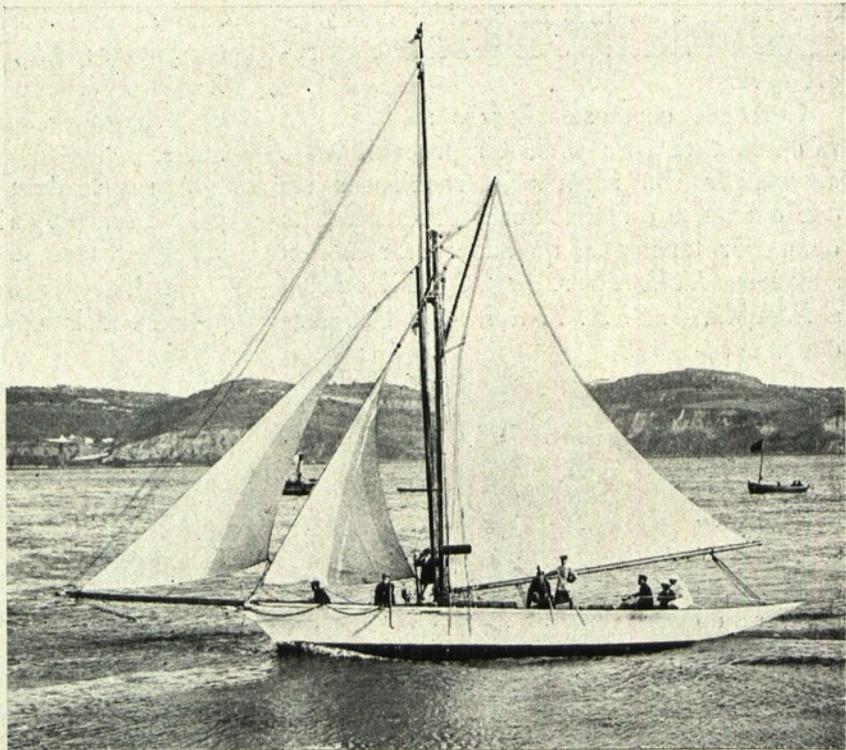
Ao barlaventar para a balisa, faltou-lhe o «estay» do «gaff-top» e partiu-se o mastro por baixo do «calces»

os palhabotes *Elisa* e *Dinorah*, ficando o primeiro vencedor.

Tendo sido condemnado o *Lia*, Suas Magestades adquiriram ha dois annos o palhabote de 118 toneladas e 85 pés de comprimento, *Maris-Stella* (ex-*Sunshine*), construido em 1901 por W. Fife e Son, barco moderno e sem duvida o melhor yacht de vela que iça a bandeira portugueza. Para apreciar os enormes progressos da architectura naval, bastará dizer que tendo o *Maris-Stella* o mesmo comprimento e approximadamente a mesma tonelagem do *Lia*, o primeiro vira de bordo em pouco mais de 20 segundos e

o *Lia* nunca conseguiu fazer essa manobra em menos de 90. Na regata que ha dois annos se realisou em Cascaes, entre as duas balisas da ponta da Rana e Cabeça do Pato, registouse a bordo do *Maris-Stella* a velocidade media correspondente a 13,6.

Dos yachts de menor tonelagem, as canoas constituem um typo de embarcação perfeitamente nacional, e como teem pequenas dimensões não se fazem n'ellas sentir em tão grande escala os inconvenientes do panno bastardo em que fal-



CHALUPA «MARIA LUIZA»



OS VENCEDORES DO CAMPEONATO DA «TAÇA DE LISBOA»

Jorge Ferro — Rogerio d'Almeida — Henrique Bastos — Penaguão — Xavier de Brito

lamos tratando dos cahiques.

As regatas das canoas são sempre muito interessantes não só por serem barcos proximamente das mesmas dimensões, mas também porque sendo o seu custo relativamente pouco elevado é frequente tomarem parte nas corridas embarcações novas, cujas qualidades nauticas se não conhecem, o que faz despertar a curiosidade dos amadores.

Fallando no yachting de vela portuguez mal nos iria se esquecessemos o nome de dois açorianos em quem se traduziu o muito gosto que n'aquellas ilhas ha por este sport.

Referimo-nos ao Barão de Fonte Bella,



CHALUPA «ESTRELLA»

que durante muitos annos foi proprietario do nosso maior e melhor yacht, o palhabote *Aquila*, e ao Conde da Silvã, que n'uma pequenissima chalupa, de formas originaes, chamada *Perola*, fez a travessia de S. Miguel para Lisboa.

No dia 11 de agosto de 1905, durante a permanencia em Lagos das esquadras Inglezas de manobras, teve logar uma regata entre os escaleres dos navios das mesmas esquadras, na qual tomaram parte mais de cem embarcações, entre lanchas, escaleres, balieiras e canôas.

Ficou vencedora uma balieira do *Prince George*, timonada pelo tenente Jackson. O premio, que constou d'uma linda taça de prata, offerecida por El-Rei D. Carlos, foi entregue ao tenente Jackson por Sua Magestade a bordo do navio almirante *King Eduardo VII*.

Estas regatas de escaleres constituem um divertimento para os officiaes e praças, e teem grande utilidade porque são uma optima escola para as guarnições se adestrarem na manobra.

Os escaleres são sempre timonados por

officiaes ou aspirantes, concorrendo os primeiros com dois shillings e os segundos com um para o premio.

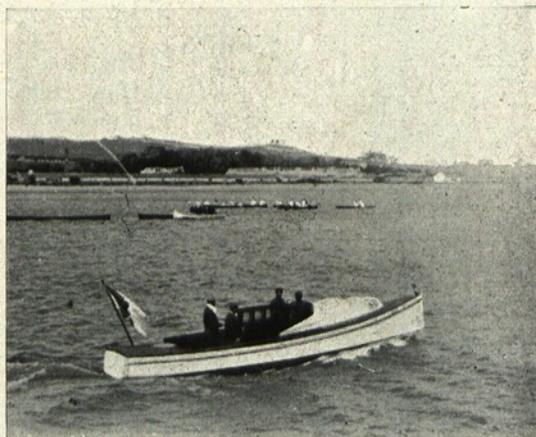
O anno passado em Lagos correram mais de duzentas embarcações, sendo o primeiro premio de dez libras.

O yachting a vapor, muito mais dispendioso de que o de vela, só pode florescer em paizes onde se encontram grandes fortunas, como os Estados Unidos ou Inglaterra. Sua Magestade El-Rei tem tido cinco yachts a vapor, sem contar o pequeno vapor *Dragão*, que pertenceu a El-Rei D. Luiz.

O actual yacht *Amelia*, pertencente a Sua Magestade, foi adquirido em Inglaterra onde tinha o nome de *Banshee*. Foi construido em 1900 por Ramage and Ferguson, mede 70^m,1 entre perpendiculares e desloca 1.370 toneladas. Duas machinas com a força de 1.800 cavallos imprimem-lhe uma marcha de 14 milhas por hora. Tem todos os aperfeiçoamentos que modernamente se adoptam n'estes barcos, taes como caloriferos, luz electrica, ventoinhas electricas, encanamentos de agua fria e quente, doce e salgada, etc.

Alem do *Amelia*, possui El-Rei o pequeno yacht a vapor *Sado*, de 56 toneladas, construido em Inglaterra por Forrestt & Sons em 1898. E' um elegante yacht no seu genero e o seu pequeno calado d'agua permite-lhe subir os nossos rios Tejo, Sado e Guadiana e entrar em todos os portos do Algarve.

Tivemos o yacht a vapor *Và-Inhá*, de 200 toneladas, pertencente ao commendador Jacintho d'Almeida, de S. Thomé, fallecido



GAZOLINO «SALVÉ»

Visconde de Malanza, e o pequeno vapor *Dhalia*, de que era proprietario o sr. Neto de Faro, vapor que mais tarde se tornou notavel por pertencer ao celebre Lebaudy, Imperador de Sahara.

O sr. Duarte Holbeche foi proprietario do yacht a vapor *Gabriella* e adquiriu ultimamente o *Skipjack* de 89 toneladas.

E' um yacht a vapor medindo 84 pés de comprido e 15,5 de boca, construido em 1898 em Inglaterra por W. H. Potter & Sons.

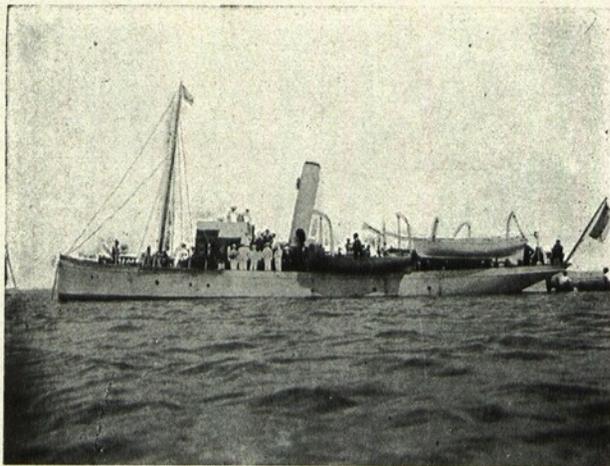
O sr. Miguel da Paxinta adquiriu ultimamente o yacht a vapor *Elisa*, de 61 toneladas, em troca do palhaborde do mesmo nome, yacht em que acaba de visitar os principaes portos do Mediterraneo.

O *Elisa* mede 74,5 pés de comprido e 3,7 de bocca.

Com o desenvolvimento da applicação das machinas de explosão a pequenas embarcações, constituindo o que ordinariamente se chamam barcos automoveis, o sport nautico, constituído por barcos com propulsão mechanica, tem tido grande incremento.

Para a regata do dia 29 do corrente estão inscriptos dezoito d'esses barcos. Das corridas é certamente a que mais entusiasmo está despertando entre os sportmen.

Sua Magestade El-Rei é proprietario d'um barco de caça, *Usona*, movido por um motor d'explosão Lozier de 10 cavallos; os srs. Condes de Jimenes y Molina, Manuel de Castro Guimarães, Fernando Anjos, Mariano Cardoso, Alfredo Black, Jorge Norton e ou-



HIATE «SKIPJACK»

tros, possuem embarcações d'este systema que constantemente faz progresso acompanhando os motores dos automoveis que são muito semelhantes.

O *Club Naval Madeirense*, fundado em 1901 por um grupo de Madeirenses, tem promovido e tomado parte em muitas regatas, distinguindo-se principalmente nas regatas de remos.

E' proprietario d'uma chalupa escola, *Zarco*, e em 1905 construiu na doca de Santo Amaro um bom barracão onde guarda as suas embarcações de remos.

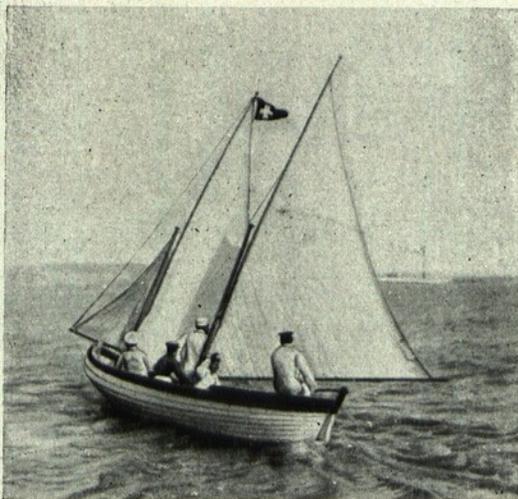
E' commodoro do Club o sr. tenente coronel Alexandre Sarsfield e vice-commodoro o sr. visconde da Ribeira Brava.

Desde 1902 até hoje tem o *Club Naval Madeirense* tomado parte em todas as regatas de remos realizadas em Lisboa e proximidades, em competencia com todos os clubs de sport nautico da capital.

De 26 corridas que tem disputado conta 18 victorias. Ganhou em 1905 e 1906 as regatas de Campeonato da *Taça de Lisboa*, e, faltava-lhe só a ultima corrida, já realisada em maio d'este anno, para ser a possuidora d'ella, mas como foi vencido pelo *Real Club Naval*, de Lisboa, novamente tem que a disputar em varias corridas.

O *Real Club Naval*, de Lisboa, fundado em 1892, é dos clubs nauticos o unico que possui séde propria, situada defronte do Caes da Viscondessa, em Santos. E' o club que conta maior numero de socios e onde estão registados os principaes barcos de recreio.

E' commodoro do club Sua Magestade



BALEEIRA «ANDORINHA»

El-Rei; vices-commodoros, Suas Altezas o Principe Real e o senhor Infante D. Afonso; contra commodoros os srs. Manuel de Castro Guimarães, Duarte Alexandre Holbeche, Carlos Duarte Luz e Henry Bucknall.

Com a victoria obtida pela sua guiga *Celeste* entrou brilhantemente na sua nova phase o *Real Club Naval*.

Em 9 de junho, 7 e 21 de julho, organisou tres festas que tiveram successo.

A primeira foi a regata de barcos de remos, realisada em Azambuja, cujo exito foi completo.

Correram os seguintes: *D. Carlos,*

D. Amelia, Branca, Mondego, Alice e Ave.

Raras vezes temos assistido a uma festa sportiva tão entusiastica.

O local escolhido é dos melhores que conhecemos para esse genero de regatas, e, se tivéssemos voto na materia proporiamos para de futuro todas as corridas de remos se realisarem no mesmo local.

A segunda festa constou do passeio official dos yachts de vela registados n'esse

club, sendo o itinerario de Junqueira a S. Julião da Barra e volta.

N'esse passeio tomaram parte o magnifico palhabote *Dinorah*, do sr. Manuel de Castro Guimarães, contra-comodoro do Club, sob cujo commando manobraram os seguintes barcos: *Vivandière*, do sr. Luiz O'Neill; *Maria Luiza*,

do sr. José Libanio Ribeiro da Silva; *Palmira*, do sr. Mario Allen; *Quenie*, do sr. Wintermantel; *Fatinitza*, do sr. Wimmer; *Gai-vota*, dos srs. Mario Lage e Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro; *Andorinha*, do sr. Jayme Thompson; *Emilia*, do sr. Bernardino dos Santos; *Luciana*, do sr. Henrique Rolim;

Nilo, do sr. Hopfer; *Sirène*, do sr. Stuart Torrie, e *Espadarte*, do sr. Luiz Worm.

Não menos animado e interessante foi o passeio da flotilha d'embarcações, de remos a que se associaram a *Real Associação Naval* e o *Club Naval Madeirense*.

O itinerario foi da sede do Club, em Santos, a Algés e vice-versa, tomando parte no passeio as guigas *Gabriella*, que navegava á frente, seguindo-se-lhe em linha, em serie de tres, a *Idalia*, *D. Affonso* e *Celeste*; *Mary*, *D. Maria Pia* e *Aida*; *Eleonora*, *Insula* e *Alice*; *D. Carlos*, *D. Amelia* e *Mondego*.

A grande regata na

bahia de Cascaes, organizada por importantes elementos do club, para solemnizar o regresso de Sua Alteza o Principe Real, é a chave d'ouro com que o *Real Club Naval* encerra as suas magnificas festas d'este anno.

A commissão promotora da regata é composta dos srs. Jayme Thompson, João Bregaro, Guilherme Pinto Basto, D. José de Noronha e Paulo Henrique Rolim, todos muito conhecidos no nosso meio sportivo.

Além de 18 barcos automoveis e as mais importantes canoas de picada, guigas de varios clubs e escaleres da armada, correrão no dia 29 d'este mez os seguintes yachts: *Maris Stella*, *Dinorah*, *Vivandière* *Maria Luiza*, *Palmira*, *Estrella*, *Andorinha*, *Iris*, *Fatinitza*, *Galateia*, *Emilia*, *Desdemona*, *Espadarte*, *Luciana*, *Fidalga*, *Alforreca*, *Catharina*, *Funchalinho*, *Maria do Carmo*, *Fly*, *Athleta*, etc.

Para a regata se revestir de todo o brilhantismo dignou-se aceitar a presidencia honoraria do jury, Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso.



G. PINTO BASTO



JOÃO BERGARO



JAYME THOMPSON



D. JOSÉ DE NORONHA



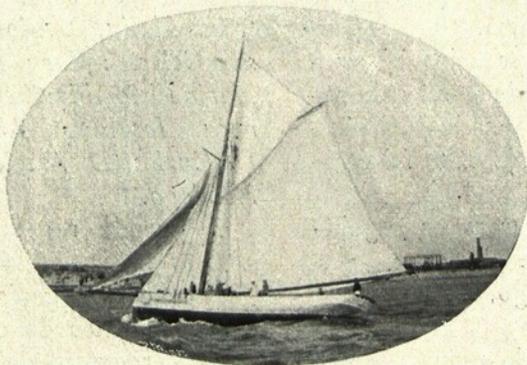
PAULO H. ROLIM

Além dos promotores da regata, os outros membros do jury são os srs. Pedro Franco, Virgilio Costa, Alvaro Gaia, Visconde da Ribeira Brava, José Bernardino, Augusto Pinto Basto, Emilio Burnay, Pedro Navarro, Augusto Moniz, Carlos Dias Costa, Justino d'Oliveira, João Gomes Vieira, João Machado, Manuel da Costa Vasques, Julio Freire da Fonseca, João Cesario Pereira, Luiz

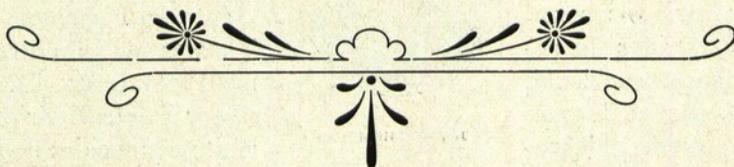
Esteves dos Reis e Guilherme Salgado, representantes de varios clubs.

O sr. A. Thompson, de Londres, considerado o primeiro *handicaper* do mundo, foi quem fez os calculos dos abonos dos yachts grandes.

Para a magnifica festa nautica offereceram lindos premios, Suas Magestades e as mais importantes senhoras da sociedade elegante.



CHALUPA «ORION»



AMOR DE PERDIÇÃO

*Qual douda borboleta esvoaçando
Sobre um antigo candelabro ardente,
Tuas azas de pomba vás queimando
No fogo d'um amôr que sempre mente.*

*É nasceste feliz, em ninho brando,
N'uma tarde d'abril, ao sol poente,
A' hora em que os poetas vão cantando
Serenata amorosa mui dolente!*

*Antes fôsses acúleo d'uma rosa,
Ou verde cardo á beira d'um caminho.
Tua vida seria proveitosa!...*

*O cardo serve, embora pobresinho,
E o acúleo defende a flôr mimosa
Contra o verme que seja mais damninho.*

Mario Florival.



Oliveira Martins

A obra immensa e complexa do historiador portuguez — Como a critica e a Arte a tem comprehendido — A allegoria de Teixeira Lopes — A evolução accidentada d'um pensador: o democrata socialista de Santa Eufemia e o crente e cesarista dos ultimos annos — Uma intensa vida de labôr: o recolhimento de Aguas-Ferreas, como o descreve Ramalho Ortigão — A romagem historica e clarividente d'um alto espirito pela antiguidade: as paginas da «Historia da Republica Romana» — Um capitulo que levou quarenta horas de trabalho — A vida politica, intellectual, patricia e dissoluta de Roma e a sua actualisação — O retratista-psychologo: o perfil de Cesar e a morte de Catão — O politico: o germanista à Mommsen — A hallucinação historica de Oliveira Martins: do inicio da monarchia até ao libello do «Portugal Contemporaneo» — A chronica dos de Aviz: os «Filhos de D. João I» e a «Vida do Condestabre» — A figura incompleta do «Principe Perfeito» e a ultima visão historica de Oliveira Martins — O catão de Utica e o Catão de Branc'Annes — Uma carta inédita de Oliveira Martins.

HA já tempos, n'uma visita leal aos Prazeres a vêr se os goivos florescia mimosos n'uns palmos de raza e escura gleba, que recolhem cinzas de amigo dilecto, deparei n'uma volta do Campo Santo com uma figura de mulher, simples e veneranda, a viuvez bem recolhida em amplas e humildes roupagens, de faces melancholicas esmaecidas, brotando-lhe dos olhos tristes lagrimas, como dizendo a quem passa, ao vento e á tempestade, ás estrellas e aos homens, n'aquellas solidões silenciosas, uma grande saudade numa sentida e clamorosa Dôr...

Erguêra-a alli uma imaginação maguada de estatuario, mestre de execução — assim tão humanamente sincera e desataviada na tristura, como allegoria simples e soluçante da Historia — uma Historia rendida de queixume, a velar a memoria d'uma das creaturas de mais estrema e completa actividade

e de mais fecunda e radiosa intelligencia, que tem produzido seios de mães portuguezas.

As cinzas do historiador estão ainda quentes. Como succede a todos aquelles que muito combateram e produziram, depois que em torno serenou a critica e a paixão perante o silencio da morte, uma luz pura enche os espaços, e começa de brilhar a Verdade, batendo em cheio na fronte alada dos que já não são. Cala-se o odio, emmudece a calumnia, e á mente limpida chega apenas o echo da obra immorredoura e sã — como o clamôr ultimo do germano da lenda, que deposita o escudo no tronco da floresta divina, envia sempre e sempre a Siegrêdo a derradeira ballada de sua alma forte...

A obra tão caracterisada e ampla de *Oliveira Martins* é a sua segunda vida. Esforço enorme d'um cerebro poderoso, refrangendo toda a intensidade intellectual e impetuoso sentimentalismo do artifice, a elaboração do chronista insigne assignala vo-

lume a volume, pagina a pagina, toda a emotividade, raciocinio e até caracter do homem que tanto sentiu e pensou. Refaz-se a curva accidentada da sua existencia e todo o idealismo do homem e escriptor transpa-

cujo viver *Oliveira Martins* une tão elevadamente ao seu, n'uma alma unica, «misturando invariavelmente as nossas breves alegrias, muitas vezes as nossas lagrimas, sempre as nossas dôres e os nossos enthu-



OLIVEIRA MARTINS

rece e palpita, cerzindo as phases de evolução do seu espirito, desde os dias revoltados e tão crédulos do democrata avançado até ao mysticismo transcendente das ultimas horas. Longe é o inicio, a quadra, talvez, de mais rubro e moço entusiasmo da sua vida, a camaradagem intensa de alma e coração com Fontana e Anthero, o sublime idealista

sismos, ou o nos-sodesalento». São os dias apostolicos na administração das minas de Santa Eufemia, em terras de Hespanha, no contacto modesto e exemplar com a miseria proletaria, a angustia negra do trabalhador subterraneo, massa de gente infeliz para quem *Oliveira Martins* foi tantas vezes dedicado e simples enfermeiro, mestre e amigo.

Tinha, ao tempo *Oliveira Martins* vinte e cinco annos; era um rapaz cheio de entusiasmo ardente, a alma incendiada na leitura dos livros de mais avançada renovação, recolhendo em seu animo de revoltado toda a inspiração dos ideaes extremos d'além-fronteira — elle tambem da phalange de Karl Marx e admirador da «In-

ternacional», praticando sempre, nos moldes do funcionalismo, uma inflexivel obediencia ás formulas inquebrantaveis d'um espirito recto e simples. Se um dia, a natureza rude d'um subordinado se erguia n'um impeto de indisciplina ou ultrage, *Oliveira Martins* não lançava mão do azorrague, mas sim com bondoso intento, com prédicas e conselhos apla-

cava e algumas vezes — contam-no testemunhas — até ás lagrimas, o desvairamento do proletario. Aquelle homem sentia em si como que um furôr laborioso, activo e creador, que o havia de estimular ao ponto de consumir sua existencia em intuitos da mais elevada architectura mental, e que no intimo lhe inspirava, na orientação das idéas generosas do seculo, um culto e veneração especiaes por todos os que caminham e luctam na vida por sua forte e digna iniciativa de trabalho.

Assim sentiu e pensou *Oliveira Martins* em Santa Eufemia, depois na Povia, em que a sua penna teve ensejo de traçar com dignidade energica o *Requerimento dos poveiros*, grito angustioso da pobre gente maritima, como antes em terras de Hespanha elaborara a *Theoria do Socialismo* na sincera convivencia dos proletarios mineiros.

Vem depois os tempos decorridos no fecundo e suave remanso da habitação das Aguas-Ferreas, casa encantadora — lembra Ramalho Ortigão em trecho sonoro das *Farpas* — com um gabinete de trabalho recheado de livros, de moveis artisticos, de *bibelots*, ao lado da casa de jantar, rindo atravez das gelosias verdes para o velho jardim musgoso, florido de rosas-chá, com uma gruta de teixos aparados á thesoura á moda do seculo xvii e uma fonte de granito em que a agua, com uma melodia de claustro, corria no tanque sahindo pela bocca de um golphinho.

É, porventura, este o periodo de mais intensa actividade, allí, no retiro delicioso e isolado, diz Eça de Queiros, em baixo em silencio propicio a bibliotheca, onde o Benedictino escreveu seus fortes livros — actividade mais e mais accelerada em seus intuitos, marcando a evolução d'um espirito, que caminhava sem descanso para uma perfectibilidade. Como quem se apresta á observação externa e mais difficil analyse intima do viver historico dos homens, quasi não punhã limites a seu plano e investigação, registando as primeiras obras do escriptor os passos successivos d'uma erudição crescente. A primitividade, as formulas mal definidas e talvez theoricas do mais recuado viver social interessam-no e merecem-lhe estudo; acha util o conhecimento de todas as manifestações da convivencia dos homens, a prehistoria e a civilização incipiente, a era

da pedra polida e a era do bronze, o anthropoide e o troglodita, todos os aspectos dispersos da excavação ethnographica e paleontologica, ainda as civilizações orientaes e os barbaros, e, n'um aspecto mais cingido, a evolução sentimental do ideal religioso, do animismo á mythologia christã, desde o primeiro e mais rude feitiço até á mais aperfeiçoada demonologia moderna.

Já bastante lera e assimilara, achava força no espirito, e intelligencia bem consistente e decidida á romagem longa pelas edades historicas. O critico tão discutido ia erguer bem original o seu vasto e fundo empreendimento, n'um esforço alto e orgulhoso de analyse e composição da chronica passada.

Julgando-o por suas obras — que outro juizo nos não é facultado — aquelle peninsular de alma impetuosa e ardente, era incapaz d'uma analyse fria, imparcial e serena; uma vez colhida em longas e tenazes horas de trabalho a documentação rigida dos factos, ei-lo que se abstrahia e tornava do cálamo; e em transes bem sentidos de imaginação afogueada, percorria um episodio, uma scena ou um seculo, em passadas de intenso dramatismo, e na ribalta entre clares fieis de descripção, fazia surgir os personagens da tragedia humana, clamando suas alegrias ou vertendo suas lagrimas, rindo ou soluçando, heroes ou traidores, santos ou revoltados, reis ou plebeus, mulheres dignas ou barregãs — desde o mais puro até ao mais acanalhado, todos os que gritaram uma idéa ou encheram uma epocha de perversidade ou gloria. Principalmente este dom poderoso e caracteristico da *revivescencia* de phisionomias, caracteres, perfis physicos, ou funda escarpelisação do moral, era tão forte, intenso e elevado em *Oliveira Martins*, que por vezes, na verdade, tão precisa e humana é a perspectiva historica construida pelo chronista, que uma suggestão se apodera naturalmente de quem lê, arrebatando-nos a mente e a vista para onde a pena maravilhosa do escriptor nos quiz transportar.

D'uma vez — e foi uma das suas mais felizes télas-psychicas — *Oliveira Martins* traçando o perfil da austera e culminante intellectualidade, que foi Herculano, aponta e combina em pincelladas magistraes toda a evolução mental e psychologica do homem, cuja alma superior incendiada em *paixão* amarga e feita de despeito respeitavel e te-

dio incommensuravel dos homens e das coisas, se albergava em arido estoicismo nos annos mais pensados da vida, por fim levada a espaiar em voluntario e grato exilio no recolhimento pacifico dos olivédos de Valle de Lobos. *Oliveira Martins* não foi menos um *apaixonado*. Elle nunca pôde, ainda nas mais singelas observações do passado, manter sereno seu espirito, dominar os impetos do temperamento — antes e sempre sentiu e vibrou, teve enthusiasmos e coleras, dôres e alegrias, odiou, soffrêu e amou, e nunca o espirito clarividente e generoso

ha annos ou de ha seculos, daguerreotypando por egual, com extraordinaria retentiva, a physionomia e o intimo dos personagens, o physico minucioso, os habitos e as crenças, os sentimentos, doutrinas e idéas.

Foi assim que n'uma elevada inspiração d'um forte culto pela antiguidade e na companhia nobre de Theodoro Mommsen, *Oliveira Martins* viveu, de Romulo a Octavio Augusto, toda a existencia do povo de Roma, contemplando seus grandes desalentos e os seus mais retumbantes triumphos: em Carthago, quando Régulo batia ás portas da



GABINETE DE TRABALHO DE OLIVEIRA MARTINS

do historiador aqueceu e deu corpo e alma ás cinzas d'uma cavalheiresca e digna figura dos tempos idos sem abafar um grito de enthusiasmo e recolher uma lagrima de saudade d'esses annos e d'esses homens, bem menos convencionaes e bem menos fingidos.

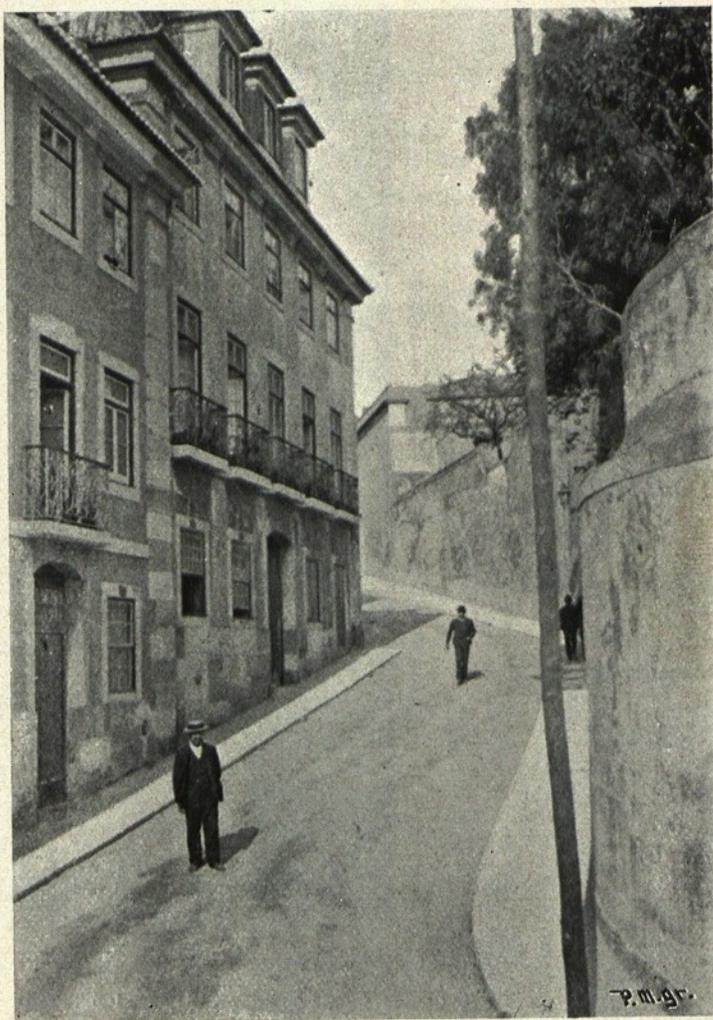
N'uma atmospheria toda de luz, por entre tonalidades bruscas e infinitamente graduadas de colorido intenso, a perspicacia do historiador rasga de alto a baixo o veu do occulto, e patenteia sem desvirtuamento o scenario e movimentação d'uma batalha ou d'um grande acontecimento. de hontem, de

cidade punica, confundindo-se na população, por entre a massa dos mercenarios, á hora amarga do receio, em que pendiam colchas negras das ameias e das torres das muralhas, as meretrizes clamavam no templo de Tanit, em torno do qual scismavam bandos de cegonhas sacrosantas; em Zama, no tropel immenso e variado da batalha, alistado na hoste varrida de Carthago; nas ruas de Roma, no dia magnifico do triumpho de Paulo Emilio (quarenta horas de trabalho intensissimo a chavenas de café, diz Eça de Queiroz, custou a *Oliveira*

Martins tal triumpho), entre a multidão branca togada de lã, vendo desfilar em tres dias successivos todo um grandioso aspecto e scenario da vida ovante da cidade eterna, desde os velhos senadores de tunica lacti-clavia branca e listrada de purpura, até ao espectáculo doloroso de Perseu, o triste rei vencido, derramando entre esgares loucos lagrimas amargas, e até á vista solemne do triumphador, vermelho no manto de purpura e nas faces pintadas a minio, como as dos deuses — Memento Roma! — ; nos tempos agitados da tyrannia, de Mario, o plebeu, e de Sylla, o fidalgo devasso e arruaceiro, de tez effeminada e costumes grêgos e dissolutos; nos annos ambiciosos de Pompeu, o magnifico e vaidoso, de Cicero, o rhetorico excelso e politico ordeiro, de Verres, o gatuno audacioso que saqueou o Parthenon e os templos da Grecia, de Catilina, rei da mocidade aurea e sicario de Sylla, vivendo os fastos decadentes do epicurismo delirante de Roma, na intimidade de Lepido, do actor Esopo e de Marco Crasso, os ricos que compravam e endoicavam o povo com festas; respirando o aroma dos lyrios, rosas e violêtas dos jardins e a sumptuosidade das ceias de Lucullo; vendo passar, em dias calmosos de estio, nas thermas de Napoles, e ás tardes na via Sacra as *preciosas*, esplendida e impudicamente vestidas, a chronica escandalosa e viva de Dolabella, Catilina, Clodio, Curio, Celio, Cesar e Milo, e contemplando, em noites de luar, do terraço da vivenda do poeta Horacio, a divagar pela campina alva de ossadas, a figura enlutada, pallida e ululante da feiticeira Canidia . . .

O historiador, que assim tão familiarmente transitára pela realidade extrema da antiguidade tem sempre um forte estimulo de passionismo, que imprime aos factos, construindo-os com extranho colorido, e com que animava os homens n'um gesto impulsivo, á Michelet, plenos de seiva ardente, sen-

timentos e idéas. A espaços, o chronista como que acorda, olha em torno de si e então, n'uma bem caracteristica ironia, confronta e actualisa, para melhor commentario, os personagens em fóco: Cicero ora é Garrett ou Chateaubriand, ora Thiers ou Rodrigues de Freitas; Roma, em dias sanguinarios de tyrannia, recorda-lhe Paris, centro de agitações demagogicas, na epocha tormentosa



CASA ONDE FALLECEU OLIVEIRA MARTINS NA CALÇADA DOS CAETANOS
EM LISBOA

da Communa, o junho de 1848 recorda-lhe o anno 667 de Mario, em que Sylla foi um outro Cavaignac; Cethego, velho ex-democrata, fura-vidas de secretarias, sugere-lhe o typo do nosso *conselheiro* setembrista, e Precia, sua amante, mulher politqueira e ambiciosa, traz-lhe a memoria Sarah Bernhard; Crasso é Rotschild e Pompeu, o vaidoso e galanteador Pompeu, e é o duque de Avila e Bolama de Roma!

Junho de 1875

Meu caro Guilherme

Muito e muito sinceros parabens. Agradeço-te cordalmente a tua carta, pedindo-te ao mesmo tempo que não dês tamanha importância a uma coisa que não é' em si mesmo mais do que o cumprimento verdadeiramente agradável de um dever. Ainda bem que posso ajudarte nas lembranças sempre que é' ao teu trabalho, ao teu estudo e ao teu character que deverás apossar que alcançares. O mais não vale doí caracoes. - Acaba o teu exame botânico e avisa-me para vires passar aqui uma parte das tuas férias ou toda, como quizeres. Adeos; um abraço ás mães e Cre^{na} na sempre teu
 O teu irmão
 Joaquim

Falta um n.º da
Academy

CARTA AUTOGRAPHA DE OLIVEIRA MARTINS A SEU IRMÃO

O retratista-psycologo, pintor de caracteres ou pintor de almas, feição que a critica tem apontado como predominante em Oliveira Martins, consumma as suas melhores e mais aprimoradas obras. O *personagem*, descripto nas minuciosidades de

seu viver, em todo o caracteristico de sua physionomia e mediante a sondagem mais funda de todo o seu intimo, avança para nós, amaldiçoado ou excelso, puro ou devasso, senhor de Bondade ou agente do Mal. . . Contemplem-se, que se não lêem, os

ultimos momentos de Catão, desilludo do bem da Republica perante a ambição feliz e fatal de Cesar — transfigurada imagem do que fôra antes, de toga esfarrapada, barba esqualida e os cabellos emmaranhados, resvalando do leito sobre a propria espada, n'uma agonia serena e fortalecida com a leitura das paginas perfeitas do *Phedon* de Platão, — olhos no céu, com o rosto banhado da graça ideal — graça e atracção mystica que um critico illustre não tardou em apontar nas horas derradeiras de *Oliveira Martins*...

E acompanhe-se o artista, quando com affecto, respeito e manifesta paixão de alma, resurge o vulto dominador de Cesar, vertendo em paginas arquejantes, a côres de fogo e analyse de gume, a vida agitada do tribuno, general, imperador e deus, desde os primeiros passos d'uma ambição calada, até ao tragico momento d'aquella tarde, em que o tyranno e supremo corruptôr cahiu no Senado ás punhaladas, rolando ensanguentado e envolvido na purpura imperial, aos pés da estatua de Pompeu.

Cesar foi para *Oliveira Martins* um symbolo sympathico e querido, a authentica e mais palpitante concretisação d'uma tradição e formula de poder, que o futuro politico havia de abraçar inda mais extranhamente n'uma anachronica e mal succedida theoria de governação. Forma-se-lhe na contemplação do idolo — Cesar, homem perfeito e completo, homem positivo e de alta razão — o particular e entranhado culto que sempre lhe mereceram os representantes mais typicos do ideal absolutista e divino, suggestão que a critica erudita de Silva Cor-

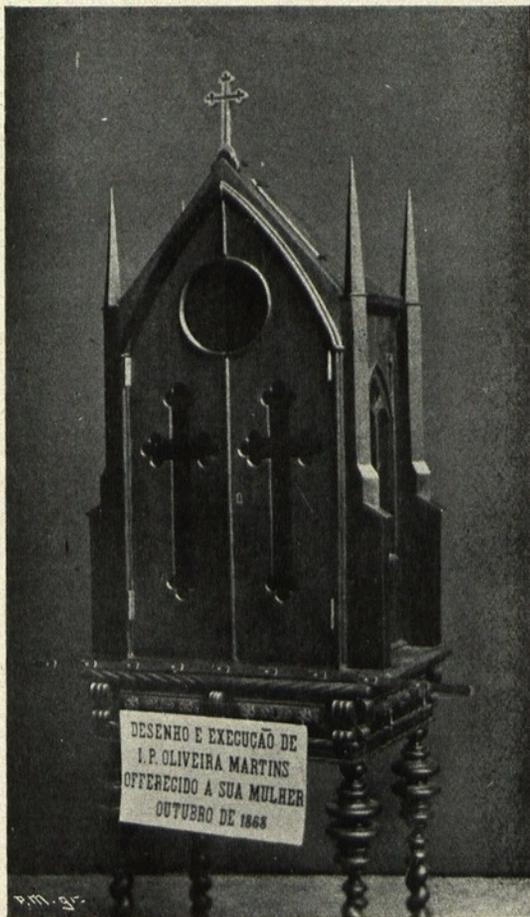
deiro vae filiar em igual tendencia de Theodoro Mommsen, o alto e vigoroso espirito da ala dos pensadores germanos, que olhavam incessantemente no passado, a data humilhante de Jena, preparando pela doutrina a vindicta segura de Sadowa e Sédan, n'um vôo amplo e rasgado para a realisação da forte Allemanha moderna — aspiração que foi o bismarkismo e é hoje o Imperio na hypertrophizada pessoa de Guilherme II.

O mesmo idealismo, identica auto-suggestão poderosa e constante compenetrrou sinceramente a alma do historiador portuguez, principalmente depois que seu espirito amplamente se retemperou na analyse da culminante existencia historica da nacionalidade patria.

Toma-o a allucinação vidente, que illumina o genio dos chronicistas, e nos seculos primeiros faz-se, com leal intuito, subdito fiel de Pedro I, o rei gago e feio que tudo castigava, especialmente os peccados da carne, agitando, rubro e grosso em transes delirantes de furia, o látigo que sempre trazia á cinta — reiafina democrata, amado

e temido de seu povo e que em noites de insomnia descia ás ruas da cidade, folgando despretenciosamente com a plebe; como seculos volvidos, percorre os tempos proximos, a *melancholia historica*, que é o libello do *Portugal Contemporaneo*.

São as paginas mais apaixonadas do historiador — cujo intimo minava já o pessimismo, um pouco do superior desdem intellectual, que tão altivamente assoberbou, no ultimo quartel da vida, o animo de Herculano — donde a critica exacerbada da sociedade e dos tempos da *impiedade* constitucional, a



TRABALHO EM MADEIRA EXECUTADO POR OLIVEIRA MARTINS



OLIVEIRA MARTINS NO SEU GABINETE
DESENHO DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

ironica galeria, Saldanha, o «heroe», Palmella, sceptico, perspicaz, fumador eterno e indolente, aristocrata e desdenhoso, politico da escola de Canning, D. Pedro, general de inverno, e os *sympathicos*, D. Miguel, Terceira, guerrilheiro sincero, Silva Carvalho, rude homem de negocios, e Mousinho, o pensador austero e erudito — perfis, não poucos, mal definidos ou adulterados...

Mas este povo tivera altos destinos, que cumprira em seculos venturosos, erguendo ao apogeu da Historia o esforço d'uma raça.

O chronista-dramaturgo, dispondo de tão poderosa força animica, com que vitalisava, n'um extenso halo de luz, os homens

e os capitaes factores, que foram elementos dynamicos d'uma decorrida era de viver social, sentia em si, n'um assomo de patriotismo, uma mais forte auto-sugestão, transportando-se, de olhos abertos e clara perspicacia intellectual, aos annos fastigosos da epopéa nacional. A sua incredulidade sincera, fructo de desillusões politicas, necessitava seguro refugio, a athmosphera sã e rubra de fé da mais enthusiastica epocha do viver portuguez. O *presente* era para elle, só descrença e lama, n'esta patria que nem uma morte gloriosa lhe parecia desejar, como a de Alvaro Vaz de Almada em Alfarrobeira.

Exilar-se, pois, procurar anciosamente abrigo e deleite na convivencia com esses mortos de ha tantos annos, — que lhe povoavam a solidão dos campos de Branc'Annes. Um elevado atavismo recuava irresistivelmente a alma transfigurada do historiador para muitos seculos atraz: foi-se a *viver*, enquanto lh'o permittiu a saude, batalhar, soffrer, amar e conquistar louros com Nun'Alvares e na concomitancia historica da geração inclita de Aviz — na observação querida e attenta «d'um dos phenomenos mais nobremente interessantes da passagem dos homens sobre a terra».

Verdadeiramente, nas paginas então elaboradas se reconhece que nunca o espirito de *Oliveira Martins* palpitou em tão fortes emoções, jamais o historiador tão alta e sinceramente se apaixonou pela eloquente significação dos homens e factos passados.

O periodo feliz e curto de Aljubarrota á data lugubre de 1580 resumia para *Oliveira Martins* toda a exuberante afirmação da virilidade da patria. E em face das complexas e poderosas manifestações do genio nacional, o historiador, penetrando-se e comprehendendo-as, quiz enfeixa-las nas soberanas qualidades de individualidades superiores, synthetizando convergentemente as capitaes modalidades do espirito d'uma epocha. Assim *Oliveira Martins* creou e ergueu os grandes *symbolos* no apogeu da Historia portugueza. Tal a biographia heroica do Condestabre, toda tecida de credula veneração, nimbada do mesmo sentimental mysticismo á Carlyle — Nun'Alvares, joven com laivos de histeria, coração ingenuo e mente incendiada em combates e leituras de novellas cavalheirescas, idolo no altar da patria, es-

pirito puro e medieval alfim occulto, seu termo logico, no burel de Frei Nuno de Santa Maria, no recolhimento do claustro e na vegetação fria das cathedraes, longe os tempos de Galaar, preso na contemplação da unica realidade: o Céu.

Taes são os perfis elevados dos *Filhos de D. João I*, a historia veridica, movimentada e varia das qualidades, feitos e alto merito da vida d'uma familia prestante e valorosa, da raça real d'Aviz.

A curva completar-se-hia com a resurreição das figuras de D. João II, Albuquerque, e o occaso triste em D. Sebastião, Nun'Alvares posthumo, a decadencia e a suffocação pelo catholicismo delirante da Hespanha.

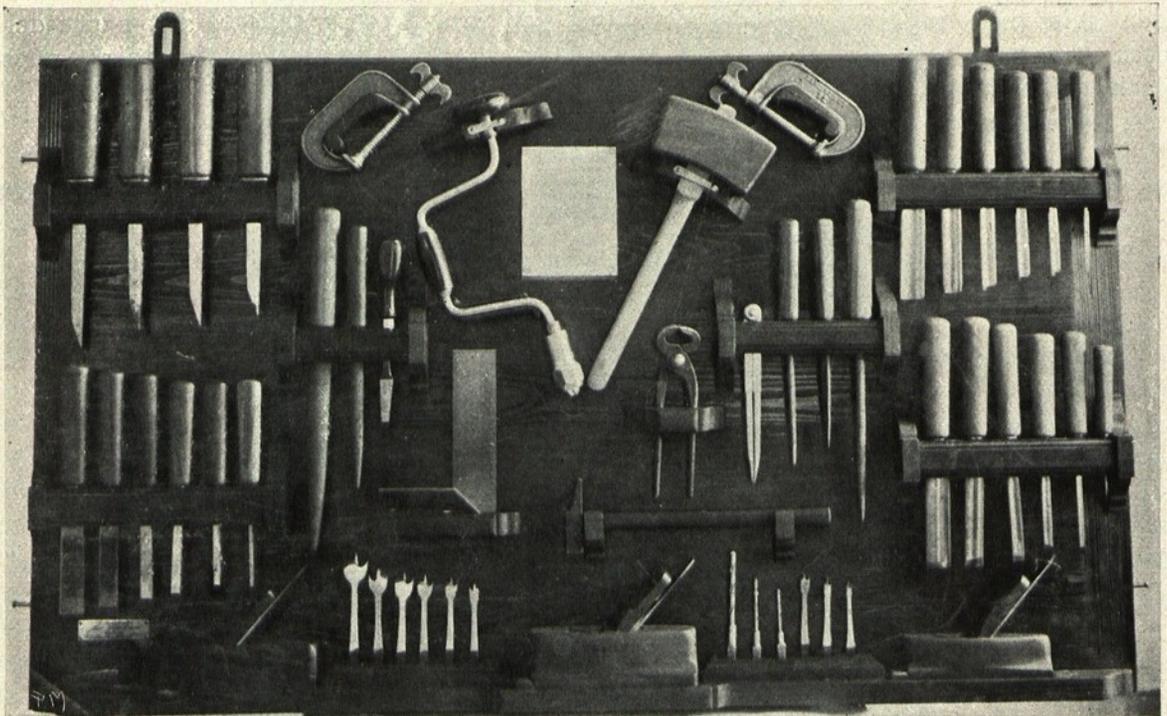
Já a doença lhe trazia alquebradas as forças, o que não impediu que *Oliveira Martins* recolhesse por largo tempo, forte decommentação, em tombos e bibliothecas, e fosse até Castella vêr, como era seu methodo, os logares assignalados pela acção de Toro.

la agora, ser companheiro e confidente de mais uma soberana figura historica, e esta altamente querida: o *Principe Perfeito*, cuja alma inteira elle desejava bem recolher até á agonia em Alvôr, ultimos e crueis desenganos. Inda o contemplou no primeiro feito de sua deslumbrante mocidade, na veiga

enlameada de Toro, por entre o clamôr de gritos, trombetas e atabales, a sanha heroica do alferes Duarte de Almeida, o tropel da lucta e a desventura guerreira, dos nossos, em que punha ainda um clarão de esperança, na luz baça da tarde ennevoadá, a resistencia garbosa do infante D. João...

O fim do capitulo primeiro e unico que ficou do *Principe Perfeito*, é palpitante e veridicamente melancholico e amargo, como devia de ser o rebate da morte que, não obstante o poderoso alento espirital do enfermo, quasi perennemente devia resoar ante seus olhos, succedendo a uma ou outra miragem de saude impossivel: Affonso V, soberana e triste imagem da desillusão, lá parte a caminho de França, ingenuamente crente na astucia de Luiz XI, corre-lhe pela face opada uma lagrima de saudade, lembrando os dias ditosos de Arzilla... Foi a suprema visão historica de *Oliveira Martins*.

Na influencia hostile da doença desfallecia-lhe o pulso, que a custo movia inda um resto da energia nervosa. Que admirava! Vigor maior não se comprehende, e assombra na verdade a sua intensidade de trabalho, medida em momentos culminantes de sua vida litteraria. As ultimas paginas da *Historia da Republica Romana*, referiu Luiz



de Magalhães, foram escriptas em dois dias consecutivos de trabalho, apenas interrompidos para comêr — mas não para dormir: passou duas noites em branco, escrevendo!

Quando organisou a Régie e nos primeiros tempos da sua passagem pelo ministerio da fazenda, trabalhava extenuamente, dezoito horas por dia! E as linhas que ficaram, fragmento concluido do plano do *Principe Perfeito*, foram levados a cabo, com tão poderosa vista e febril alento, em Branc'Annes, n'um dia do ultimo mez de sua vida em seis exhaustivas horas de actividade mental.

Ainda uma vez lhe brilhou mais viva, resplandecendo-lhe o rosto, aquella luz de *graça* ideal que feriu Catão. Ambos advogavam em suas convergentes crenças, as Alturas, uma serena e elevada Paz dos Espiritos, plainos de nirvanica felicidade, onde aspiram iniciar uma outra e tranquilla existencia aquelles para os quaes de ha muito cahiu por terra, murcha e pisada pelos homens, o ultimo ideal, a illusão extrema. Com

a mesma fé, crepitante e resoluta, um, o de Utica, ante a decadencia de seu povo, que julgava proxima, buscou a hora anniquiladora, enviando uma ultima saudação a um Passado, que julgava perfeito, modelo de salutar e inexcedivel civismo; outro, o de Branc'Annes, arredou do intimo amargurado o ultimo despeito, paralysoou em si qualquer mais forte ambição do presente, creou-se um mundo de abstracção e particular recolhimento, e como diversas são as soluções do problema espiritual da Vida, ainda na sua feição mais melancolica e pessimista, *Oliveira Martins* preferiu Christo a Budha, na ancia de uma consolação para a sua alma, bem christianisada e ardente. Assim o historiador

abraçou a effigie do crucificado, com mystico affecto e muito d'aquelle ideal entusiasmo, que lhe tinham communicado Nun'Alvares e os velhos heroes portuguezes do seculo xv. E do cerebro, ultimo refugio da vida, esvaiu-se-lhe o sér, n'uma derradeira phosphorescencia de Genio!

José Lobo d'Avila Lima.



TUMULO DE OLIVEIRA MARTINS NO CEMITERIO DOS PRAZERES



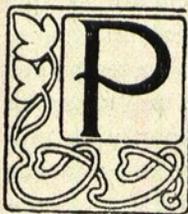


○ CARAMULO ○

(Conclusão)

VII

— As aldeias da serra. Um sanatorio em perspectiva. A pedra d'Arca e a sua lenda. As casas e os moveis. Em S. João do Monte. A lavadeira. Ha cinco annos e agora. Coitadinha!



PARA traz de nós ficavam já o Malhapão de Baixo e Malhapão de Cima, pequenas aldeias, muito pobres, na vertente que dá sobre o Agadão; ficavam os Jueus, onde se admiram as bellas pedras,

por toda a parte acavaladas, formando torres, delineando figuras, aparentando fortalezas, simbolisando monstros; ficava Almofala com a sua ribeira a verdejar em milhos e a linda capella de granito, em frente, sobre o caminho de Dornas, que deixavamos ao norte, escondida na bacia que lhe deu nome, com a sua taberneira por sentinella; ficava á direita Lacciras, com o seu lindo cabeço de Valle de

Castello e a celebre fonte de Partalâ ou Casa da Moira, onde, segundo tradicções e documentos antigos, esteve refugiado D. Antonio, Prior do Crato e nesse dia couberam 25 excursionistas, tal a sua grandeza; ficava depois o Cadraço com as suas pequeninas casas de colmo, do tamanho de nichos e ao lado, na vertente da serra, o Pedrogam e o Carvalhinho, suspensos sobre o valle, como doisinhos d'aguia n'um rochedo.

Depois d'um pittoresco *lunch* no Seidão, tomámos o caminho das Paredes, onde chegámos de salto, inesperadamente, por ser a aldeia n'uma cova, rodeada de cabeços.

E eis-nos, portanto, na melhor, mais saudavel e mais prospera aldeia do Caramulo.

Melhor, porque é onde se vive mais desafogadamente e com menos trabalho; mais saudavel, porque assenta n'uma bacia formosissima, abrigada do norte e aberta para o sul, farta de fontes e sol; mais prospera, porque em virtude da sua situação e do seu clima, ali tem



NO CAMINHO DA SERRA — UM SONHO!

corrido algumas familias em procura da saude perdida, havendo já um chalet e varios projectos de construcções para tuberculosos.

N'esse chalet visitámos uma bondosa senhora que ali tinha passado todo o verão e contava passar o inverno.

Foi o marido d'esta senhora que nos forneceu os interessantes dados que colhemos acerca da privilegiada situação d'essa aldeia, dados que podem resumir-se no seguinte:

As Paredes são a mais bem situada povoação do Caramulo, esplendida para se viver, mas sobretudo para a cura da tuberculose, segundo a opinião de muitos peritos que ali teem estado; é de facil acesso, havendo já estrada até quasi ao pé; está cercada de pequenas e encantadoras aldeias, como é o Janardo, antiquissima povoação onde existem ainda vestigios d'uma cadeia e memoria d'um tribunal; o Guardão já com as suas casas brancas e as tradições da antiquissima abadia; e, mais ao longe, a Quinta da Cruz, S. Thiago, Campo de Besteiros, Lourosa, Casal d'Asco; tem, finalmente, lindas vistas, sobretudo a que dá sobre o valle, esse imenso e pittoresco valle comprehendido entre o Busaco, Louzã, Estrella, Montes das Chãs, até Castro Daire.

Com que saudade deixamos todas essas aldeias, com os seus laranjaes e bellos prados!

Mas o nosso caminho era outro. No diario da nossa perigrinação estava escripto que iriamos nesse dia pernoitar a Varzielas, o que com effeito se realisou.

Varziellas é simplesmente uma grande povoação, a maior do Caramulo.

Deixámol-a na madrugada seguinte, anciosos por chegarmos a Espirito Santo d'Arca e descansarmos á sombra do seu famoso dol-

men, o que em pouco tempo conseguimos porque fomos sempre a direito, despresando caminhos e carreiros.

Abandonado á margem d'um caminho, rodeado de mato de seculos, assenta esse famoso dolmen, ou Pedra d'Arca, como lhe chamam os conterraneos.

É formado por tres grandes columnas de granito, que suportam uma enormissima pedra que — isto é uma verdade incontestavel para o indigena — ali foi posta, certo dia, por uma moira, fiando na sua roca!

Alguem tentou já fazer excavações, mas teem aquillo como coisa sagrada, não deixando, por isso, mexer lá seja quem fôr.

Apesar d'isso ninguem ali sabe o que representam essas pedras, nem a idade que teem. Sabem apenas que são do tempo dos moiros, que foram ali postas por uma mulher e teem o nome de Pedra d'Arca.

A santa ingenuidade, a candida poesia do povo!

*

Eis em breves linhas o presente esta-

do fisico e social do Caramulo, com tudo o que o passado lhe deixou. Essa é a sua população, esses os seus monumentos.

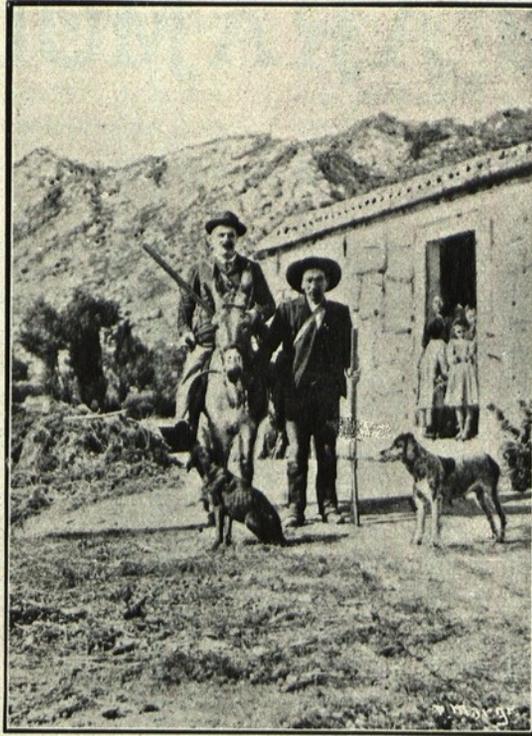
População laboriosa e amiga, que nunca passa, em teres, além do pão de cada dia, e em commodidades, do pequeno casebre, umas vezes de colmo outras de telha vã, mas sempre casebre, sempre nicho.

As casas da serra são assim: não teem luz, não levam cal, não lhe abrem portas nem janelas.

É por isso que não teem limpeza.

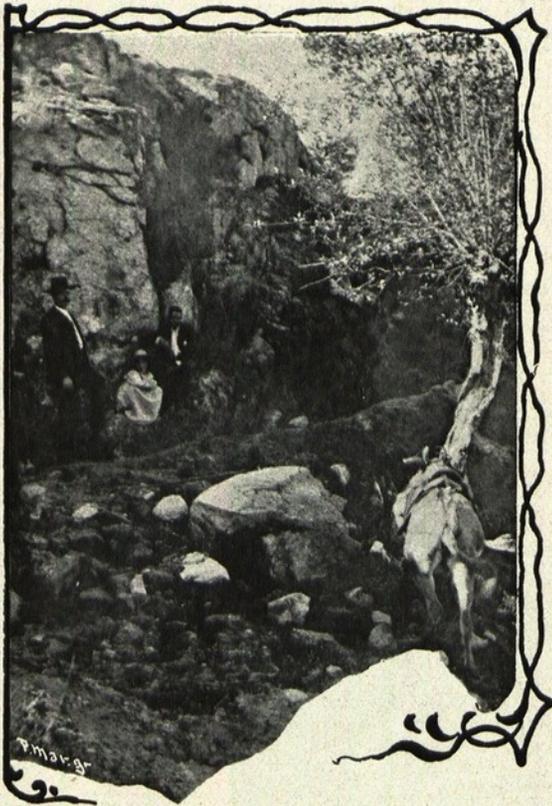
Qualquer traste, n'uma d'essas cozinhas, parece que escapou ao incendio de Troia.

Os pratos, as facas, as bacias, as mesas, os cantaros, tudo isso veste uma tão formidavel



UM CAÇADOR NA SERRA

O Dr. Tavares Festas sahindo para a caça, em manhã de neve



A FONTE DO CADRAÇO

tunica de esterco, que a gente chega a duvidar se aquillo é louça ou terra em bolo.

As paredes da casa sempre negras, o telhado sempre esburacado. A lareira essa é onde calha: á entrada da porta, no canto do fundo, encostada á cama onde dormem e até muitas vezes, em communidade com o curral do porco.

Como sempre a ignorancia e a miseria confundidas!

S. João do Monte é uma excepção. Já a distancia a gente vê que deve ser uma terra açada. Com efeito é a unica que brilha ao longe. E de resto bastava a sua bella escola para a tornar fulgente.

Mas tem outros monumentos.

Antiga villa, conserva ainda o seu pelourinho e a sua cadeia, hoje transformada em estrebria.

Tem ainda uma boa igreja com uma alta e bem construida torre, uma farmacia e uma solida ponte sobre o rio, o poetico rio onde... Mas para que heide eu contar?

É lá que as raparigas do logar lavam e cantam o dia inteiro.

E foi lá, — porque não hei-de contal-o? — que encontrei n'uma manhã de agosto, ha quatro annos, lavando e cantando, debruçada na corrente, a mais formosa e esbelta rapa-

riga de quantas, entre as classes pobres, eu tinha conhecido.

Chamava-se Perfeição e na verdade era perfeita.

D'essa vez os meus companheiros de viagem eram moços alegres e sem noção alguma do que fosse o sentimento e a esthetica. Por isso desviaram-se do sentimento e do culto e começaram brincando, doudivanas.

Deitavam-lhe agua, sujavam-lhe a torrente, diziam-lhe larachas, emquanto eu me abismava, na muda contemplação do seu perfil de hebreia linda.

Ah! mal sabia então essa formosa lavadeira que emquanto os outros lhe faziam partidas, havia ali alguem que a admirava com esse prazer e admiração que só o artista e o poeta sabem ter.

Em certa altura e não sei porque traficancia feita a ella, molhara-me, por engano. Mas deixou logo tudo para se desfazer em desculpas para comigo.

Senti-me embaraçado, confundido, e não sei se foi nobre se ridiculo o meu agradecimento, ainda, por esse banho matutino que me vinha da pequenina concha das suas mãos de neve.

Á despedida eu fôra o derradeiro. E tive desejos de ir apertar-lhe aquella mão tão bem talhada e tão mimosa, mão de operaria intelligente que lavava e costurava, essa mão que já lhe dava o pão de cada dia e que teria de ser, depois, talvez, o unico amparo de seus filhos.

Decorreram quatro annos. Eu era outro, mas a ponte, mas o rio eram os mesmos.

Em baixo, como annos antes, n'essa manhã d'agosto, raparigas lavavam e cantavam.

Debrucei-me na ponte, olhando as lavadeiras... Mas ah! fiquei suspenso e fiquei triste.



ALMINHAS DA SERRA

Porque ella lá estava, lavando talvez a mesma roupa, sobre a mesma torrente e á sombra do mesmo salgueiro verdejante.

Porém não era a mesma. Uma funda tristeza junta á palidez do rosto, davam-lhe um aspecto tão outro do que fôra, que eu senti a ancia das lagrimas.

Ao seu lado brincava uma creança de tres annos. Seria d'ella?

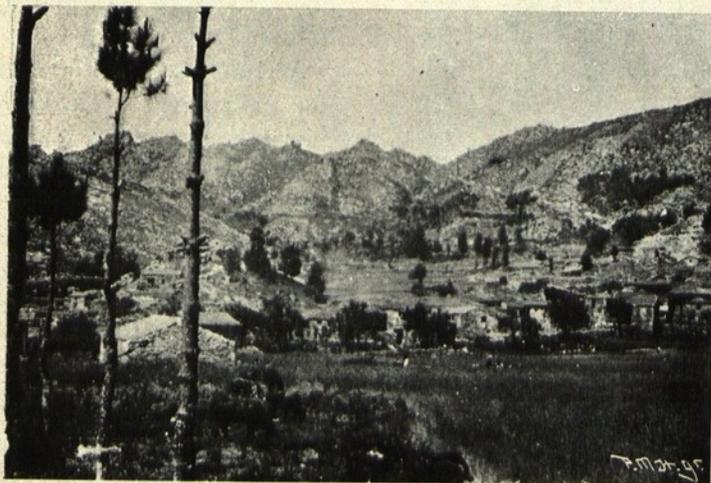
— Não, responderam-me; mas a d'ella deve ser quasi da mesma idade... Foi o padre, o outro...

Sim, sim; eu já sabia... Mas vê-la, agora...

Mirei-a attentamente.

Coitadinha, como ella me fez pena, ali tão só entre as companheiras descuidosas, batendo todo o dia a roupa suja, com os pés na corrente e o pensamento quem sabe se no seductor que a deixou, se no abandono e na miseria que a rodeiam...

Coitadinha!



PAREDES DO GUARDÃO

VIII

— A religião e as romarias. Superstições do povo. Uma palhaçada. Visão antiga. O homem do forno. O milagre e o profeta anafado, gordo, rubicundo...

A dez minutos de S. João, no alto da Abo-bada, deteve-nos uma serie de grandes cruces graníticas, dispersas na montanha, algumas já cahidas, mutiladas.

Uma mulher que nos acompanhava explicou que era ali antigamente a via-sacra de Santa Izabel.

Eu disse que as cruces nos detiveram e não que nos surprehenderam, porque nada, religiosamente falando, ali nos surprehende.

O Caramulo é, por toda a parte, cheio de superstições e de crendices.

Não ha caminho nem carreiro onde se não encontrem alminhas. Algumas teem um cofre anexo para a gente devota deitar o seu vintem.

Ha ainda os cruzeiros e as capellas, que todos teem a sua festa, que todos teem a sua romaria.

E que festas e que romarias!

Farto de trabalho e privações, quando vem uma festa, os caramuleiros esquecem tudo e partem para a liberdade, para a malta. Levam os filhos, a mulher, os parentes; comem, bebem, dançam, cantam, riem; dizem tudo, fazem tudo, podem tudo, resistem a tudo.

Ha só uma coisa a que não resistem: é ao seu rosario, ás suas devoções.

Ir, por exemplo, á Senhora das Dôres e não estar ao menos uma hora, de joelhos, diante da sua imagem, a pedir coisas e a fazer promessas; ir lá e não dar trez voltas, de rastos, em volta da capella, isso é falta de

sentimentos e seria melhor ficar em casa.

É no cumprimento das promessas que melhor se avalia a superstição d'aquella gente.

Ha mulheres que se privam do seu unico cordão d'oiro para o deitar ao pescoço da santa, em paga de certo milagre.

E chega isto a tal ponto que só á Senhora das Neves, festejada em Varzielas, offereceram este anno, em objectos d'oiro, a assustadora quantia de 1187000 réis. Isto, fóra o resto.

Mas são promessas, dizem, e representam milagres.

Ha quem venha de dez leguas com a espi-



EGREJA DO GUARDÃO

nhela caída, na certeza de voltar completamente são, depois de dizer certas palavras, á missa, entre a hostia e o calix.

Para outros basta-lhes acenderem uma vela á santa e era d'uma vez a doença.

Os jumentos e os bois, curam-se fazendo-os jejuar desde o curral até lá, dando em seguida com elles certo numero de voltas á capella.

Ha desgraçadas que se fartaram de atravessar montanhas, para virem ali cumprir o rosario que prometteram á Senhora dos Milagres por ella lhes ter feito o favor de permittir que certa porca dêsse á luz sêm novidade os dez leitões, livrando-as ainda de não ser verdade aquillo que diziam das filhas.

Com um velhote falei eu que tendo sido sempre uma victima do flato, voltara um dia curado... Milagre que a Senhora dos Affictos lhe fizera em troca de 27000 réis que alcançara da venda d'uns carneiros.

E assim o resto, donde se conclue que as romarias são, para certa gente, o mais valente e certo ramo de commercio de toda uma região.

*

Por ocasião da minha penultima viagem ao Caramulo, ha quatro annos, assisti a uma destas romarias, na Urgueira.

Festejava-se a Senhora da Guia e de longe tinha vindo um milagreiro metter um bolo n'um forno, que andara a aquecer, desde a vespera até esse dia á tarde.

Pelas estradas a multidão do povo precipitava-se avidamente para vêr.

Eu levava tambem muita curiosidade dentro em mim.

Sabia evidentemente que ia encontrar-me com ceremonias supersticiosas: mas comtudo ia vêr, como toda a gente.

Alguma coisa devia colher de tudo isso.

E com effeito houve um momento em que me senti impressionado, vivamente, profundamente impressionado mesmo. Foi quando ao avistar-se de longe o arraial, descobri o forno onde ia realizar-se o prodigio, com a bôca escancarada para o norte e lá dentro, no bojo ardente e tenebroso, revolvendo-se chammas infernaes, que saiam depois como linguas fantasticas, diabólicas, envoltas em fumo e faúlhas.

Procurei na memoria onde tinha já tido igual visão.

Lembrou-me o Dante, alguns padres da egreja, mas sobretudo a idade média com as

acusações do Santo Officio e os autos de fé da Inquisição.

E aquillo era bem a imagem viva d'essas tremendas fogueiras, onde victimas árdiam, rabiando, sacrificadas á ignorancia da plebe e ao fanatismo e intolerancia dos padres.

No olhar deslumbrado do povo lia eu claramente a lembrança do inferno, com as suas chammas sempre vivas, os caldeirões de chumboderretido, os grandes poços d'azeite fervendo noite e dia, tostando, fritando, derretendo corpos humanos que cham como chouriças gordas n'um brazeiro.

Todos nós sentiamos, sem duvida, o horror d'essa fogueira ardente.

E eu teria ali mesmo prégado a guerra santa á multidão, se não soubesse já que aquillo era o tal forno onde um charlatão ia fazer a sua palhaçada.

Esta lembrança levou-me toda a impressão de grandeza e terror panico.

Subimos ao alto. A festa começava. Da parochia distante chegava um padre velho em habitos talaes, com a procissão do povo, solfejando o velho cantochão do ritual, atraz d'um espantoso bolo que quatro homens transportavam aos hombros, n'uma padiola enorme.

O grande milagre ia realizar-se. Uma viva anciedade se mostrava em todos os rostos.

O forno estava já apagado e varrido.

Contudo esperou-se ainda uma hora que pareceu um anno. A curiosidade augmentava. Quando entrará o homem? Como será elle? O que irá succeder-lhe?

E esperou-se ainda outra hora que pareceu um seculo.

Pelo seu lado o homem do milagre esperava tambem.

Mas esperava a quem? mas esperava o que?

Esperava que o fumo se extinguisse, porque o ia cegar, mas esperava sobretudo que o forno arrefecesse, e arrefecesse a ponto de poder entrar impunemente.

Com effeito, só quando todo o fumo e todo o calor do forno se haviam dissipado é que se viu surgir o homemsinho, curvado sobre o bolo, que elle arrastava a custo, para dentro.

E deu a volta ao forno, rapidamente, curvado sempre sobre o bolo enorme, saturado d'agua, que d'esse modo ainda mais atenuava e absorvia a ação calorifica, saindo de lá como qualquer de nós sairia — perfeitamente conservado e fresco.

Acto continuo surgiu no pulpito, ali impro-

visado, a trovejante figura d'um profeta, anafado, gordo, rubicundo.

Era o padre cheio de zelo apostolico, proclamando a existencia de Deus, evidentemente provada pelo espantoso milagre que todos nós acabavamos de presenciar.

Do seu pulpito o prégador disse o que quiz.



DOLMEN DE ESPIRITO SANTO DE ARCA

Tive a coragem de ouvir tudo, desde a primeira á ultima palavra.

Quando acabou, o povo, ajoelhado, suspirava aqui e ali.

E atravez do longo valle, outros padres apregoavam, e mais povo ajoelhava, suspirando...

IX

— Os naufragos da serra. Na noite funda. O cansaço e o desalento. «Descer, escorregar, cair!» Salvos. Uma povoação alarmada. Os caceteiros a postos. Eu e elles. Os ladrões e os lobos. Como o povo castiga. «Se nós eramos ladrões...» Um padre D. Juan. Dois tiros de bala a uma cama. Descançar corpos. Meditação da noite. Eu e Confucio n'um palheiro. Dormindo, emfim!

Mas onde iamos nós?... Ah! é verdade, tinhamos ficado no alto da Abobada, notando, admirando as cruces mutiladas.

Tomados os apontamentos devidos que uma pobre mulher, com o seu menino de oito mezes ao colo, nos ia dando, seguimos derrota para o sul.

Aquelle era já o nosso quinto dia de viagem. Sentiamo-nos, por isso, saturados de ventos e montanhas. Precisavamos partir, mudar de rumo...

Para onde?

As nossas aldeias, perdidas na extensão da planicie longinqua, respondiam florindo, aceitando por nós.

Começámos, pois, descendo...

Desde Adaires até ao Freimoninho, os caminhos enganam mais que em parte alguma da serra. São tudo voltas e tudo pedregulhos. É a região dos grandes valles, formados pelas faldas da serra, que continuam outras serras e outros valles.

Mas era a descer, por isso tudo nos ajudava.

Depois viamos a Bairrada, as nossas terras...

Mas que longe ainda!

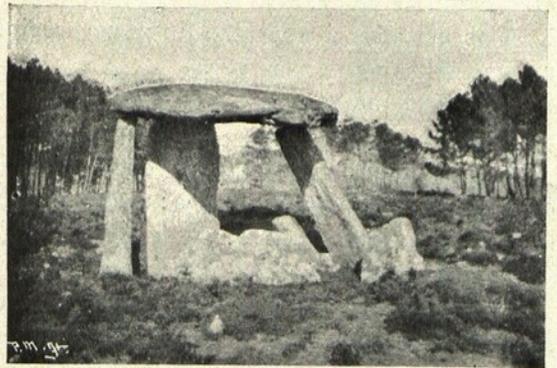
A aldeia mais proxima era a minha e distava ainda cinco leguas. Onde iriamos dormir?

Tomámos o caminho do Agadão que fica a meio do grande valle que desce do alto Caramulo, nos plainos d'Almofala, e vae até proximidades d'Agueda.

Um vento agudo que soprava do mar, dos lados da Torreira, flagelava-nos as carnes e impedia-nos a marcha.

As ladeiras sucediam-se umas ás outras, como as ondas no mar. Mal se venciam uma, outra se erguia logo, enorme, intransitavel, desoladora.

Do Castello á Côrte dir-se-ia caminho para 15 minutos, a passo; pois andámos uma hora, a trote sempre. Para maior contrariedade veio



OUTRO ASPECTO DO DOLMEN

a chuva, essa maldita chuva das serras, tocada de vento frio, que mal poisa no fato está logo nos ossos.

Felizmente passara, e nós podémos chegar ao Freimoninho com dia claro. D'ahi em diante começou a noite, que de repente se fechou, como sempre sucede nas montanhas. E com a noite começou tambem nosso martirio. Logo á saida do lugar perdemos o caminho. Mette-

mos, por isso, em frente, na direcção que julgávamos ficasse o Agadão.

A primeira encosta passou-se sem cuidados. O mato era pequeno e as botas ainda traziam brocha.

Meia hora de travessia precipitou-nos no Aljão, pequena quinta sobre a serra, despoçada ha muitos annos.

Em baixo era o abysmo: descer era dizer adeus ao mundo para sempre.

Virámos a poente, cortando novas encostas, pisando novas penedias, agora mais luzentes e escabrosas.

O valle sumira-se de todo na escuridão compacta da noite, que era agora profunda como o ceu, silenciosa como a morte. Que rumo tomar? Ninguém sabia, ninguém via. Era só noite. Noite para toda a banda: noite para traz, noite para a frente; noite para a direita e para a esquerda; noite sobre a cabeça e debaixo dos pés; noite no ceu, noite na terra, noite nos olhos, e porque não dizel-o? noite no coração.

Depois nem uma luz, nem uma casa que nos indicasse genta viva.

Onde iam? para onde desciamos? Nós sabíamos lá! Desciamos na noite para o desconhecido.

Um de nós, que levava os pés em sangue, caminhava supplicado. Outro que já perdera o pau e o chapéu, avançava arrastando-se, sem dizer nunca uma palavra, doente de fadiga, o corpo escangalhado e lasso.

Em má situação ia tambem o nosso auxiliar, o Manuel, porque transportava o farnel e todos os apetrechos da malta.

Como o peso era, com efeito, demasiado para tal caminho, e elle começasse a praguejar contra os penedos, aliviámo-lo, levando cada um de nós o que podia.

De vez em quando paravamos, para escutar... Nenhum rumor, nenhum signal de vida. Apenas serra e sempre serra.

E a noite escurecendo mais é mais; e nós sempre descendo e sempre tropeçando a cada passo.

Ha que tempo andariamos nós sem rumo e sem esperança? Fosse o que fosse: descia-se. Demais, ninguem contava já com coisa boa. Todos tinham perdido a esperança de dormir debaixo de telha, aquella noite.

— Muito felizes seremos nós se não chover, dizia-se já, porque emfim, mesmo entre duas carquejas se póde passar uma noitada.

Entretanto a ladeira era cada vez mais pedregosa e ingreme.

Cada passo que davamos era um trabalho a que nos sujeitavamos.

Nenhum de nós falava já. A unica coisa a interromper o silencio das trevas, era a queda dos nossos corpos, *bac, bac*, rolando em seguida sobre pedras, até poderem fixar-se com as mãos.

Se cada um de nós fosse a contar as suas quedas, n'essa noite, decerto contaria mais e mais terríveis que todas as que Christo deu, desde a casa de Caifaz, á de Pilatos, á de Anaz, por toda a rua da Amargura até ao cume do Calvario. Tantas ellas foram e tão desastradamente dadas, que os fundilhos das nossas calças desapareceram completamente, golpeados pelas rochas e desfiados pelo mato.

A certa altura da serra, brilhou, um pouco a sul, uma luz vaga, que depois se avivou até ser clarão, até se revelar incendio. Era longe, porque mal ouviamos uma voz, clamando.

Gritámos de cá tambem. Ninguem nos respondeu. Seguimos. Mas ah! tanto andar, tanta descida, tanta queda, tanta praga... aquillo tinha que findar, aquillo devia acabar algures.

Mas não: tudo se desfazia em pedregulho e abysmos.

A treva; o mato, o vento, a fome, a ancia de chegar a algures, o receio de não encontrar ninguem, tudo isso nos martirisava o corpo e entristecia a alma.

Por fim faziamos a unica coisa que fazer podiamos: descer, escorregar, cahir.

De vez em quando paravamos para nos contarmos, não se tivesse desviado algum, indo cahir por entre os arrifes, com o craneo despedaçado.

E a noite continuava profunda, tragica, infinita, misteriosa como o sonho dos mortos, traiçoeira como o punhal do assassino.

Não comiamos nem bebiamos ha muito, mas ninguem falava em fome nem em sede.

A unica coisa que ainda nos preocupava era não morrer ali.

Tratava cada um de guiar sua carcassa, que a cada passo se emborcava em quedas mortas, successivas.

E o Agadão não aparecia nunca e nós não podiamos mais!

Que fazer ali em plena serrania, e em plena treva! Quem viria buscar-nos, conduzir-nos, descobrir os naufragos da serra?

Pensava cada um desta maneira, quando

sentimos uma voz! Ah! Fosse quem fosse, era um semelhante; viesse d'onde viesse, era um amigo nosso. Era uma voz que nos falava, um ser vivo que surgia, para nos roubar? para nos degolar? Quem pensaria n'isso!

Afinal a povoação que procurávamos era ali mesmo e aquella voz a d'um velhote que nos sentira e estava comentando com outros.

Quando entrámos na pequena aldeia do Agadão, ou antes da Lomba, porque Agadão é toda uma freguezia, guiados pelo velho, notámos o quer que fosse de anormal no rosto e nas maneiras d'aquella boa gente, por habito tão tolerante e tão pacata.

Logo á entrada, um grande numero d'homens, gravemente postados na rua, com varapaus enormes, suficientes para exterminar uma legião romana, punham n'esta aventura uma nota sediciosa, com sangue e a morte em perspectiva.

A porta da taberna, a que nos dirigimos, estava ladeada por duas filas de valentes.

Eu sorri-me. Tinha compreendido tudo. Disse ao entrar:

— Podem recolher as armas, porque nós somos inofensivos: vimos em nome da paz.

Conservaram-se quedos. Eu continuava sorrindo... Antegosava já a estupefação d'elles, quando lhes dissesse a minha terra e quem era... Porque todos ali me conheciam, todos ali me estimavam do coração.

Sabia bem que todos nessa mesma noite ainda, me viriam oferecer da sua ceia, pondo ao meu dispôr a melhor cama da sua casa. Conheciam-me todos e a todos eu conhecia. A minha aldeia ficava logo do lado oposto da montanha, a duas leguas. Elles miravamos, desconfiados, eu contemplava-os, sorrindo.

Quasi todas aquellas caras de suissas emaranhadas e barba sob o queixo, eram minhas conhecidas. Tinha-as visto, por varias vezes, em minha casa, em todas as vesperas de certas feiras e de certas romarias, rindo francamente, pe-

rante o acolhimento e a amizade de meus paes.

O velho que primeiro nos apparecera, dirigiu-se-nos confiadamente, quasi em segredo e com boas palavras. Não quiz abusar mais. Citei uma terra e disse um nome. D'ahi a pouco todos os cacetes estavam arrumados e a taberna cheia d'homens que riam alegremente.

Mandámos preparar a ceia. A taberneira acendera o fogo e fervia a agua, enquanto nós iam conversando e cascando batatas para um alguardar de barro.

O velhote, entretanto, contava, historiando:

— ... Pois nós julgavamos que fossem ladrões, porque estamos escaldados. Já não é a primeira nem a segunda vez. Ainda ha bem pouco tempo um malandro aqui roubou uma egua com a respectiva cria, sendo agarrado só d'aqui a umas quatro leguas. Pois um assalto que aqui deram ha anos?

Eram uns cães d'es-ses lados da Bairrada, que embora soubessem do officio, acharam-se comtudo enganados. Os roubos foram feitos de noite, pelas janellas das casas. Quando demos por elles, estava já quasi tudo enfardelado... E foi um inferno! Toda a gente se ergueu e armou, correndo desatinadamente. Era d'inverno: chovia se Deus a dava! Em baixo, o rio era um diluvio! Pois os ladrões não tiveram me-



FALDAS DA SERRA — UMA GRANJA

do da enchente: perseguidos por toda a parte, não tiveram más nem boas e atiraram-se ao rio! Mas nós iam resolvidos a tudo menos a perdê-los de vista, menos a deixá-los escapar; por isso lançamo-nos também á agua que era tanta, que não deixava atravessar ninguém. Dois d'elles, fartos de tentativas sobre a corrente, deixaram-se prender. Um terceiro metteu-se no cabouco d'um moinho, mesmo debaixo do rodizio. Pois ahi mesmo o fomos arrancar. Outro quando ia a atravessar o rio, sentiu-se montado e seguro á mão tente, vendo-se por isso obrigado a recuar, depois de se fartar de beber agua sem copo.

— E mataram-n'os?

— Matar não, mas apanharam uma bella montaria, toda a noite, até que foram ao outro dia de manhã para Agueda.

— Olhe se nós eramos ladrões... Não nos ficava um osso direito!

— Os senhores é outra coisa... Mas olhem que quando aqui chegaram, estavam mais de cincoenta cacetes e para cima de vinte revólveres e pistolas engatilhadas, á vossa espera! Isto é para vos dizer tudo.

— Agradecemos a franqueza.

E o velho, bom palrador, bom fumador, ia acendendo cigarros e contando prodigios. Depois do assalto aos ladrões, contou-nos varios assaltos aos lobos.

— Os lobos, disse um de nós... Olhem se elles nos apareciam hoje; que bella ceia tinham.

— Ah! escusavam de ter medo: já não ha nenhum. Matámo-los todos.

— Como! mataram-n'os todos? isso é lá crível?

— É como lhes digo. Quando algum ou alguns nos assaltavam o rebanho e deixavam alguma rez despedaçada, não se retirava: envenenava-se com estrichinina e como elles voltam sempre onde fizeram a matança, comiam a rez e juntamente a morte. Além d'isso a camara dava uma libra a cada pessoa que matasse um lobo; por essa razão foi uma guerra de morte, emquanto os houve.

E o velho palrador seguia desfiando historias tragicas. Em certa altura aludiu a um padre que fora um traste.

Exigimos factos.

— Um traste? mais que traste: um ladrão e um velhaco. A familia a quem elle aqui mais devia era ali a do tio... (aqui baixou a voz para dizer um nome e contar o caso infando). Pois não obstante ir lá comer todos os dias, entrar lá quando queria, ser emfim considerado como filho dos velhos, elle que faz? Des-honra as duas unicas filhas, que havia na familia e *fica-se na sua fresca ribeira*. As raparigas d'ahi a mezes, deram ambas provas evidentes do crime. O pae que é um bondoso homem, teve um desgosto enorme. Ia morrendo de pena. Apesar d'isso não quiz tocar no padre nem com uma unha; foi preciso que um cunhado, certa noite, depois de metter duas balas n'uma espingarda, trepasse ao passal e espreitando por uma janella a occasião de elle se deitar, lhe mandasse as duas balas que por desgra-

ça se perderam, indo espetar-se uma na travesseira, outra na barra da cama. Mas embora as balas o não apanhassem, o diabo sempre o levou. Deixou a freguezia no dia seguinte de manhã e d'ahi a tempos morreu.

*

Depois da ceia pedimos um palheiro. Todos queriam dar camas

Recusámos tudo o que não fosse uma casa com palha seca e uma coberta, se houvesse, para cada um.

Quando emfim nos vimos enterrados em palha, o estomago cheio, a consciencia tranquila, os trabalhos quasi findos... Uns adormeceram logo, outros... Falo de mim: eu não sentia somno. Evocava logares e impressões. Pensava na gente que vira e a quem falara: nos seus usos e costumes, no seu infortunio, na sua ignorancia e no seu abandono.

Ah! quanta dôr e quanta privação sob o riso franco, hospitaleiro desses pobres serranos!

Só quem conhece a vida nas suas luctas e já viu e sentiu o que fazem os outros, — os que não são povo, — é que pode avaliar toda a tragedia que é a vida deste povo das serras.

Nada do que torna a vida boa e commoda elles conhecem. Os beneficios da civilização, param-lhe sempre ao fundo da montanha.

Coitados, sabem lá o que é percorrer cem leguas n'uma hora, atravessar o mar imenso sobre a prôa cortante d'um navio ou equilibrar-se no infinito ao simples impulso d'um vapor?

Não; nunca mesmo tiveram quem lhes dissesse que a terra vae ainda além das ultimas montanhas, que elles avistam, que se move, que é redonda, que tem grandes mares e grandes lagos, grandes montanhas, grandes rios e cidades maiores que toda a sua serra!

Não, nunca lhes disseram que o espaço e o tempo são infinitos, que a sciencia é producto do trabalho do homem, o homem um producto da terra e a terra uma parcella minima do cosmos.

Não, nunca viram uma machina tirando por dia um milhão de jornaes, que milhões de leitores devoram avidamente; nunca falaram com um semelhante, claramente, a dez mil leguas de distancia, por meio d'um simples arame; nunca leram um livro, nunca entraram num muzeu; nunca percorreram uma fabrica, nunca penetraram n'um observatorio, nem ouviram um fonografo reproduzindo vozes conhecidas e amadas.

Nenhum devaneio, nenhuma sensação d'arte. Nunca entraram num theatro, nunca assistiram a um drama de Shakespiare ou de Ibsen; nunca ouviram as divinas, profundas harmonias de Wagner ou Beethoven.

Desconhecem os caracteres da imprensa e os prodigios da chimica. Não sabem como se levanta um viaduto, se fabrica uma locomotiva e em seguida se rompe um tunnel de dez ou vinte leguas.

A' sua porta bate unicamente o frio e a chuva, passa unicamente a fome e o sacrificio.

Verdadeiros desherdados da terra e do amor, pagando para tudo sem que de nada gosem.

Nuncam mandam e são sempre mandados; dão sempre e não recebem nunca.

Ah! porque não incluiria Dante este suplício entre os horrores do seu Inferno?

*

Sobre a minha cabeça uma lanterna espalhava o seu clarão mortiço, á luz do qual me abysmava e me perdia em fundos pensamentos e impressões.

O cerebro ardia-me, o coração pulsava com vehemencia.

Pobre gente e triste vida! Quanto eu desejaria fazer-lhes, se alguma coisa pudesse, em seu favôr...

E ocorriam-me as palavras de Confucio, ditas uma tarde, ha trinta seculos, a Tseu-lou, discipulo do filosofo:

—Desejaria conseguir um doce repouso para os velhos, conservar uma fidelidade constante aos amigos e conhecidos, prestando ás creanças e aos fracos cuidados e desvelos paternaes.

As palpebras cerravam-se-me... E contudo eu pensava, pensava sempre. Em que?

Nelle e sempre nelle, o povo triste, o povo explorado, sacrificado, metralhado; nelle que tudo faz e nada tem, que produz tudo e passa fome, que tece o pano e sente frio, que ergue os palacios e vive em choças, que ilumina as cidades e vive sem luz e sem calor, ao fundo de cavernas salitrosas.

Quando chegará o dia... Quando

abrirás, em fim, teus olhos tristes, ha tantos seculos vendados... Quando... quando... A alampada extingui-se e as palpebras velaram-se.

Dormia, sonhava, emfim!

Mortagua — Novembro, 1905.

THOMAZ DA FONSECA.

P. S. — Durante esta narração vez nenhuma se alude ao nome dos meus companheiros de viagem. E' justo que aqui, ao menos, se preencha essa lacuna.

Foram elles:

Alexandre de Seabra Santos, meu companheiro de seminario e hoje um dos meus amigos mais intimos. Rasgou a batinha e veio para a vida, onde é um bom e um justo, trabalhando sempre para a sua maior e mais integra independencia moral. Reside em Lisboa.

Antonio Ferreira Coelho, professor primario em Sangalhos — Anadia, sobre cuja personalidade eu já tive o prazer de escrever algumas palavras, quentes de admiração.

Antonio Gonçalves Estevam, de Aveiro, outro meu companheiro do seminario. E' hoje padre e unico amparo de sua familia.

Dr. Joaquim da Silveira, meu amigo de Coimbra, onde muita vez o encontrei folheando a *Ração Antiga* na vasta bibliotheca da Universidade. Esta hoje notario em Alcanena.

Joaquim de Barros, da Fogueira (Anadia). Bom amigo e bom companheiro de viagem.

José Rodrigues Pires, de Coimbra, a esse tempo empregado da livraria Ferreira & Oliveira. Vizitou-me por essa occasião e foi o meu companheiro mais inseparavel.

Antes d'estes outros companheiros subiram comigo a serra, entre os quaes destaco o Lopes d'Oliveira, pelo relevo da sua figura litteraria e porque mais de perto viveu sempre do meu coração e do meu espirito.

T. F.



DESCENDO PARA A CIVILIZAÇÃO

Uma das primeiras casas com vidros ao norte do monte, no ponto em que se desce para Vizeu

O Poeta Julio Ripado

TENHO ás vezes a impressão de que ainda o vejo, só, encostado á porta da livraria, delgado e pallido como elle sempre foi, como se aquelle logar ainda me falasse d'elle e eu não tivesse a certeza de que o Julio partiu e as minhas impressões são apenas saudade.

Nunca rapaz algum foi mais docil e mais natural; ninguém, como elle, viveu e passou quasi estranho ao elogio e á inimizade; qualquer poeta, no inicio da sua carreira artistica, jámais pôde ser tão perfeito ou mais original. Reiebro isto tantas vezes quantas as que d'elle me recordo, e por uma suggestão natural e bem encantadora parece-me que a sua vida pequenina foi um fio d'agua batido d'um lindo effeito de luz, que correu admiravelmente, e admiravelmente se extinguiu.

Quando elle adoecera, pelo verão do anno passado, corri uma tarde a Bemfica para o visitar. Fazia então um tempo claro, um calor amarellado de estio, que sufocava em suores d'uma violencia irritante. E foi quebrado de forças por essa luz e calor intensissimos, que o fui encontrar sentado n'uma sala voltada para o campo, mais branco e magro do que nunca, quasi sem energia para a surpresa d'uma visita que elle estava bem longe de esperar. E vi que se tornara d'uma pallidez tão fria e d'uma

fraqueza tão manifesta que até o proprio ar livre lhe causava febre, e a tosse o suffocava.

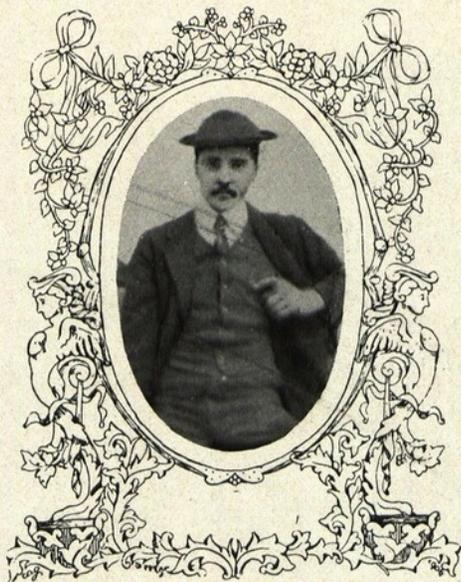
Lembro-me ainda que pouco falámos para que não se excitasse. No entanto as poucas horas da nossa conversação foram naturalmente ligar-se ao movimento litterario dos rapazes do nosso tempo. E *este* que entrava decalcando velharias, *aquelle* que não em-

prehendera movimento algum d'Arte moderna e seguia combatendo assumptos e idéas que haviamos recebido sob um ponto de vida artistico e moral, — *um* insitante, *outro* obscuro, e afinal quasi todos paralisados e paralisando, sobre essa ordem de discussão, que era o encanto unico da nossa vida, discorremos em todo aquelle tempo de boa memoria, salientando o Julio a sua vontade de que a saude lhe voltasse e com ella a hora de publicar o livro que deixou quasi concluido.

Perto da noite voltei para Lisboa e dias depois parti de Lisboa para o Minho, sem que mais uma vez o pudesse vêr.

*

N'uma manhã de março vieram dizer-me que o Julio havia fallecido no dia antecedente. E desde então surgiu a vontade simplissima e enternecedora de lhe publicar o livro de versos, como elle o desejara e tal qual elle o abandonou.



Dentro das forças d'essa geração iniciada, que elle sentiu e na qual tinha um limitado numero de admiradores, porque á maioria faltava educação para que o comprehendessem, o Julio Ripado é, senão um valor insubstituível, pelo menos um artista que faz falta a esse pequeno grupo, por nosso mal, tão carecida de intelligencias. A simplicidade dos seus versos, natural e viva, que possuia o valôr tão raro de ser da sua época; a originalidade tão agradável das suas idéas, simultaneamente delicada e característica; o seu modo de ser artistico, sem preocupações de exterioridade engenhosa, detendo os aspectos mais novos, os estados mais puros, a percepção mais fina, tudo isso, brotando naturalmente da sua vida, do seu talento, d'uma educação satisfeita com mil preocupações d'Arte, engrandeceram o nome já brilhante d'este Poeta de vinte annos, e a mim, de momento a momento, dão-me a illusão de que ainda o vejo. . . só, encostado á porta da livraria, delgado e pallido como elle sempre foi. . .

Lisboa — Junho de 1907.

Alfredo Guimarães.

Versos ineditos de Julio Baptista Ripado

HISTORIAS SIMPLES

Aquelle velho predio, decadente,
A desabar, de tosca frontaria,
Que deitaram a terra, certo dia,
Foi o enlevo d'esse pobre crente!

Reliquias de um amor omnipotente
Todo feito de sonho e phantasia:
A varanda d'onde ella lhe sorria,
E d'onde lhe falava, antigamente. . .

Caso de amor, bem simples, na verdade!
Ella morrerá! Não tem novidade. . .
Ha tanta historia, assim, na vida inteira. . .

Quando elle soluçava esta amargura,
Descobri-lhe nos bolsos — que loucura!
Pedras, vidros, pedaços de madeira!

O GATO AMARELLO

Era o enlevo bom da tua vida
Tão solitaria e quasi sem abrigo,
Velhinha entristecida,
O teu gato amarello, o teu amigo!

No dia em que morreste, com certeza
Havias de pensar, enternecida,
Que o gato, sem guarida,
Morreria de fome e de tristeza. . .

O teu susto, porém, foi illusão! . . .
Vive feliz, e não vae ter contigo. . .
Mais gordo, e folgasão
O teu gato amarello, o teu amigo!



CLOTILDE

Vives a rir, lá fóra, divertida,
E eu bem sei que esta minha novidade
Vae perturbar agora a tua vida.

Eu não sei, mas não seria crueldade
Permanecer callado, quando existe,
Longe de ti, qualquer contrariedade? . .

Sabe pois que na tarde em que partiste
Da casinha onde môras, tão singella,
(Sem te importar se eu ficaria triste)

Deixaste por descuido, que revella
Tua pressa talvez, tua alegria,
Abertas as vidraças da janella.

E assim, com a medonha ventania,
Por estes nossos sitios tão frequente,
Batem uma na outra, noite e dia!

Infelizes vidraças! . . . Toda a gente
Se commove de assim as vêr cumprindo
Esse triste destino omnipotente!

A pouco e pouco, os vidros vão cahindo,
Um hoje, outro amanhã se despedaça,
Emquanto vaes gosando este mez lindo.

E o perigo, depois, para quem passa
Lá em baixo, na rua, em seu caminho,
Longe de suspeitar de tal desgraça!

Já hontem de manhã, esse velhinho
Que tanto te respeita e te venera,
Seguindo por aqui, feliz, sósinho,

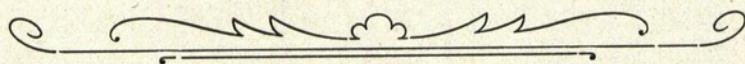
Foi attingido na cabeça austera
Por pedaços de vidro, desprendidos
Da janella que o vento desespera!...

E então certos visinhos atrevidos,
Que levam todo o tempo lamentando
Este descuido teu, tão commovidos!

Isto não pode prolongar-se! Quando
Voltasses, ficarias humilhada
Tão risonha e gentil, no lar entrando...

.....
Envia breve a chave da morada,
E eu proprio irei (será o teu desejo!)
Cerrar esta janella desvairada.

E, ao mesmo tempo, encontrarei ensejo
De provar (não me leves isso a mal!)
Os damascos que ha tantos dias vejo
Tentando-me — tão bons! — do teu quintal.



Quarto concurso photographico dos "SERÕES"

MENÇÃO HONROSA



ASPECTOS DE PAREDES (Margens do Souza)

Photographia do Sr. Manoel Gomes Pinto — Porto



A lenda DO Canzarrão

Capitulo XIV

O CÃO DOS BASKERVILLES

(Conclusão)

ESTAVA aberta a porta principal, e portanto, investimos por ali dentro, invadindo quarto atrás de quarto, com grande espanto do atarantado jarreta do criado, que nos surgiu no corredor. A não ser na sala de jantar, estava tudo apagado; Holmes, porém, pegou no candieiro, e não lhe escapou canto da casa por esquadrinhar. Nem vestígios sequer do homem de quem andávamos á caça.

No andar de cima, contudo, um dos quartos de cama estava fechado á chave.

— Ali dentro está alguém! exclamou Lestrade.— Ouvi qualquer coisa mexer-se.— Abram essa porta.

Lá de dentro chegaram nos aos ouvidos um débil gemido e uma rastolhada.

Holmes atirou uma patada á porta, logo acima da fechadura, e escancarou-a de par em par. De revólver em punho, arremetêmos todos três por ali dentro.

Mas nem o minimo rastro do temivel e precicaz malfeitor que nós esperavamos encontrar. Em vez d'elle, defrontou-se nos um espectáculo tão extranho e inesperado, que por instantes ficámos todos três pasmados e boquiabertos a contemplá-lo.

O quarto havia sido accommodado em simulacro de museu, e forravam as paredes um certo numero de estantes envidraçadas, atulhadas com aquella collecção de borboletas e de traças, cuja accumulacão constituia o recreio daquelle ente tão complexo quanto perigoso. Ao meio do aposento erguia-se um prumo, collocado em tempos para escorar a cimalha carunchosa que aguentava o tecto. A este poste estava amarrado um vulto, tão enfunicado e enrodilhado nos lençoes de que haviam lançado mão para manietá-lo que ninguém seria capaz, á primeira, de dizer se seria um homem ou uma mulher. Em volta da garganta tinha uma toalha, amarrada no tardo do pilar. Outra, a tapar-lhe a parte inferior do rosto, e por cima, a apparecerem dois olhos, — e olhos a exprimirem dôr e vergonha e uma aterrada interrogação — fitos em nós três. Num relance arrancámos-lhe a mordaca, soltámos os liames, e mistress Stapleton baqueou no sobrado a nossos pés. No acto de lhe descair sobre o seio a formosissima cabeça, vi, rubro e distincto, o vergão de uma chicotada através do pescoço.

— Aquella féra! clamou Holmes. Depressa, Lestrade, venha o cantil! Assente-a na cadei-

ra! Desmaiou a poder de máus-tratos e de exaustão.

Tornou a abrir os olhos a desventurada.

— Está salvo? indagou — Escapou?

— Não pode escapar-nos, minha senhora.

— Não, não é isso, não me refiro a meu marido. Sir Henry? Está salvo?

— Está.

— E o cão?

— Morreu.

Arrancou lá de dentro um suspiro, de satisfação.

— Louvado seja Deus! Louvado seja Deus! Ah! aquelle infame! Vejam em que estado me deixou!

Arregaçou as mangas, e com horror vimos que os braços estavam todos elles cheios de nodoas e vergões.

— Isto, porém, nada é — nada absolutamente! O que elle me atormentou, infamando-m'os, foi o espirito e a alma. Tudo lhe supportaria, maus-tratos,

a solidão, um viver de decepções, tudo, em fim, enquanto podia ainda aferrar-me á esperança de que possuia o seu amôr; agora, contudo, vejo que, com respeito a isso, tenho sido o seu ludibrio e um mero instrumento em suas mãos.

E veio cortar-lhe a palavra um soluçar apaixonado.

— Não tem motivos para lhe querer bem, minha senhora, commentou Holmes. — Queira dizer-nos, pois, onde teremos probabilidade de encontrá-lo. Se é que o auxiliou em pra-

ticar o mal, auxilie-nos, agora, para o compensar.

— Existe apenas um ponto para onde elle possa ter fugido, respondeu. Ha, uma mina antiga de estanho numa insua, lá no proprio coração do marnel. Era ali que elle tinha o cão escondido, e onde havia feito umas certas dis-

posições no sentido de poder contar com um couto. Será para ahi que terá fugido.

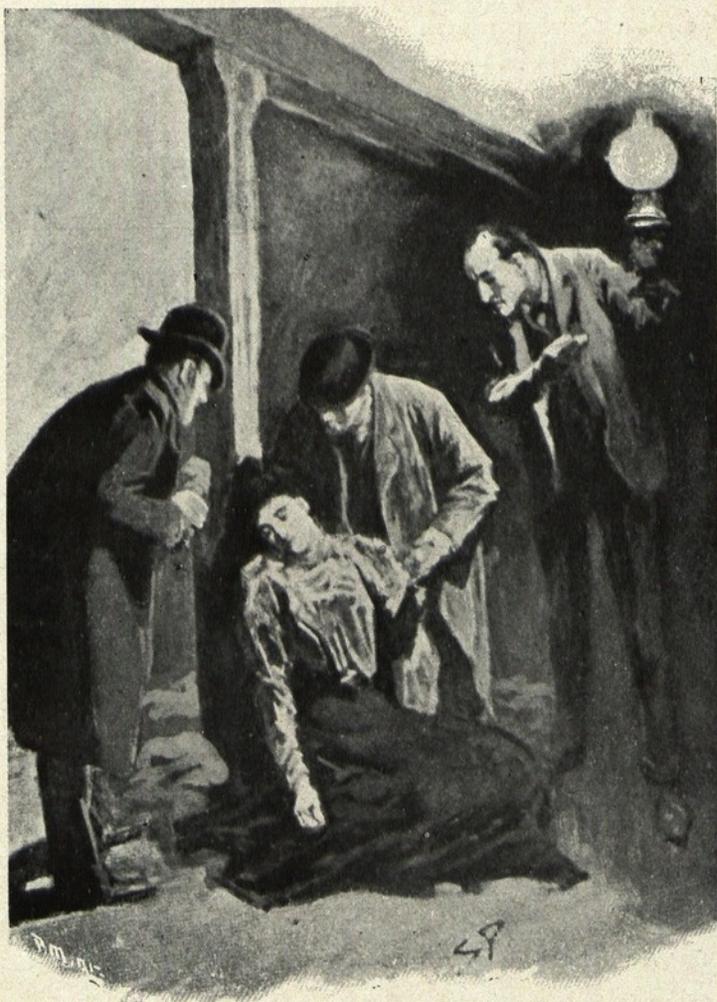
A cortina de neveiro entrevia-se tal qual um panno branco de lan de encontro á janéla Holmes ergueu a luz, aproximando-lh'a.

— Ponha ali os olhos, exclamou. Quem haverá que seja capaz de dar com o caminho do marnel de Grimpen, com semelhante noite?

Ella, casquinou, batendo palmas. Os olhos e os dentes a luzirem-lhe com jubilo ferino.

— Elle poderá dar com o caminho para lá, mas para cá é que não, clamou. Como é que elle poderá distinguir as balizas de vime, com esta noite? Plantámo-las ambos, para marcar a veréda por entre o marnel. Ah! e não poder eu arrancá-los, hoje ainda! Se assim fora, tinham-n'o os senhores agora á mercê!

Era mais que evidente a nossos olhos o serem baldadas de todo as pesquisas enquanto não levantasse o neveiro. Nesse meio tempo, deixámos a casa entregue a Lestrade, entanto eu e Holmes levávamos o baroneto para a



MISTRESS STAPLETON BAQUEOU NO SOBRADO, A NOSSOS PÉS

mansão de Baskerville. A historia dos Stapletons não podia encobrir-se-lhe por mais tempo; elle, contudo, aguentou o golpe, como um valente, quando veiu a saber a verdade acerca da mulher na qual puséra o seu affecto. O abalo da aventura nocturna havia-lhe, porém, saccudido os nervos, e antes de romper a madrugada, delirava, a arder em febre, entregue ao carinho do doutor Mortimer. Coube em sorte, quer a um quer a outro, o terem que emprehender uma viagem á roda do mundo, até sir Henry tornar outra vez a ser o mesmo homem robusto, cordial que tinha sido antes de haver entrado na posse daquella propriedade de ruim agoiro.

E agora, referirei de corrida a conclusão de tão singular narrativa, durante a qual me esforcei por fazer participe o leitor daquelles terrores sinistros e vagas desconfianças que, durante prazo tão longo, annuiaram nossa vida, vindo a rematar de tão tragica maneira. Na manhan subsequente á morte do cão espairecera de todo o nevoeiro e, guiados por mistress Stapleton, dirigimo-nos ao ponto em que os conjuges haviam encontrado uma senda através do lameiro.

A ancia e a alegria daquella mulher desditosa, ao iniciar-nos no rastro do marido, patentara-nos cabalmente o horror da sua triste vida. Ali a deixámos, parada na acanhada península de terreno firme, turfôso, que sinuava através do alastrado muladar. Lá no extremo, um vime, espetado aqui e acolá, indicava os ziguezagues do caminho de pé posto, seguindo de balsa em balsa de juncos, por entre as póças de escuma verdoenga e as fetidas lagôas a tolherem o caminho ao adventicio. Bardanas putridas e lodaçal, limosas plantas aquaticas, emitindo um effluvio de corrupção e um vapôr denso e miasmatico que vinha ferir-nos o olfacto, ao passo que um pé, assente em falso, por mais de uma vez nos enterrou até ás coxas no escuro e fremente marnel, agitado, na extensão de jardas e jardas em tenues ondulações em redor de nossos pés. Com afinco tenaz aferrava-se-nos aos calcanhares no acto de caminharmos, e quando nelle nos atolavamos era como se uma mão maligna nos estivesse puxando para o seio daquellas profundidades obscenas, tão renitente e propositado era o afincó com que se agarrava.

Uma vez, tão sómente, démos fé da trilha de alguém que havia transitado por tão perigoso caminho antes de nós. Por entre uns tu-

fos algodoados de salva brava, erguendo-o ao de cima do lodo, projectava-se um qualquer objecto escuro. Holmes atolou-se até á cintura ao debruçar-se todo no carreiro para lhe deitar a mão, e não estivéramos nós ali para o aguentar nunca mais haveria posto pé em terra firme. Brandia no ar uma bota preta, velha. «Meyers, Toronto», estampado no forro do cabedal.

— Vale bem um banho de lodo, exclamou. — É a bota do nosso amigo sir Henry que andava sumida.

— Atirada para ali por Stapleton, na fuga.

— Sem tirar nem pôr. Conservou-a na mão depois de ter açulado o cachorro no rastro do baroneto. Deitou a fugir assim que percebeu que lhe haviam desmascarado o jogo, com ella ainda agarrada. E atirou-a fora neste ponto, na fuga. Sequer ao menos ficámos sabendo que alcançou até aqui, são e escorreito.

Mais do que aquillo não deviamos nós já-mais vir a saber, comquanto nos não escasseassem indicios para desconfianças. Não havia a minima probabilidade de encontrarmos pé-gadas no marnel, visto como o lodo, ascendendo, se acamava rapido sobre estas, ao alcançarmos porém terreno mais firmê além do pantano, anciosos procurámos encontrá-las. Mas nem vestigios sequer fômos capazes de destrinçar.

Se a terra falava verdade, Stapleton já-mais logrou alcançar aquelle ilheu de refugio em cuja direcção despediu com desespero através da nevoa, naquella noite derradeira. Algures, no amago do grande marnel de Grimpen, lá no fundo do lôdo fetido daquelle immenso tremedal, que o sorvêra, jaz sepultado para todo o sempre aquelle homem modelo de frieza e perversidade.

Topámos com mais de um vestigio de semelhante malvado na insua circundada de lôdo onde havia escondido o seu selvatico aliádo. Um immenso sarilho e um pôço meio atulhado de detritos denunciavam a situação de uma mina abandonada. Ali perto, viam-se as ruinas derruidas das choças dos mineiros, sacudidos dali para fóra, sem duvida, pela fedentina do pantano circumjacente.

Numa dellas, um casinhôto, uma corrente de ferro e um montão de ossos esbrugados manifestavam o sitio onde estava presa a alimaria.

Um esquelêto com umas farripas de pêlo escuro ainda adherentes jazia entre o rebutalho.

— Um cão! exclamou Holmes.

Co'a breca, e um cão de agua de pello encarolado. Não é o Mortimer, coitado, que torna a ver o seu mais-que-tudo. Em summa, não me parece que este esconderête encerre outro segrêdo que nós não tenhamos esquadrinhado. O cão conseguiu elle esconder, mas o que não pôde foi abafar-lhe a voz, e assim se explica donde vinham aquelles bérros que nem nas proprias horas do dia era agradável ouvir. Em caso de urgencia podia recolher o cão na casinhola, em Merripit, mas sempre era um perigo, e foi apenas no dia suprêmo, que elle considerava como sendo o termo dos seus esforços, que a isso se atreveu. Aquella massa numa lata é, sem duvida, o tal mistiforio luminoso com que elle besuntou a creatura. Foi-lhe sugerido, já se vê, pela lenda do cão infernal de familia, e pelo desejo de causar a sir Charles um susto mortal. Não é pois de admirar que um pobre diabo de um presidiario deitasse a correr e a gritar, tal qual succedeu ao nosso amigo, e a nós mesmo nos poderia ter acontecido, ao deparar-se-lhe semelhante avantesma aos pulos por entre a escuridão daquelle brejo, atrás delle. Era sagaz o ardil, porquanto, não falando na possibilidade em impellir á morte a victima, qual seria o camponio que se arriscaria a indagar de perto a entidade de semelhante creatura, se por acaso a avistasse, na charnéca? Disse-t'o já, lá em Londres, Watson, e torno a dizer-t'o, aqui, que nunca em dias da vida ajudámos a dar caça a individuo tão perigoso como este que jaz «além» — e, com um movimento rasgado do compridissimo braço apontou para a vasta e matizada expansão de paúl sarapintado de limos verdoengos dilatando-se por ali fóra até ir esbarrar nas avermelhadas vertentes da charnéca.

CAPITULO XV

Retrospecção

Estavamos nos fins de novembro, e eu e Holmes, por noite agreste e nebulosa, sentados a um e outro lado de um lume assás esperto naquelle nosso gabinete em Baker-Street. Desde o tragico desenlace da nossa visita ao Devonshire tinha-se elle visto a braços com dois casos da maxima importancia, e trazido a lume e estudado o primeiro, o procedimento atroz do coronel Upwood em connexão com o tão falado escandalo de jogatina no club Nonpa-

reil, ao passo que no segundo assumira a defesa da malaventurada madame Montpensier, accusada de assassinio em relação com a morte da enteada, mademoiselle Carére, menina que, conforme estarão lembrados, veio a ser encontrada dali a seis mêses viva e casada em Nova-York. O meu amigo achava-se em optima disposição de espirito resultante do exito feliz alcançado pela solução de uma serie de casos intrincados a par de importantes, de modo que consegui levá-lo a discutir os pormenores do mysterio de Baskerville. Aguardara eu, paciente, ensejo opportuno, por saber que de modo nenhum admitia o atropêlo de casos, e que o seu espirito lucido quanto lógico nunca se deixaria desviar de qualquer tarefa presente para se deter com recordações do passado. Sir Henry e o doutor Mortimer, contudo, estavam em Londres, em vespêras de emprender a tal longa viagem, que ao primeiro havia sido recommendada para restabelecimento dos seus nervos abalados. Tinham-nos procurado naquella mesma tarde, e portanto, era natural o vir o assunto á tela da conversa.

— A successão integral de acontecimentos — afirmou Holmes, — observada desde o ponto de vista do individuo que assumira o appellido de Stapleton, era simples e directa, comquanto para nós, que não dispunhamos de meios de deslindar os motivos dos seus actos e apenas podiamos inteirar-nos parcialmente dos factos, se nos antolhasse com aspecto complicado o mais possivel. Coube-me a vantagem de conversar por duas vezes com mistress Stapleton, e o caso acha-se hoje tão cabalmente tirado a limpo, que não me consta existir a minima circumstancia que para nós ficasse sendo segredo. Hasde encontrar meia duzia de apontamentos referentes ao assunto, consignados na lettra **B**, na minha lista alfabetica dos casos.

— Obsequiar-me-ias sobremodo delineando-me de memoria um resumo da sequencia dos acontecimentos.

— Certamente, supposto não possa afiançar o ter ainda presente os factos, no seu conjunto. A intensidade da concentração mental tem uma tendencia assás curiosa para obliterar as coisas passadas.

O advogado que traz a sua causa nas pontas dos dêdos, e que é capaz de argumentar com qualquer perito na propria especialidade deste, descobre que, uma ou duas semanas de tribunal bastam para lhe varrer tudo do cérebro. Assim, pois, cada um dos meus casos vae des-

locando o anterior, e o caso de mademoiselle Carère apagou-me as reminiscencias do caso da mansão de Baskerville. Amanhan qualquer outro problêmazinho poderá vir a ser submetido ao meu criterio, e que a seu turno virá a desapossar a tal senhora francêsa e o infame Upwood.

Com respeito ao caso do cão, porém, vou desfiar-te a meada dos acontecimentos com a possivel exacção, e tu, da tua parte, lembra-me qualquer pormenor que me haja esquecido.

— As minhas investigações, inquestionavelmente, vieram a patentear que aquelle retrato de familia não mentiu, e que o tal meliante era com effeito um Baskerville. Era filho daquelle Rodger Baskerville, irmão mais novo de sir Charles, que fugiu com sinistra reputação para a America do sul, onde consta haver falecido solteiro. Que elle, de facto, casou, e teve um filho, o tal nosso sujeito, cujo verdadeiro appellido era o do pae. Casou com Beryl Garcia, uma das beldades de Costa-Rica, e, havendo descaminhado uma importante quantia dos dinheiros publicos, mudou o nome para o de Vandeleur e fugiu para Inglaterra, onde estabeleceu um collegio lá para as bandas de leste, no Yorkshire. O motivo que o impelliu a tentar aquelle ramo especial de exploração foi o haver contrahido relações com um professor, tísico, durante a sua viagem para a patria, e o haver aproveitado as aptidões do sobredito individuo para o bom exito da emprêsa. O professor, do appellido de Fraser, faleceu, contudo, e o collegio, que levava bons principios, foi decaindo, desde o descredito até á infamia. Os conjuges Vandeleurs julgaram conveniente mudar o appellido para o de Stapleton, e o marido transferiu o remanescente de seus haveres, os seus projectos de futuro, e a sua predilecção em favor da entomologia para o sul de Inglaterra. Vim a saber no Museu Britanico que era uma autoridade reconhecida no assunto, que o appellido de Vandeleur havia andado permanentemente ligado a uma certa larva que elle, durante a sua residencia no Yorkshire, fôra o primeiro em descrever.

Chegamos agora áquella fâse da sua vida que veiu a ser para nós tão interessante. O sujeito déra-se a pesquisas, e veiu no conhecimento de que duas vidas, apenas, intervinham entre elle e uma valiosa propriedade. Quando se transferiu para o Devonshire, o seu plano, segundo presumo, éra sumamente nebuloso, mas lá que elle, desde o inicio, abrigava pessi-

mas intenções é facto manifesto pelo alvitre de que lançou mão, levando comsigo a mulher, e apresentando-a como irman. A ideia de se valer della na qualidade de aliciativo é mais que evidente haver-lhe já surgido na mente, comquanto não se achasse ainda bem certo quanto á maneira como havia de dispôr os fios da sua trama. Concluiu afinal pela arreigada intenção de haver ás mãos a propriedade, e estava disposto a servir-se de qualquer instrumento e a arrostar fosse com que perigo fosse para conseguir seus fins. O seu primeiro acto foi estabelecer-se o mais perto que pôde da mansão avoengaria, e o segundo cultivar a amizade de sir Charles Baskerville e a dos convizinhos.

Foi o proprio baroneto quem lhe contou a historia do cão tradicional, preparando assim o terreno para a sua propria morte. O Stapleton, que assim continuarei a designá-lo, sabia que o ancião tinha o coração fraquissimo e que qualquer abalo o podia matar. Soubera-o da bôca do doutor Mortimer. Ouvira tambem que sir Charles era supersticioso, e que tomára muito a serio a sinistra lenda. O seu espirito ingenhoso sugeriu-lhe desde logo o modo porque o baroneto podia ser impellido á morte, sem que, contudo, fosse possivel accusar do crime o verdadeiro assassino.

Concebida a ideia, procedeu a levá-la a effeito com singular arteirice. Qualquer maquinador vulgar haver-se-ia restringido a operar com o auxilio de um cão bravo. O emprego de meios artificiosos no sentido de tornar diabolica a creatura foi um rasgo de genio da sua parte. Comprou o cão em Londres á firma Ross & Mangle, com estabelecimento na estrada de Fulham. Era o mais corpulento e feroz de que dispunham. Trouxe-o comsigo pela linha ferrea do Devon septentrional, e palmilhou a pé uma consideravel distancia através da charnéca, afim de o trazer para casa sem dar nas vistas. Elle, durante aquellas suas caçadas aos insectos, tinha aprendido a transpôr os limites do marnel de Grimpen, topando assim com um segundo esconderijo para a creatura. Dispôs-lhe ali o canil e aguardou o ensejo opportuno.

Mas levou tempo a chegar. O propecto fidalgo não havia argumentos que o resolvessem a pôr pé fora do parque, de noite. Por varias vezes o Stapleton esteve de atalaia, nas circumvizinhanças, com o seu cachorro, mas de balde. Foi durante tão infructiferas tentativas

que elle, ou antes o seu aliado, foram vistos pela gente do campo, e que a lenda do cão-demonio alcançou nova confirmação. Esperava elle que a mulher lograria embelezar sir Charles, atrahindo-o á perdição; neste ponto, contudo, manifestou ella inesperada independencia. Não consentiu em tentar illaquear o fidalgo nas malhas de uma inclinação sentimental podendo entregá-lo amarrado de pés e mãos ao seu inimigo. Ameaças e pancadas, até, sinto dizê-lo, tudo foi baldado para a demover. Negou-se a pés juntos a fazer fosse o que fosse, e Stapleton por uns tempos achou-se reduzido á inacção.

Veiu a encontrar uma saída ás proprias dificuldades no seguinte acaso: sir Charles, que se lhe havia afeiçoado, tomou-o para mediameiro da sua caridade naquella caso da desditosa senhora, mistress Laura Lyons. Apresentando-se na qualidade de homem solteiro, veiu a adquirir sobre ella influencia absoluta, e deu-lhe a intender, que, na eventualidade de ella alcançar divorciar-se do marido, casaria com ella. Os seus planos foram subitamente acelerados pelo facto de ter vindo no conhecimento de que sir Henry tencionava ausentar-se da mansão por conselho do doutor Mortimer, cuja opinião elle fingiu esposar. Cumprira-lhe, pois, proceder desde logo, aliás a sua victima escapar-lhe-ia das mãos. Exerceu pois pressão em mistress Lyons, levando-a a escrever aquella carta, em que implorava do ancião o conceder-lhe uma entrevista na propria noite antecedendo a partida deste para Londres. Elle, então, apelando para um argumento especioso, evitou que ella comparecesse e deste modo encontrou o ensejo, de que andava á espera, havia tanto tempo.

Voltando á noite, no carro, de Coombe Tracey, chegou a tempo de ir ter com o cão, submetê-lo á tal pintura infernal, e trazê-lo por um atalho até ao cancelo em que tinha motivos para suppôr que viria encontrar á espera o provector fidalgo. O cão, açulado pelo dono, galgou o cancelo e investiu atrás do malfadado baroneto, que deitou a fugir e a gritar pela aléa dos teixos em fora. Naquelle lóbrego tunnel, sem duvida deve de ter sido espectáculo pavoroso o ver aquella desconforme e negra creatura, com as fauces a vomitarem chammas e os olhos coruscantes, aos pulos atrás da victima. Caiu sem vida lá no extremo da aléa com a ruptura do aneurisma e o terror.

O cão viera seguindo a eito pela faixa de relva, ao passo que o baroneto despedira pelo trilho além, de modo que apenas era visivel o rastro do homem. Ao vê-lo jazendô por terra a alimaria ter-se-ia provavelmente aproximado para o abocar, porém, percebendo que estava morto, haver-se-ia desviado, retrocedendo. Foi então que deixaria impressa a pégada, observada posteriormente pelo doutor Mortimer. O cão foi de novo recolhido e levado a toda a pressa para o coio do marnel de Grimpen, e ficou de pé o misterio, que tão perplexas trouxe as autoridades, espalhando o terror por aquellas cercanias além, e trazendo finalmente o caso ao nosso campo de observação.

Isto quanto á morte de sir Charles Baskerville. Estás vendo a giria diabolica do ardil, pois effectivamente seria quasi impossivel estabelecer quaesquer indicios contra a pessoa do assassino. O seu cúmplice unico era de molde a não poder nunca entregá-lo, e a indole, inconcebivel quanto grotesca do ardil concorria apenas para o tornar mais effizaz.

Das duas mulheres envolvidas no caso, quer mistress Stapleton, quer mistress Laura Lyons, ambas ficaram desconfiando intensamente de Stapleton. Mistress Stapleton sabia que elle nutria intentos ruins contra o fidalgo, e não ignorava a existencia do cão. Mistress Lyons era de todo alheia a qualquer das circunstancias, mas impressionara-a immensamente a morte occorrida em incidencia com uma cita malograda de que só elle era sabedor. Sem embargo, achavam-se ambas submetidas á sua influencia, e elle nada tinha que recear de qualquer dellas. A primeira metade da empreitada fôra levada a cabo com exito feliz, restava ainda o mais difficultoso.

E' possivel que Stapleton ignorasse a existencia de um herdeiro no Canadá! Em todo caso vi-lo-ia a saber mui brevemente da boca do seu amigo doutor Mortimer, e este ultimo contou-lhe os pormenores todos aligados á chegada de sir Henry Baskerville. A ideia que primeiro occorreu a Stapleton foi que o juvenil forasteiro poderia ser despachado desta para melhor em Londres sem chegar a pôr pé em Devonshire. Desconfiava da mulher desde que esta se negára a ajudá-lo a armar a cilada ao ancião, e não se atrevia a perdê-la de vista por muito tempo, com medo de perder sobre ella a influencia.

Hospedaram-se, segundo me consta, no hotel

particular de um tal Mayborough, em Craven-Street, que foi justamente um daquelles visitado pelo meu agente em busca de provas de evidencia. Conservou ali encarcerada no quarto a mulher, emquanto elle, disfarçado com a barba postiça, seguia as pisadas ao doutor Mortimer até Baker Street, e depois até a estação e ao hotel Northumberland. A mulher nutria desconfianças com respeito aos seus planos; mas era tal o medo que tinha ao marido — medo baseado na brutalidade dos maus tratamentos — que se não atreveu a escrever afim de avisar o individuo que ella sabia incorrer perigo.

Se acaso a carta viesse a cair nas mãos de Stapleton, a sua propria vida não se acharia segura. Eventualmente, conforme sabemos, perfilhou o expediente de recortar aquellas palavras que formam a carta, e de a endereçar disfarçando a letra.

Chegou ás mãos do baroneto, transmitindo-lhe o primeiro aviso de perigo que o ameaçava.

Era condição essencial para Stapleton o obter qualquer artigo de uso pessoal pertencente a sir Henry afim de, no caso em que houvesse de appellar para o cão, poder dispôr de qualquer meio de lh'o lançar no rastro. Com audacia e prontidão características, pôs desde logo hombros á empreitada, e é fora de duvida o haver untado bem as unhas, quer ao engraxador quer á criada do hotel, afim de o auxiliarem em seus designios.

Quis porém o acaso, que a bota que lhe apresentaram fosse nova, e como tal inutil para o seu proposito. Fê-la, pois, devolver, obtendo outra — incidente este nimamente elucidativo, visto haver proporcionado ao meu criterio uma prova concludente de como nos achavamos a braços com um cão de carne e osso, pois que nenhuma outra supposição podia explicar uma tal anciedade em alcançar uma bota velha e tamanha indiferença em presença de uma bota nova. Quanto mais estapafurdio e grotesco se antolha um qualquer incidente, com maior cuidado convem examiná-lo, e o mesmo ponto que nos parece complicar um caso, depois de devidamente ponderado e submetido a analyse scientifica resulta ser aquelle que offerece maiores probabilidades de o elucidar.

Temos depois aquella visita dos nossos amigos na seguinte manhan, sempre com o Stapleton agarrado á sombra, no cab. Pelo conhecimento prévio da situação dos nossos aposen-

tos, e ainda pelo seu modo de proceder em geral, inclino-me a crer que a carreira criminal do Stapleton se não havia limitado simplesmente ao nosso caso de Baskerville.

Deu-se a coincidência de ter havido quatro attentados importantes de roubo á mão armada lá para esses districtos occidentaes, não se tendo conseguido deitar a mão a nenhum dos criminosos.

O ultimo, succedido em Folkestone Court, em maio, tornou-se conspicuo pelo acto de valor do destemido pagem, o qual, de pistola engatilhada, surpreendeu o solitario e mascarado salteador. Não ponho duvida em que Stapleton haja recrutado os seus tenebrosos auxiliares de entre essa cafila, e em que, durante annos, tenha sido um homem perverso quanto perigoso.

Tivemos um exemplo da prontidão dos seus recursos naquella manhan em que se nos esquivou tão habilmente, e na audácia com que me transmitiu, como sendo o seu, o meu proprio nome pela bôca do cocheiro. Desde esse momento pescou que eu havia tomado conta do negocio em Londres, e que, portanto, não havia para elle ensejo, na capital. Regressou para Dartmoor e aguardou a volta do baroneto.

— Um instante! atalhei. — Não ha duvida quanto a haveres exposto a sequencia dos acontecimentos corrêctissimamente, existe porém um ponto que deixaste por explicar. Que foi feito do cão em quanto o dono esteve em Londres?

— Dei uma certa atenção ao assunto, e não padece duvida de que é importante. E' fora de questão o facto de haver tido um confidente o Stapleton, comquanto seja de todo improvavel o elle haver-se entregado nas mãos deste iniciando-o cabalmente aos seus planos.

Na residencia de Merripit existia um criado velho, cujo nome era Antonio. Estava ao serviço dos conjuges Stapletons, havia annos, desde a época em que tinham o tal collegio, e portanto, não podia deixar de ser sabedôr do facto de serem marido e mulher. Este homem desapareceu, e fugiu não se sabe para onde. Acresce ainda a circumstancia de não ser nada vulgar em Inglaterra o nome de Antonio, trivialissimo, aliás, não só em Hespanha senão nos países hispano-americanos. O homem, tal qual a propria mistress Stapleton, falava o inglês correntemente, mas com um certo sotá

que cicioso muito especial. Tive ocasião de ver, com meus próprios olhos, o velho transitar pelo marnel de Grimpen, trilhando o carreiro no qual o Stapleton tinha estabelecido balisas. E' mais que provavel, portanto, que, na ausencia do amo, fosse elle quem tratava do cão, apesar de ignorar em absoluto o fim para que o destinavam.

Os conjuges Stapleton vieram estabelecer-se no Devonshire, onde a brève espaço foram seguidos por sir Henry e a tua pessoa. Uma palavra relativamente á minha attitude durante esse prazo de tempo. Não deixarás de recordar-te de que, no acto de examinar o papel em que estavam pegadas as palavras impréssas, tratei de investigar qual era a marca de agua. Para o dito fim afastei-o da vista umas polegadas, e veiu ferir-me o olfacto um tenue aroma de jasmim. Existem setenta e cinco perfumes, que a qualquer perito em criminologia é indispensavel o saber diferenciar, e sei de mais de um caso, por experiencia propria, que dependeu de os poder distinguir á primeira. O aroma sugeria a presença de uma dama, e o meu pensamento principiou a inclinar-se para os conjuges Stapletons. Assim, pois, confirmara-me na presença do cão, e adivinhara a entidade do criminoso, antes, até, de nos transferirmos para a região occidental.

O meu jogo era vigiar o Stapleton. Era evidente, porém, que o não poderia fazer estando em tua companhia, visto que seria o mesmo que pôr de atalaia aquelle finorio. Illudi toda a gente, portanto, inclusivé a tua pessoa, e fui lá ter, muito em segredo, em quanto me supunham em Londres. As inclemencias não me atormentaram tanto quanto receava, supposto pormenores de tão pouca monta não devam nunca impeçar a investigação de um caso qualquer. Residi quasi sempre em Coombe-Tracey, e apenas me servi da baiúca da charnéca quando se me tornou necessario estar proximo do logar de acção. Trouxera comigo o Cartwright, e o garoto, disfarçado em aldeão, prestou-me immenso auxilio. Ministrava-me alimentação e roupa branca. Em quanto eu espreitava o Stapleton andava o Cartwright quasi sempre a espreitar-te, de sorte que me achei assim habilitado a conjugar na mão os fios todos.

Já te contei que os teus relatorios me eram entregues immediatamente, remetidos acto-contínuo desde Baker Street para Coombe-Tracey. Prestaram-me immenso serviço, e

muito em especial aquelle trêcho biografico de Stapleton que coincidiu estar certo.

Pude assim estabelecer a identidade do marido e da mulher, e ficar sabendo exactamente a quantas andava. O caso havia-se complicado muitissimo com aquelle incidente do presidiario foragido e com as relações entre este e os conjuges Barrymores. Este ponto esclarecêste-o tu aliás de modo efficacissimo, supposto eu houvesse chegado a conclusões identicas com as minhas observações.

Na ocasião em que foste dar comigo lá na charnéca, dispunha eu já de um cabal conhecimento de todo o negocio, mas faltava-me um caso que pudesse submeter-se a um jury. O proprio atentado do Stapleton contra a pessoa de sir Charles, naquella noite que veiu a acabar com a morte do malfadado presidiario, nem por isso nos ajudava muito a provar que houvera tentativa de homicidio da parte do individuo. Não parecia pois haver outra alternativa além da de o apanhar em flagrante, e para o conseguirmos tinhamos que nos valer de sir Henry, sósinho e indefêso, aparentemente, na qualidade de isca. Assim fizemos; á custa de um tremendo abálo para o nosso cliente lográmos completar a nossa devassa e impellir o Stapleton a dar cabo de si. O facto de se achar exposto por nós sir Henry a semelhante perigo, confesso que deslustra um tanto o meu modo de administrar o negocio; não tinhamos porém meio algum de antever o espectáculo tremendo e paralizador daquella alimaria, nem podiamos vaticinar o nevoeiro que lhe deu azo a surgir nos, assim, de chófre. Conseguimos ser bem succedidos á custa de um acháque o qual, tanto o especialista como o doutor Mortimer nos afirmam ser temporario. Uma viagem prolongada poderá habilitar o nosso amigo a restabelecer-se não só do abalo nervoso, senão tambem do golpe moral que soffreu. O affecto que dedicava á dama era intenso quanto sincero, e aos olhos d'elle o lado mais negro deste negocio é o ter sido enganado por ella.

Resta-me apenas indicar o papel que ella representou na tragedia. E' fora de duvida que o Stapleton exercia sobre ella uma influencia, que poderá ter sido devida ao amor ou ao medo, ou talvez a uma e outra coisa, visto não serem de modo nenhum incompativeis taes sentimentos. Pelo menos, surtiu o effecto, cabalmente.

Submissa ás ordens d'elle, consentiu em fi

gurar como sua irman, comquanto elle encontrasse limites ao proprio poder sobre ella quando tentou torná-la agente directo do assassínio. Ella, resolveu desde logo avisar a sir Henry, assim que o pudesse fazer, sem culpar o marido, e fez mais de uma tentativa neste sentido. O proprio Stapleton parece ter sido accessivel ao ciume, e quando viu que o baroneto requestava para fins sérios a esposa, supposto isso fizesse parte dos seus planos, todavia não pôde conter-se que não viesse estorvar a declaração com furor imprudente,

crime, e seguiu-se uma scena furibunda, na qual este lhe deu a perceber que tinha uma rival a disputar-lhe o affecto do marido. A fidelidade della volveu-se incontinenti em odiofigadal, e elle anteviu que ella era capaz de o denunciar. Amarrou-a, pois, para lhe não dar ensejo a avisar sir Henry, esperançado, sem duvida, em que, quando toda a região viesse a attribuir a morte do baroneto á praga impendente sobre a familia, como não deixariam de o fazer, lograria embelezar de novo a mulher levando-a a aceitar o factio consumado



O SOLAR DOS BASKERVILLES

revelando assim a ardente alma tão habilmente encoberta por aquelles seus modos circumspectos. Animando a intimidade adquiriu a certeza de que sir Henry passaria a ser assiduo á residencia de Merripit, e de que, mais tarde ou mais cedo, elle, Stapleton, encontraria o ensejo por que tanto almejava. No dia da crise, contudo, a mulher voltou-se de subito contra elle. Tinha lhe chegado aos ouvidos o boato da morte do presidiario, e sabia que o cão estivera preso na casucha durante toda a noite em que sir Henry viera jantar com elles. Lançou em rosto ao marido o projectado

e manter silencio ácerca de quanto sabia. Quanto a este ponto, presumo que, em todo o caso, lhe viriam a falhar os calculos, e que, ainda quando nós ali não estivessemos, a sorte delle nem por isso deixava de estar sellada pela mão do destino. Uma mulher em cujas veias corre sangue hespanhol não se conforma com uma afronta com tanta facilidade. E agora, meu caro Watson, sem consultar os meus apontamentos não poderei dar-te conta mais circunstanciada de caso tão curioso. Não me parece haver deixado por explicar pormenor algum essencial.

— Elle, aqui entre nós, não podia nutrir esperanças de assustar a sir Henry mortalmente, como assustara o edoso tio com aquelle seu cão de mágica.

— O animal de si era feroz e passava fome.

Se a apparição não aterrasse a victima, mortalmente, pelo menos paralizar-lhe-ia a resistencia.

— Não ha duvida. Subsiste ainda uma difficuldade. Se o Stapleton viesse a apanhar a herança, como é que elle podia explicar o facto de, sendo aliás o herdeiro, ter vivido esquivando-se á publicidade, e com um nome assumido, tão perto do dominio ancestral? Como é que elle o podia reclamar sem causar suspeitas e sem dar logar a inquerito.

— E' formidavel a difficuldade, e receio que seja exigir muito de mim, o pedir-me a solução. O passado e o presente estão dentro do campo do meu inquerito, aquillo porém que um homem poderá fazer, no futuro, é pergunta a que é arduo responder. Mistress Stapleton, por diversas vezes, ouviu o marido discutir o problema.

Davam-se três hipoteses plausiveis.

Podia reclamar a herança desde a America do Sul, estabelecer a sua identidade perante as autoridades britannicas d'ali, e alcançar assim a riqueza sem jamais vir a Inglaterra; ou podia lançar mão do expediente de um habil disfarce durante a sua breve permanencia em Londres; ou, finalmente, proporcionar a um cumplice qualquer as provas e os documentos estabelecendo-lhe a legitimidade dos direitos e reter para si uma quota-parte do rendimento.

Do que não podemos duvidar, por aquillo que sabemos a seu respeito: é de que elle deixasse de desencantar meio de sair da difficuldade.

E agora, meu caro Watson, temos tido umas semanas de trabalho aturado e podemos muito bem tirar uma noite afim de inclinarmos nossos pensamentos para assuntos de character mais aprazivel. Tenho um camarote para os *Hugonotes*.

Já ouviste os irmãos de Reszkés?

Obsequiar-me-ias estando pronto d'aqui a meia hora, e de caminho paramos no Marcini a ver se nos dão de jantar.

Versão de MANOEL DE MACEDO

CONAN DOYLE

FIM



A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II—O PAIZ

II

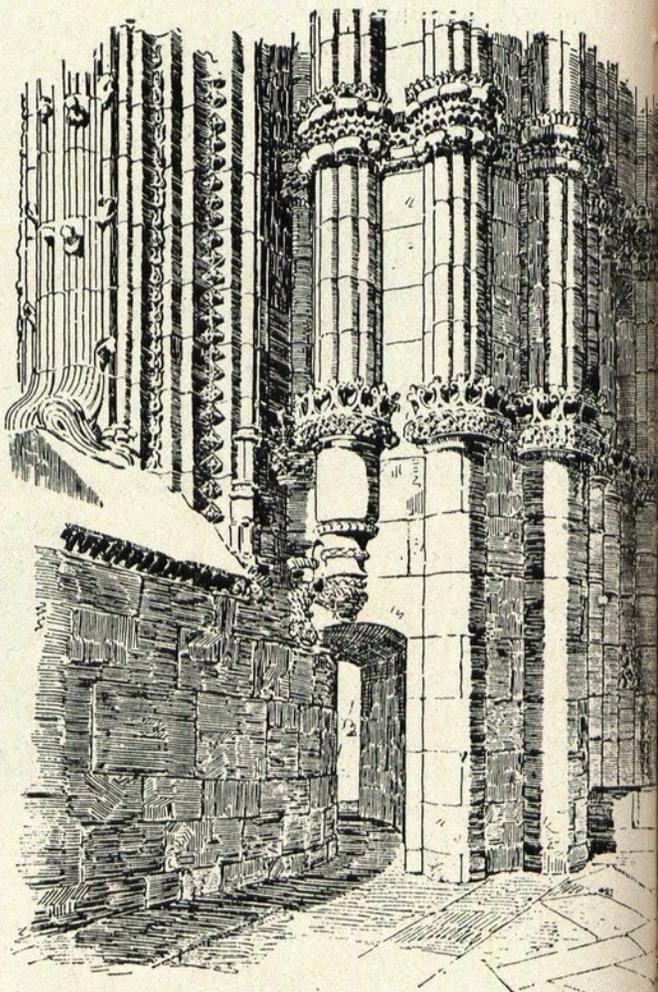
BATALHA



lanço superior do octogono, provavelmente, seria planeado a pouca altura, o que explica a ausencia de arcobotantes. Apenas botareus pouco possantes logriam encontrar cabimento nos angulos das grandes capellas, a pressão do enfustamento de uma abobada de tanto peso só podendo, portanto, encontrar apoio nas paredes irradiantes das capellas, não devendo elevar-se a maior altura do que a dos estribos da mesma abobada, onde terminavam as ditas paredes.

Por conseguinte, neste ponto, haver-se-hia tornado urgente a adopção de um novo plano. Para um recinto de tal magnificencia nunca poderia constituir complemento adequado uma cupula determinadamente octogonal, como as que em geral se applicaram durante os primordios da Renascença.

E nessa conformidade, era preciso elevar a uma certa altura uns possantes esteios, com força sufficiente para aguentarem o augmento de peso resultante do accrescimo de enfustamento. Foram, portanto, elevados, e talvez que até construidos de raiz; em todo o caso aproveitaram-n'os para nos intervallos



BOTAREUS E ALIZARES DAS JANELLAS DAS CAPELLAS IMPERFEITAS

adicionarem as pequenas capellas completamente muradas, e cerradas. Conservam-se ainda hoje impervias e o seu effeito é apenas exterior. Assim pois faltava-lhes uma grande arcada, facultando ingresso e estabelecendo um vestibulo condigno á egreja sepulcral. Para esse fim, como aliás se acha já exposto, foi adicionado de novo o recinto permeando entre a egreja e o mausoleu, na largura das três capellas intermedias; os botareus existentes cerceados e substituidos por arcobotantes, e no topo da cimalha circundante elevado um possante eirado, o qual, coroando o todo, se abria para o corpo central por meio de arcarias.

Esta arcada de ingresso do lanço inferior convinha ser ligada por meio de um portico, estabelecendo uma sumptuosa entrada, ao octogono. E para este fim foi aproveitado na integra o lado do octogono defrontando a egreja. O conjuncto destes pormenores devia ser levado a effeito com a mais aprimorada e sumptuosa elaboração em o novo gosto da éra manuelina, intermedia da Gothico e da Renascença.

Das sobreditas capellas a que occupa o eixo foi destinada para jazigo do proprio D. Manuel, as outras, da esquerda e da direita, para seus antecessores, D. João II e D. Affonso, que assim se deprehende da presença dos emblemas e braços respectivos na parte superior das mesmas capellas. O sarcophago de D. Duarte viria a encontrar logar no centro do octogono.

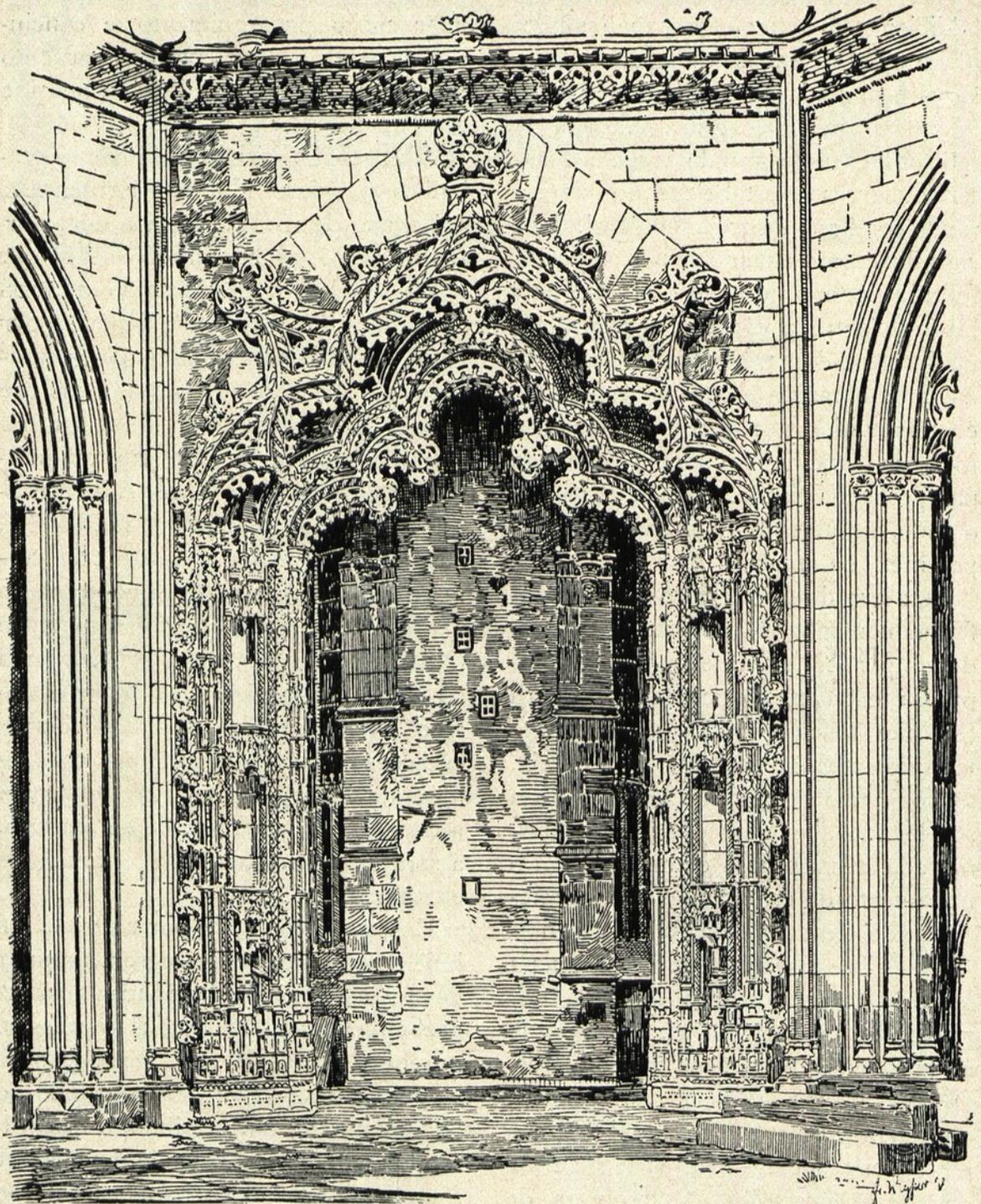
Estes projectos vieram a alterar-se com o andar dos tempos. No seu testamento dispuzera D. Manuel apenas a edificação posterior dos restantes; para si proprio desde muito que havia escolhido a capella do côro em Belem. Todavia, recommendou com a maior

instanciã o proseguimento e conclusão do edificio, bem como a ligação do mesmo com a egreja, ligação que lhe falta ainda hoje.

A principio, dirigiu tambem os trabalhos o edoso Matheus Fernandes; até a data de 1515, época em que, conforme se lê na sua lapide sepulcral, ali foi sepultado; desde então até 1508 trabalhara em Alcobaça; depois, e por haver fallecido este, foi então incumbido da direcção da obra o insigne mestre de Belem, João de Castilho, que conseguira leval-a ao adiantamento em que hoje se vê. É de presumir que, afinal, reinando já D. João III, se viesse a perder o gosto com respeito á conclusão da obra, visto como a nova éra trouxera consigo novo ideal artistico, e a nova dynastia não só havia encontrado novo logar de jazigo senão tambem perfilhado outras creações mais em harmonia com as idéas do tempo; e os mortos lá ficaram a dormir em paz, no valle de repouso, á sombra do mosteiro pouco menos de esquecido.

E assim ficou pois por concluir até hoje a mais sumptuosa egreja tumular das terras meridionaes, e causa-nos surpreendente a par de tragica impressão, o modo porque a sua designação de Capellas imperfeitas, ora surgindo no testamento de um moribundo ora voltando a afundar-se, para de novo voltar a surgir, se vem arrastando, fardo eterno e legado jamais cumprido, véra imagem da historia dos Povos, em cujo animo persistiu pensamento artistico a tal ponto.

Quem quizer percorrer as Capellas imperfeitas deverá seguir até ao portico alludido que permeia entre a egreja e o mausoleu. Este apresenta no lado mais estreito uma janella, cuja ar-



PORTAL DAS CAPELLAS IMPERFEITAS

chitectura se acha reproduzida no tomo primeiro.

A porta de entrada, exteriormente um arco singelo de ponto subido, interiormente emmoldurada por opulentissima e um tanto selvatica ornamentação manuelina, encontra-se no lado

septentrional; neste lanço do edificio lê-se a inscripção: *Perfectum fesit anno Domini 1509.* (1)

Guarnecem as janellas, abertas a bastante altura, contornando-as, umas

(1) Reproduzida na obra de Murphy.

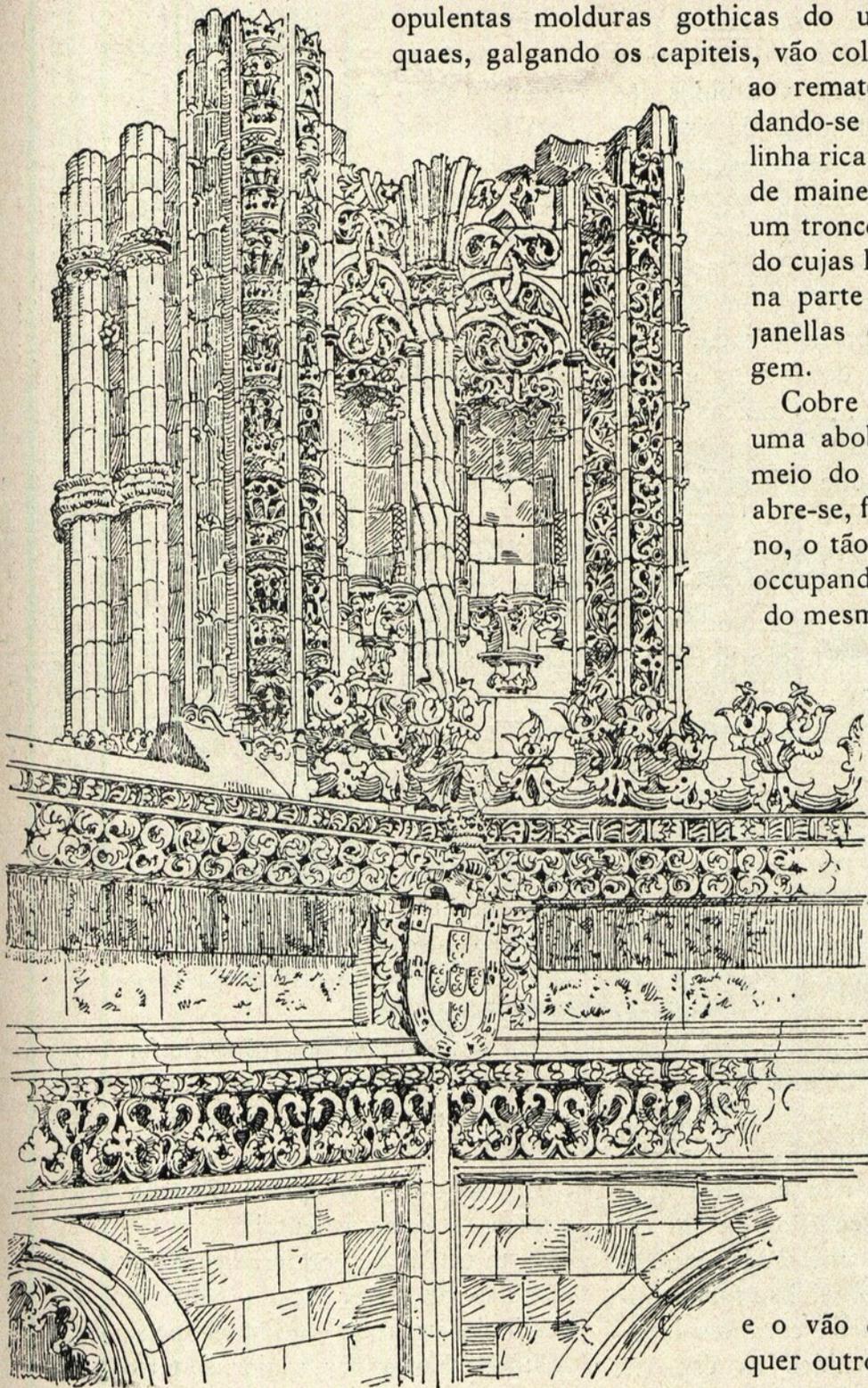
opulentas molduras gothicas do ultimo periodo, as quaes, galgando os capiteis, vão coleando em direcção ao remate octogonal, enredando-se e descrevendo uma linha rica e graciosa; em vez de maineis ergue-se a meio um tronco duplo e contorcido cujas hastes se expandem na parte superior das ditas janellas em pujante folhagem.

Cobre o recinto, oblongo, uma abobada réticulada. A meio do lado mais extenso abre-se, frenteando o octogono, o tão decantado portico, occupando um lado inteiro do mesmo; isto é, medindo de largura 7,^m5 por 15 de altura e com uma abertura de 4^m,8.

O extradorso expande-se no sentido da capella, e o vão de modo ainda mais consideravel na direcção do arco do vestibulo, attingido no seu maximo desenvolvimento a 6 metros.

O extradorso e o vão ostentam quer um quer outra ornamentação de veras extraordinaria. Só o lado virado para o vestibulo apresenta uma subdivisão de cerca

de uns doze columnélos e respectivas molduras, que no topo vão descrever diversos arcos, a saber, internamente, um arco polylobado, e após deste, um arco de folha de trevo e, consecutivamente, um como arco canopiado. Nos espaços in-

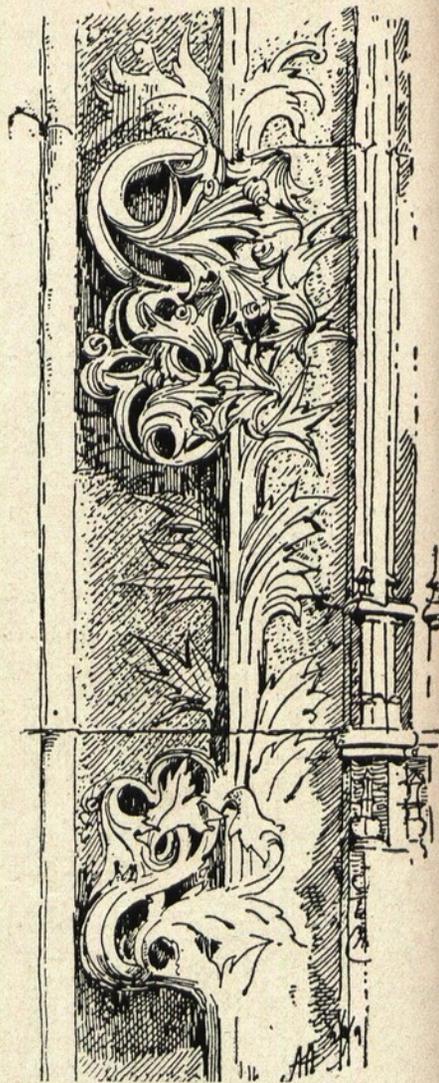


LANÇO SUPERIOR DAS CAPELLAS IMPERFEITAS

termedios repete-se uma craca preenchida com intersecções de ornamentos. A sequidão destes vocabulos não logrará porém dar ideia da extraordinaria abundancia desta ornamentação. Desde os exuberantes sóccos, penetrando-se e entrelaçando-se, e, em parte, intersectando-se, das bases dos columnélos até ao mais alto remate é tudo uma esculptura pegada. A insolita exuberancia do ornato é caso para entontecer (1). As cracas ornadas no genero das que se acham reproduzidas no volume primeiro ministram singular exemplo já de paciencia já de fantasia. A ramaria, evolvente, que as preenche não apresenta já, na maxima parte, caracter gothico do ultimo periodo, antes feição libérrima, com grossos troncos, folhas e flores fantasticas, uns animaes a modo de golfinhos, e assim por diante, cujo tratamento faz lembrar a ornamentação de Alberto Durer e ainda os trabalhos da mais primitiva Renascença alleman (2).

A macenaria, no seu prolongamento no sentido do octogono, desenvolve esse tão famoso e unico emmolduramento que tem excitado a admiração do mundo inteiro. O desenho apenas conseguirá dar fraquissima ideia da respectiva impressão. Aqui, a molduragem ascendente, não consiste apenas em nervuras senão ainda em esbeltos gigantes de membros opulentos, com flores e coruchéus, fundos nichos com baldaquinos e consólas e, exteriormente, preenchidos os espaços por uns seguintes de folhagem ascendentes. A sumptuosa moldura externa,

serpeando, vae desabrochar no topo em um arco trilobado e acompanha-a uma outra moldura em forma de arco de sane-fas, coroado no remate por um florão acogulhado. Os moldurados baixam em pingentes rendilhados, tal qual os arcos intermedios e os internos, trilobados, conclusão preciosa, similhando um primoroso bordado.



Do Portico das Capellas imperfeitas

Os pormenores apresentam um misto de formas gothicas e da Renascença, já caprichosas, já naturalisticas, mas sempre fantasticas.

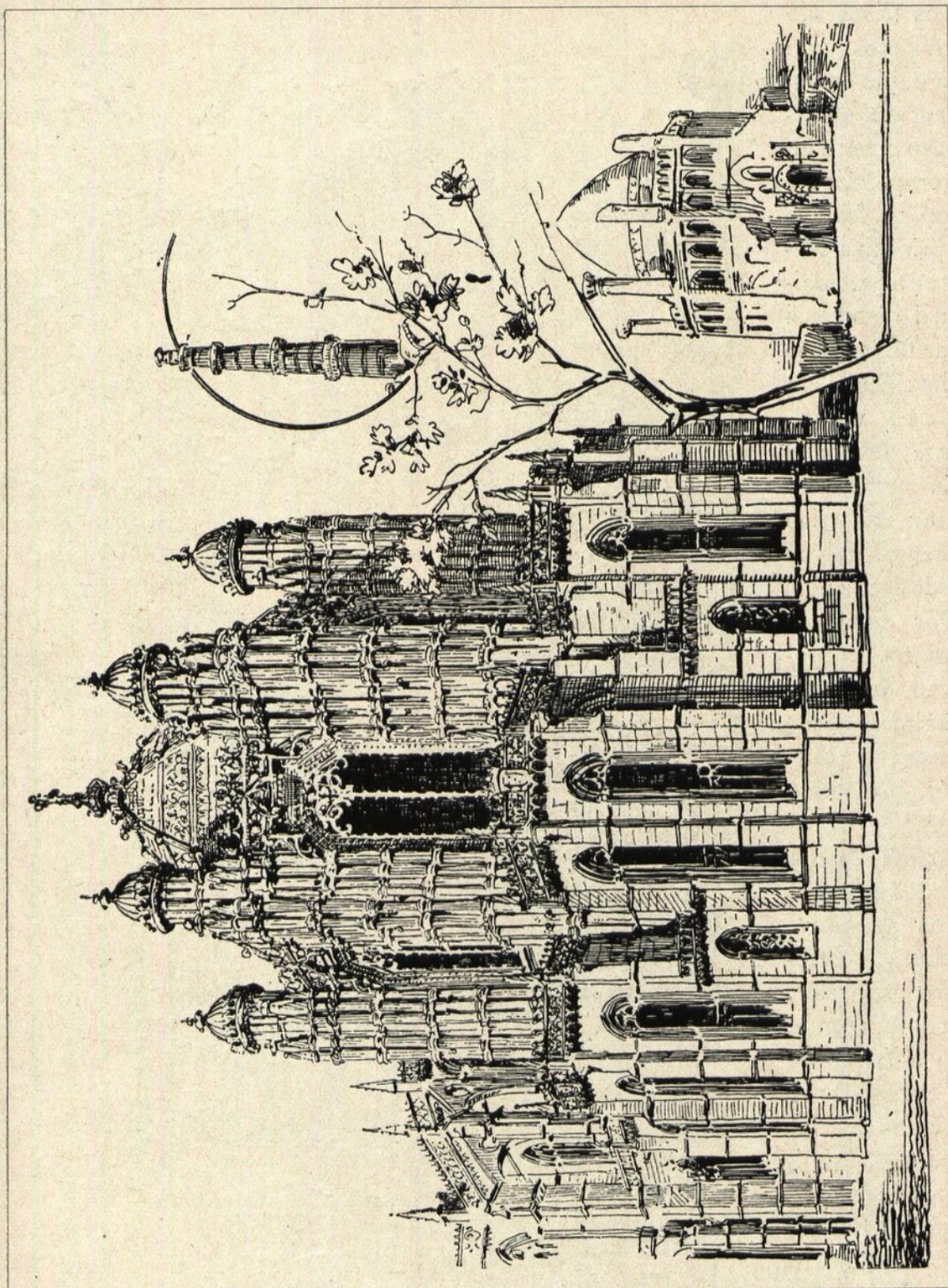
O conjunto é tal qual um sonho dos contos de fadas, oriental.

Este trabalho, ponderadas as circunstancias de haver ficado concluido o vestibulo em 1509 e do fallecimento de Matheus Fernandes, senior, se ter dado em 1515, pode bem ser considerado como sendo obra deste artista.

Incidiria com a mesma época o haverem sido muradas as capellas menores para reforço dos pilares e fechada a abobada das capellas maiores. Estas

(1) Reproduzida na obra do visconde de Condeixa.

(2) Idem.



TENTATIVA DE RECONSTRUÇÃO, SEGUNDO O PRIMEIRO PROJECTO

apresentam igualmente o cunho da era manuelina, e tanto as que lhe ficam contiguas como as três da direita são adornadas com abobadas sumptuosíssimas, com nervuras de ornamentação

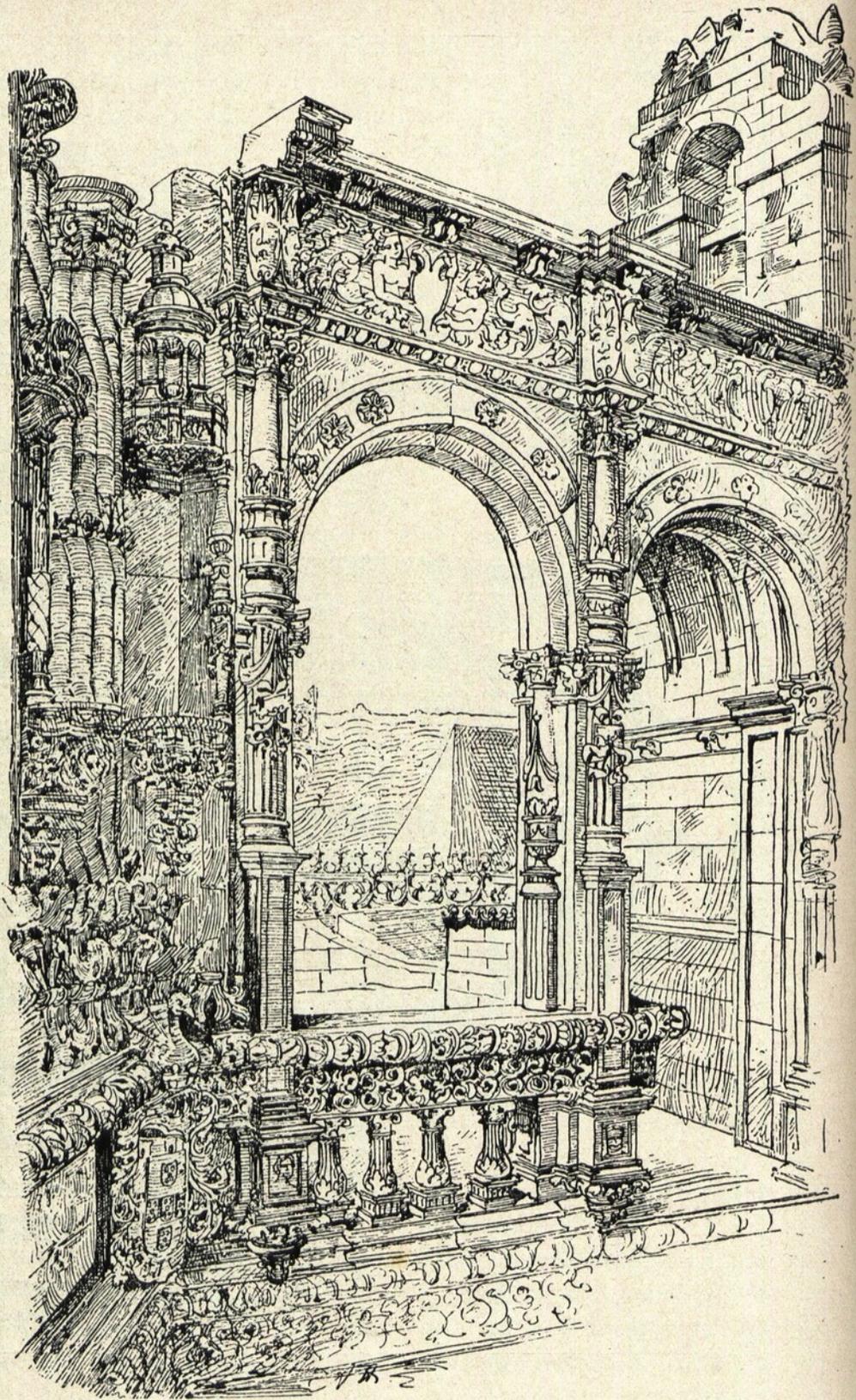
opulenta, bocetos muito salientes, escudos de armas e feixes pendentes, avolumados.

Por cima dos arcos mais antigos, de ponto subido e afastados, da capel-

la, os frisos são adornados com uma dupla cerca-dura de sumptuoso ornato interrompido, em vigorosas formas da primitiva Renascença, deixando entre si uma faixa larga muito cavada, em tosco, visivelmente destinada mais tarde a receber um friso opulento, talvez que de figuras. (1)

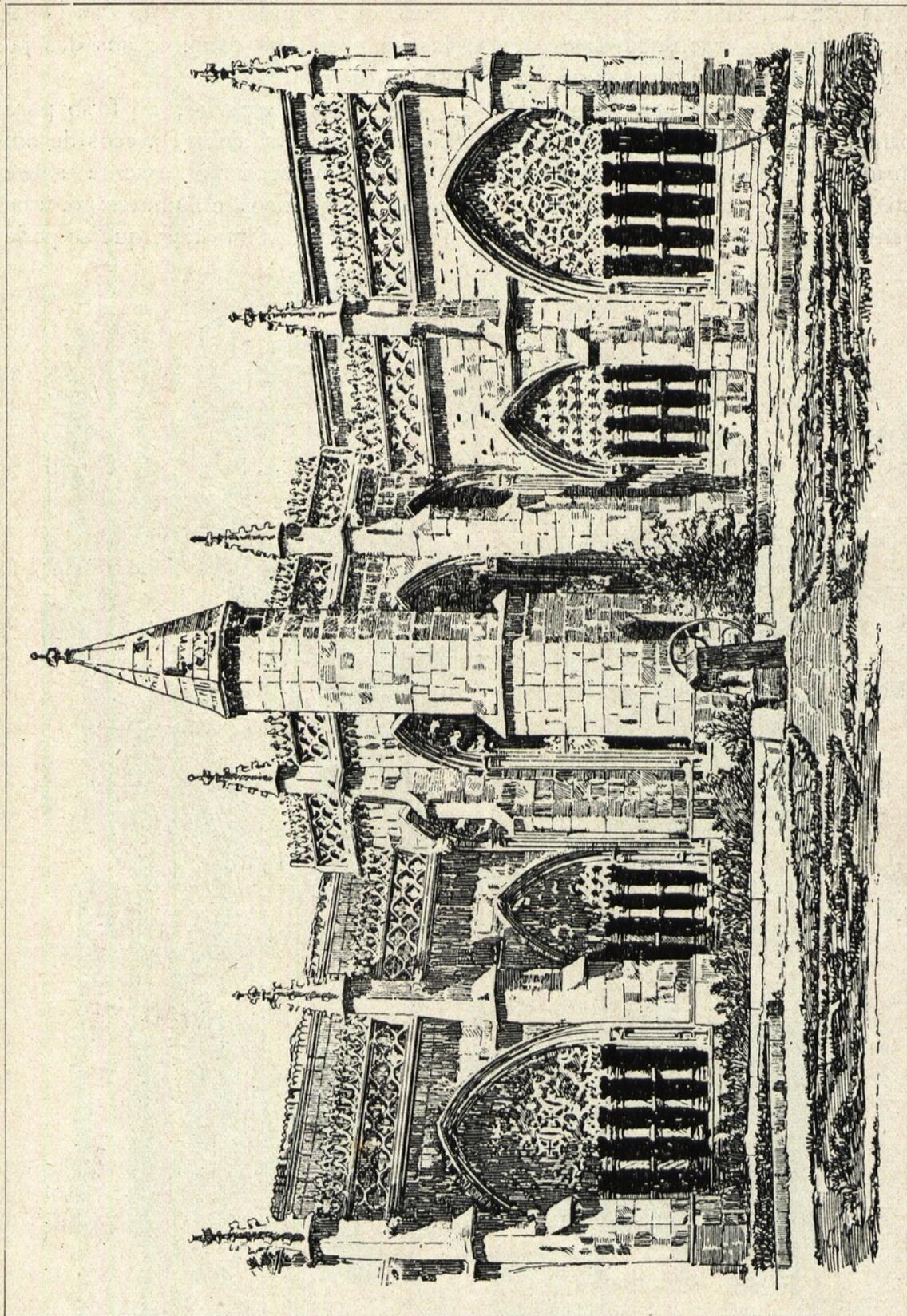
Por cima ostenta um coroa-mento de lavor libérrimo de ponderosos ramalhos, botões e flôres.

Acima dos oito lados erguem-se os possantes esteios do octogono superior. Exteriormente, com a feição de um grosso feixe de bordões redondos, á similitude de feixe de bambús, ligados por umas faixas a modo de corôas, repetidos interiormente



VARANDIL DAS CAPELLAS IMPERFEITAS

(1) A geral estimação em que eram tidos os trabalhos italianos de *terra-cotta* (barro cozido) e o emprego frequente dos productos dos Della Robia, em edificios manuelinos, deixa antever a probabilidade de haverem reservado os ditos frisos para algum trabalho florentino do mesmo genero.



CLAUSTRO REAL E CAPELLA DA FONTE

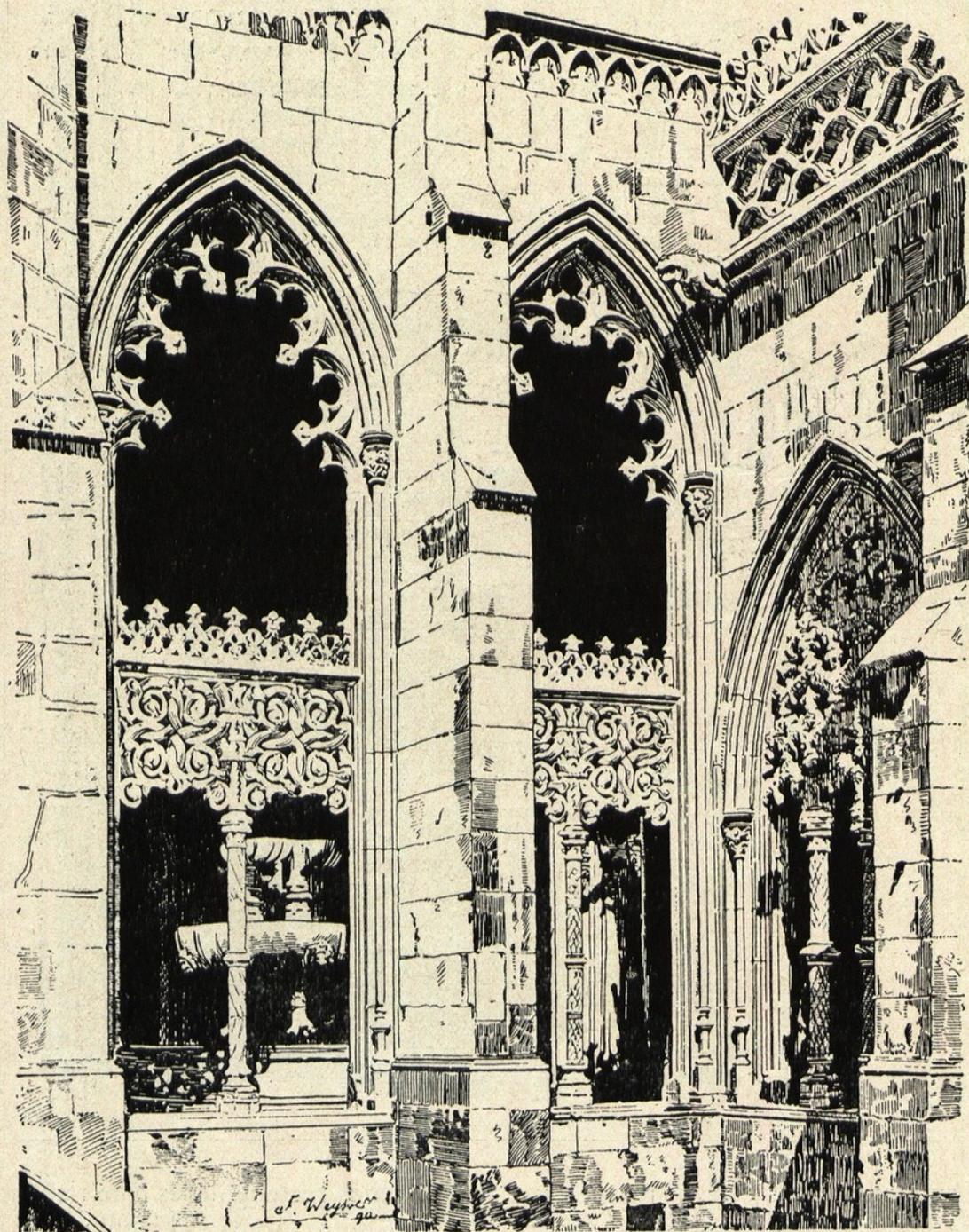
nas emmaranhadas cercaduras dos ângulos com capiteis e nascenças dos arcos da abóbada; contíguos a estes

uns nichos rectangulares com ricas consolas e sumptuosos baldaquinos de ramaria, depois, o emoldurado da pro-

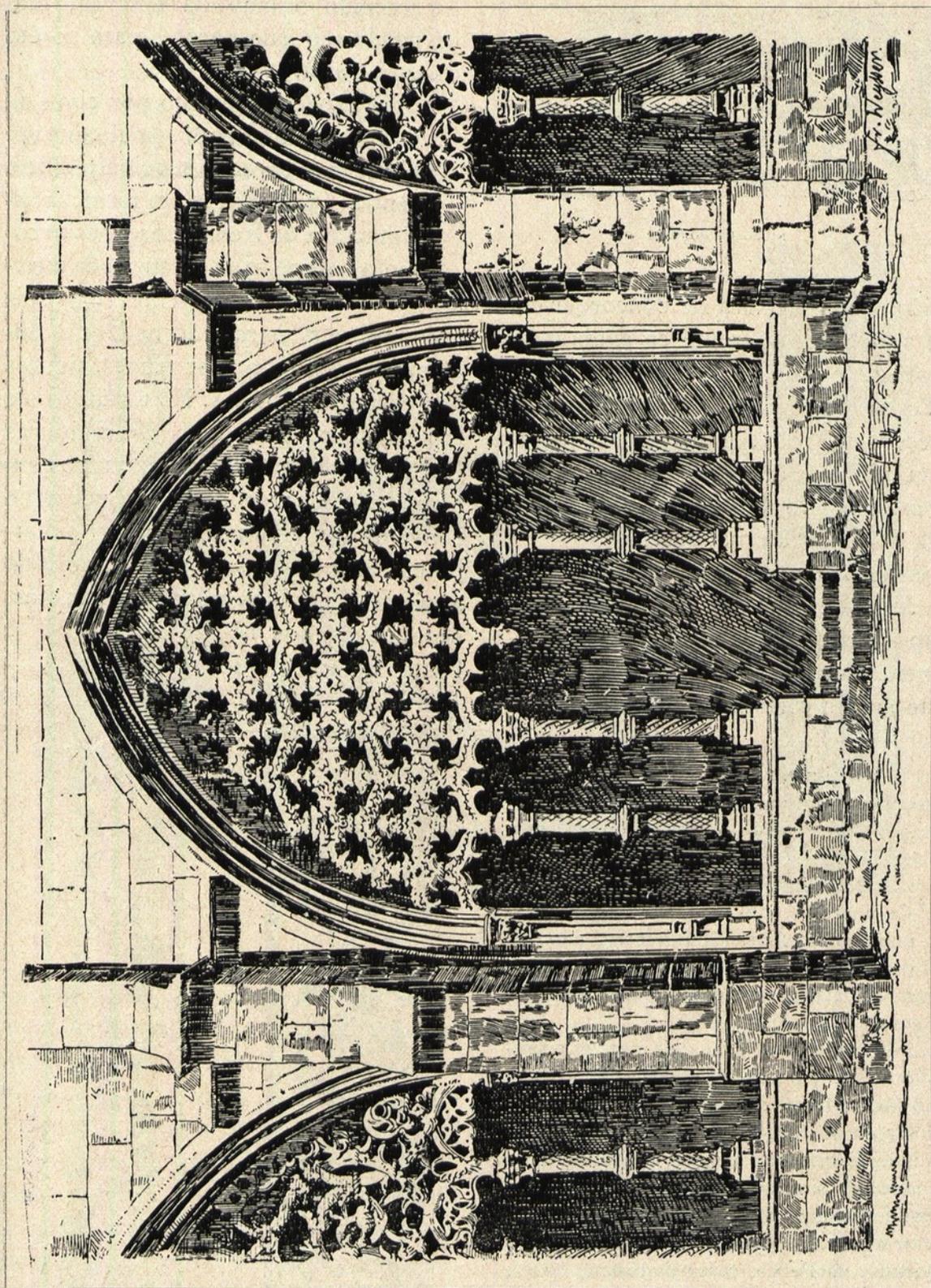
jectada janella, seguindo-se-lhe outra vez cercaduras e cracas, fundas e atulhadas de folhagem e ornato; por partes, apresentam estas tambem como adorno as iniciaes de D. Manuel (M. R. com a corôa), e logo um macisso e nodoso tronco de arvore com as raizes, desenvolvendo em laçaria deixando an-

tever que o preenchimento das janelas se propunha condizer aos das janellas do vestibulo.

Este lanço superior, do friso para cima, manifesta ainda retraços de um vigoroso naturalismo assente sobre principios gothicos, e a um tempo, uma forte tendencia fantastica, que só pode



CAPELLA DA FONTE NO CLAUSTRO REAL



LACARIA DO CLAUSTRO REAL

ter provindo do extremo oriente. O conjunto estrutural é indubitavel o aparentar-se com a Arte *indiana* e, com as suas largas e toscas faixas de ornato,

e os seus nichos para figuras, pronunciadamente indiano o seu aspecto. Comparado ás obras sumptuosas encontradas nas colonias portugêsas daquella



NO CLAUSTRO REAL

região, quem deixará de concordar em que apresentam parentesco ainda mais conspicuo? (1)

Todavia, como D. Manuel veio a fallecer em 1521, e este lanço apresenta ainda o seu monograma, consideramos pois o dito lanço como sendo obra do junior Fernandes.

Desde a sua morte assumiu o seu lugar João de Castilho, o qual por esse tempo já empregava formas pronuncia-damente da Renascença. Será pois deste artista certamente a varanda en-

(1) Permitti-me, talvez com excesso de zelo, apresentar um bosquejo do aspecto que offerceria o edificio, dado o caso de que viesse a ser completado segundo as vistas de D. Fernando II e os ultimos projectos de reconstrucção. Comparado com as ideias de Murphy, meu unico antecessor, segundo creio, não deixará de patentear-se a superior verosimilhança da minha ideia, a qual, quando menos, se baseia em estudo individual.

Accrescentei, á margem, dois motivos orientaes que me pareceram opportunos, e, seja como fôr, os feixes de bambús dos pilares devem ser classificados como productos de origem indiano-oriental. A torre, em Kutah, é de tão absoluta similhança, que a imitação, até então inintelligivel a tal ponto, me parece encontrar aqui explicação.

Quando, na Persia, cerca da mesma época, foi edificado um tumulo, patenteando disposições de tanta similhança; quando na India existiu multidão de mausoleus (Agra) aparentados com aquelles, não deixa de encontrar fundamento a hypothese, de como aqui, na Batalha, souberam não só emular com o Oriente, senão ainda se empenhavam em o exceder.

cimando o lado da entrada, planeada, ao que parece, para corêto de musica.

O espaçoso terraço por cima da entrada deixa suppôr semelhante applicação; a parede a seguir ao edificio central é trabalhada em formosa architectura da Renascença, assim como o parapeito da balaustrada interrompendo o friso abrangente, cujos dois arcos sobre pilastras adornadas de candelabros ostentam, por partes, figuras nos respectivos frisos. No tardo existe um possante arco com as molduras dos pés direitos em originalissimos en-cruzamentos, taes como se vêem no convento de Thomar. Os proprios tor-reões redondos das escadas, supprindo aqui as vezes dos pilares enfeixados, são coévos dos ro-bustos botareus, que

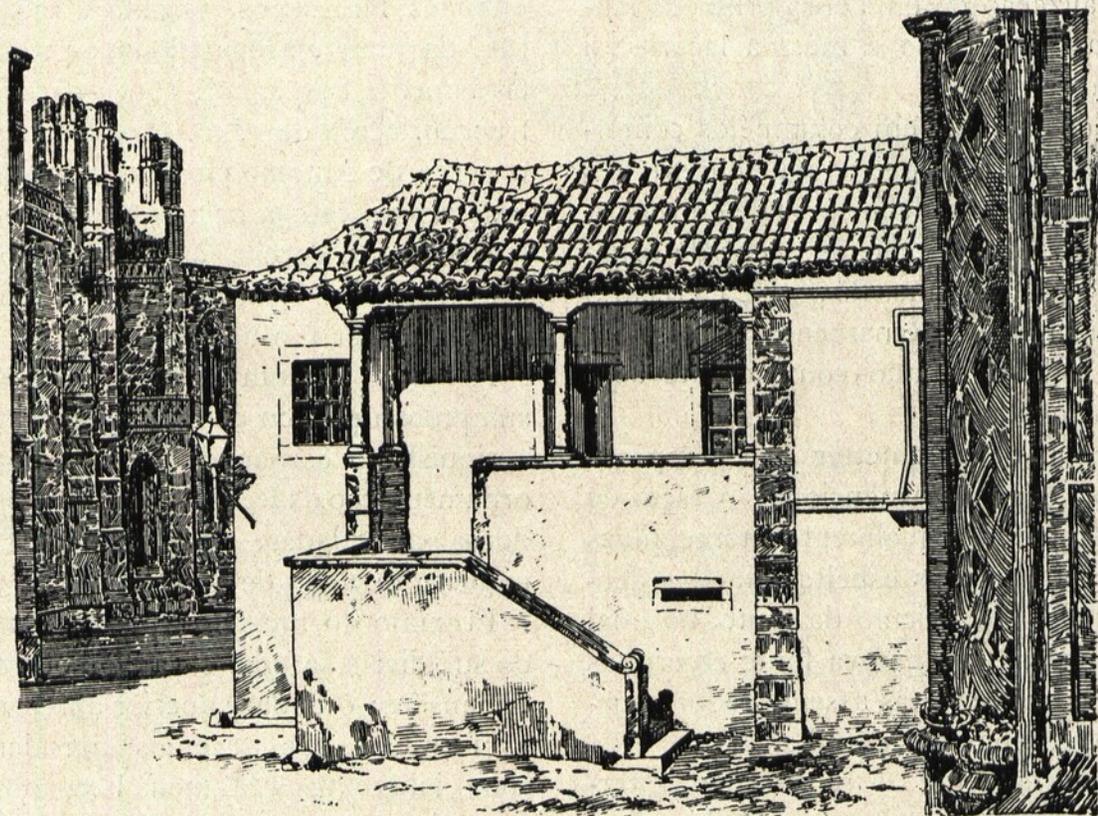


RETABULO DA EGREJA PAROCHIAL DA ALDEIA DE SANTA CRUZ

se erguem acima da abside do côro da igreja, e manifestam a intenção de substituir aos ditos pilares enfeixados qualquer elemento mais civilizado.

Vêmos aqui João de Castilho tentando identificar-se com as novas for-

capellas imperfeitas (1). Estas, ficaram sempre por concluir, visto não corresponderem ao espirito da época, e conservarão para sempre esta designação, supposto o completá-las não representasse hoje commetimento gigantesco.



RESIDENCIA PARTICULAR

mas, e com o ideal que desde muito vinha progredindo, dos jesuitas, tão predilectos d'el-rei D. João III, fundindo-as com as antigas.

Quanto á parte interior não se lhe mallogrou o intento; não lograria contudo a sua possante constituição, a qual, apenas quinze annos atrás, laborava no emprego de formas de absoluta divergencia, conciliar a individualidade da construcção exterior e as novas aspirações; quanto estava já feito não apresentava unidade, e assim pois, os mencionados fragmentos estabelecem o termo da sua actividade no tocante ás

Ainda no restante edificio do mosteiro construíram os Fernandes muita

(1) Não poderá aliás deixar duvidas, a avaliarmos pelas ideias expressas nas formas dos trabalhos acima citados, a propensão para a Arte indiana, e a circumstancia de nutrir o o beato D. João III repulsão por semelhantes formulas artisticas; e, pelo facto de não haver cabido em sorte ao seu architecto o lograr a christianização do conjunto, haver deixado caducar, por fanatismo, o projecto da conclusão da obra.

Além de Castilho anda ainda associado nessa época ao edificio o nome de um tal Antonio Gomez. E' possivel haver residido aqui na qualidade de director da construcção.

coisa de concepção própria e manifestando o seu estylo.

Acima de tudo, manifesta-se isto no «Clautro real», onde a antiga e severa laçaria das arcadas não apresentava a desejada sumptuosidade. Aqui existe apenas de algum modo, effectivamente, a realização de uma obra prima da fantasia, visto como a mesma laçaria foi feita de novo.

Consiste esta em columnélos contorcidos e ornatados a aguentarem uns estupendos gradeamentos de entrelaçados, de ornato maçudo a par de original, com as formas do gothico terçeario e da primitiva Renascença, tão unicas em todo o mundo como os até aqui mencionados.

Aqui, devo remetter ás estampas o leitor e apenas mencionar o facto de haverem sido igualmente interceptadas a meia altura as esbeltas janellas denticuladas do ediculo da fonte, no qual dispuzeram uma nova fonte com duas bacias sobrepostas assentes sobre quatro columnas entrecambadas.

Externamente ao mosteiro não tardaram em agrupar-se outras habitações, de modo que, a breve espaço, ali se foi constituindo uma aldeia. As necessidades do culto, com o andar dos tempos, deram azo á edificação de uma nova igreja paroquial, que veio a ser erigida em 1552, distante do mosteiro uns cem passos.

Esta egrejinha, dedicada ao Santo Lenho, foi implantada por João de Castilho e apresenta o character do seu primitivo estylo. Arruinada, actualmente, consiste em uma nave unica, com tecto de madeira, singelissimo, e um côro quadrangular, adornado ainda hoje com uma rica abobada manuelina.

Na parede do lado de nordeste, junto ao arco do cruzeiro, divisa-se o primo-

rosissimo retabulo (1) do altar lateral, muito deteriorado, porém, construido em dois lanços sobrepostos, com dois nichos ladeados por columnas de candelabros e retopilastras e coroado superiormente por um medalhão, contendo um santo, flanqueado por dois animaes fantasticos. Ornato e molduras, da mais extrema finura; pronunciadamente hespanhol; época da construcção, cerca de 1540. Quem sabe se o nome de Antonio Gomez, o qual por esse tempo estava occupado nas construcções da igreja, andar á ligado a este trabalho? O appellido pode muito bem designar um hespanhol.

A igreja ostenta exteriormente um sumptuoso portico com arco ogivalado e riquissimo coroamento, assim como ornamentação da Renascença entre molduras aboceladas, absolutamente na maneira de João de Castilho.

Proximo do mosteiro, para a banda do sul, divisa-se uma casa de modestas dimensões; o andar superior apresenta as formulas que devemos considerar como inherentes a Matheus Fernandes, segundo; esta casa, pelo que reza a tradição, era a morada do artista.

Decoração similhante, supposto que mais esmerada, deverá ter ostentado a fachada occidental da igreja, quasi contigua, a qual, no decurso do «restauro» do mosteiro deve de ter sido victima dessa contagiosa epidemia que entre nós tanto grassou, aliás.

As antigas casas de habitação na Batalha apresentam por vezes formosos agrupamentos, já de escadas já de varandas como aquella cuja reprodução inserimos nestas paginas.

(1) Apresentando no tardoiz uma luxuosa construcção.

Serões dos Bébés



Nansei e a sua egua



Em tempos que já lá vão o rei dos Christãos ia a cavallo pelo meio de uma floresta, quando viu, debaixo de uma arvore, um pequenito a dormir.

Apeou-se, acordou-o e perguntou-lhe :

— Quem és tu que estás a dormir aqui sósinho, debaixo do arvoredor ?

E o pequenito, que tinha apenas tres annos, respondeu na sua linguinha de trapos :

— *Nan sei.*

— Onde é que moras ? tornou o rei a perguntar-lhe.

— *Nan sei.*

— Onde é que está o teu pae e a tua mãe ?

— *Nan sei.*

— Como te chamas ?

— *Nan sei.*

— Pois, meu rico Nansei, já que não ha aqui ninguem que olhe por ti, acho que o melhor é vires comigo para o palacio.

E o rei pegou ao collo no pequenito e levou-o para o paço real, onde o mandou educar pelo mais sabio de todos os seus sabios. O pequenito aprendeu tudo muito depressa, e aos dezeseite annos sabia tanto, que o sabio mais sabio declarou que já não tinha nada que lhe ensinasse.

— Quero armar-te cavalleiro, disse o monarcha ao Nansei — todos lhe davam este nome — mas antes hei-de comprar-te uma espada.

Foram ambos á loja de um alfageme, que mostrou a Nansei espadas das mais pesadas e das mais leves, espadas de todos os tamanhos e feitios. Como nenhuma agradasse a Nansei, voltavam os dois para o palacio sem ter comprado nada, eis que viram, á porta de uma lojinha de ferro-velho, pendurada uma espada já toda comida pela ferrugem.

Nansei agarrou-lhe immediatamente e gritou muito satisfeito:

— Cá está a espada que eu quero !

— Repara bem no estado em que a puzeram ! disse o rei. Já não serve para nada.

— Comprae-m'a por quem sois, respondeu o Nansei, e vereis que ainda serve para alguma coisa.

Como a velha, dona da lojinha, pediu muito pouco dinheiro pela espada, o rei satisfez o capricho do rapaz.

No dia seguinte, Nansei tirou a ferrugem da espada e foi descobrindo a pouco e pouco umas letras, que a principio não fizeram sentido, mas com que elle formou afinal estas palavras: «Sou invencível».

— Ainda bem ! murmurou Nansei com os seus botões.

Tempo depois, disse-lhe o rei :

— Tenho agora de te arranjar um cavallo.

Foram ambos a um negociante de gado. Mostraram-lhe muitos cavallos bonitos e fortes, porém nenhum agradou a Nansei, e por isso ambos voltavam para o palacio sem ter comprado nenhum, quando encontraram uma velhinha, que levava pela arreata uma egua muito feia, osuda e estropeada.

E Nansei disse logo :

— Aqui está a egua que me convém !

— Que dizes ! Não ha sendeiro mais ruim. Olha bem para ella.

— Esta é que eu quero, acudiu Nansei, e não acceto nenhuma outra. Comprae-m'a, peço-vos ! . . .

— Sempre tens gostos bem exquisitos, disse-lhe o rei, enquanto pagava o preço da egua á velha.

E vae esta disse baixinho a Nansei, quando lhe entregou a egua :

— Vês estes nós, que tem a arreata ? De cada vez que desatares um, a egua leva-te para d'ahi a cem leguas.

— Muito bem ! respondeu Nansei, e, tendo montado na egua, desatou um dos nós. Tanto elle como o animal cortaram os ares, mais ligeiros que um pé de vento,



— ESTA ESPADA É QUE EU QUERO ! DISSE NANSEI

e foram ter a uma cidade que ficava á distancia de cem leguas e era capital do reino dos Pagãos. Ora succedeu ir passando perto o rei d'este povo, e, julgando que Nansei tinha saltado por cima de umas casas muito velhas que havia perto, disse-lhe:

— Sois um grande cavalleiro. Quereis tomar á vossa conta o ensino dos meus cavallos?

— Com muito gosto, real senhor, respondeu Nansei.

E os cavallos, que lhe foram entregues, em breve se tornaram mais fortes e bellos do que os confiados aos palafreiros reaes. O rei deu sinceros parabens a Nansei, o que fez com que os outros se mordessem de inveja e resolvessem á chucha-calada armar-lhe uma traição.

A occasião chegou afinal, uma noite. Fazia muito escuro e Nansei recolhia de um passeio e já estava perto da cavallariça, quando viu no chão uma coisa a luzir muito.

Era uma corôa de ouro, com lindos brilhantes engastados. O rapaz apeou-se e já ia para apanhal-a, quando ouviu uma voz dizer:

— Não a apanhes! Não a apanhes! Não a apanhes!

Era a egua, que lhe falava. Nansei olhou para ella espantado, não sabendo o que havia de fazer, mas era tão linda a corôa, que, sem poder resistir á tentação, a levantou e escondeu debaixo da capa.

Tendo deixado a egua na cavallariça, foi para o seu quarto, que ficava por cima, e pendurou a corôa n'um cabide. Os brilhantes davam luz como um bom lampião.

Ora nas cavallariças reaes houvera pouco antes um grande incendio e por isso o rei tinha dado ordem para que nunca lá tivessem luzes accesas, com medo de que pegasse fogo outra vez na palha e no feno.

Quando os palafreiros viram aquelle clarão sahir da janella do quarto de Nansei, julgaram que elle tinha desobedecido á ordem e trataram logo de o denunciar ao amo.

Nansei respondeu que era a sua espada que dava aquelle clarão, por ter virtude magica, de modo que o rei ainda em cima se zangou com os denunciantes.

Na noite seguinte, como vissem o mesmo clarão, foram pé ante pé espreitar



ERA UMA COROA DE OURO
COM BRILHANTES ENGASTADOS

pelo buraco da fechadura, para saber se a espada effectivamente dava luz, e viram que o clarão era produzido por uma linda corôa de brilhantes.

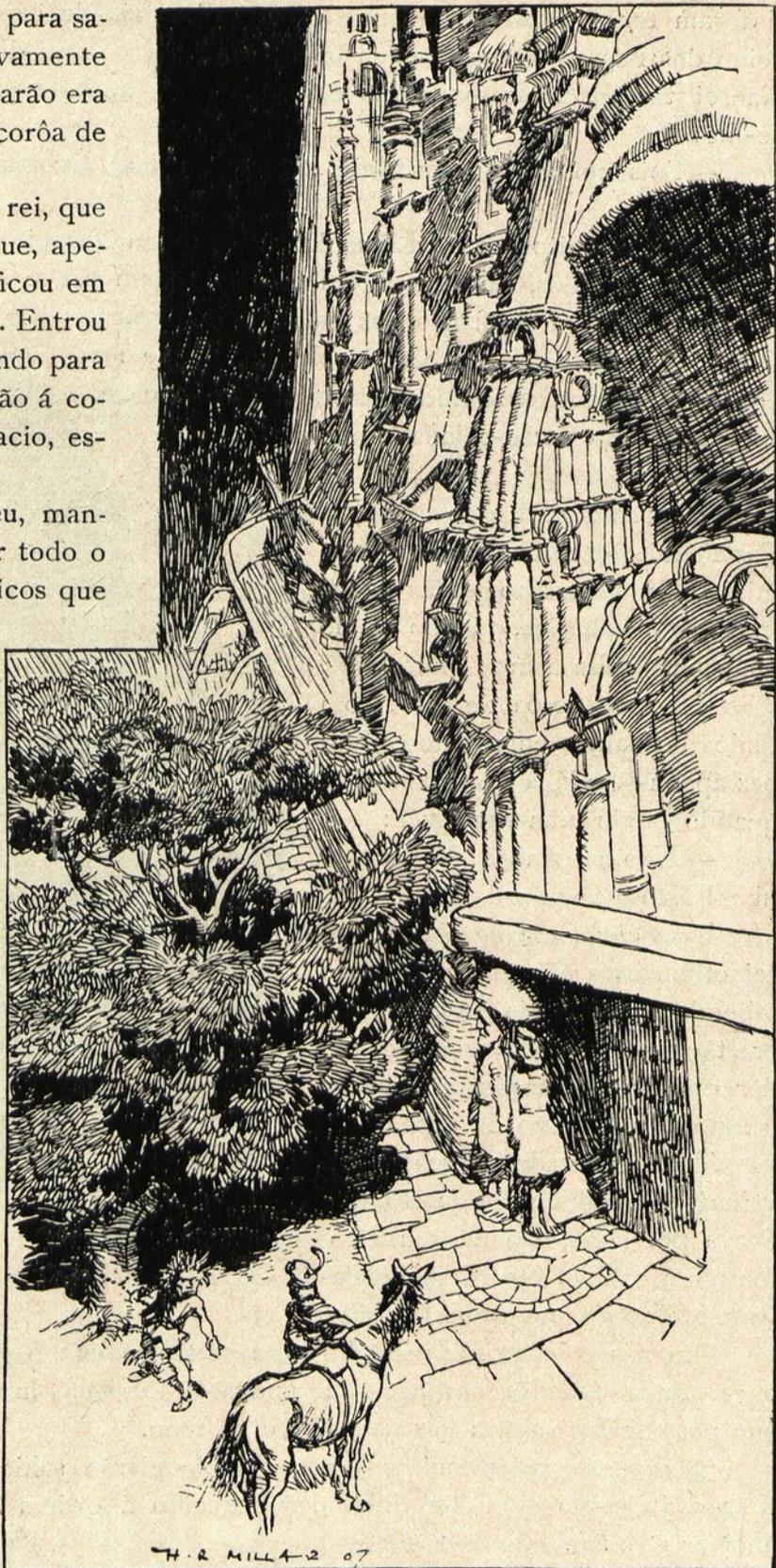
Levaram a noticia ao rei, que foi tambem espreitar e que, apenas viu a preciosidade, ficou em ancias por lhe chamar sua. Entrou pelo quarto dentro, arredando para o lado Nansei, deitou a mão á corôa e levou-a para o palacio, escondida debaixo da capa.

Logo que amanheceu, mandou deitar um bando por todo o reino, chamando os magicos que n'elle houvesse, para virem explicar-lhe o que queriam dizer as letras gravadas na corôa. Apareceram muitos magicos, mas nenhum atinou com a explicação. Até que chegou um menino de sete annos e disse que as taes palavras significavam que a dona da corôa era a princeza do Castello Encantado.

E vae o rei disse a Nansei:

— Assim como achaste a corôa, tambem deves descobrir o paradeiro da princeza, a fim de m'a trazeres ao palacio, para eu casar com ella. Põe-te já a caminho e ai de ti se não fôres bem succedido! Já sabes que te mando matar.

— Para que apanhaste a corôa? perguntou a egua ao rapaz, enquanto elle estava a apparelhal-a na cavallariça. Eu bem te avisei tres vezes. Ainda assim não



NÃO TENHAS MEDO, DISSE-LHE A EGUA, NÃO TE FAZ MAL

percas as esperanças. O ponto é d'aqui por diante fazeres tudo o que eu te disser.

Nansei montou na egua e abalou á procura do Castello Encantado.

Foi andando, andando até que chegou á beira-mar e viu um peixinho a estrebuchar na areia e quasi a morrer.

— Deita-o na agua! disse-lhe a egua muito depressa.

Elle assim fez, e o peixinho, deitando a cabeça ao de cima da agua, disse

— Salvaste-me a vida, Nansei. Sou o rei dos Peixes e se alguma vez precisares de mim ou dos meus vassallos não tens mais do que vir aqui chamar-me, que logo apparecerei.

E sumiu se no mar.

Nansei continuou a jornada e encontrou mais adiante um passarinho, que estava preso n'uma esparrela.

— Solta-o! disse-lhe a egua muito depressa.

Elle assim fez, e o passarinho, antes de voar, disse-lhe:

— Obrigado, Nansei. Sou o rei dos Passaros e se alguma vez precisares de mim ou dos meus vassallos não tens mais do que chamar-me, que voarei logo em teu auxilio.

Nansei continuou a jornada e a egua foi passando facilmente os rios, os montes, os bosques, os mares e afinal chegou á vista das muralhas do Castello Encantado.

N'isto ouviu uns rugidos tão medonhos, que lhe fizeram gelar o sangue nas veias. Avançou mais, e viu deante do portão um homem preso a uma arvore por uma cadeia de ferro.

— Solta-o! disse-lhe a egua muito depressa.

— Não me atrevo a chegar-me para elle, respondeu Nansei. De certo investe comigo.

— Não tenhas medo, que não te faz mal, respondeu-lhe a egua.

Nansei desembainhou a espada magica, e bätendo com ella na cadeia logo a fez em pedaços, e o homem ficou solto.

— Obrigado, disse elle. Se alguma vez precisares de mim não tens mais do que chamar pelo rei dos Duendes, e virei logo em teu auxilio.

— Entra agora atrevidamente no Castello Encantado! disse-lhe a egua. A princeza vae receber-te muito bem e mostrar-te as coisas maravilhosas que tem lá por dentro. E tu então has de convidal-a para vir a este arvoredado, porque lhe queres mostrar a tua egua, sem equal no mundo. Dize-lhe que sei as danças de todas as nações e que as hei de bailar deante d'ella.

Nansei entrou no Castello Encantado e perguntou ao guarda-portão se podia ver as coisas maravilhosas que lá havia. E então appareceu-lhe a princeza em pessoa e levou-o por todas as salas, que eram de ouro massiço, ornado de pedrarias.

Depois de ver e admirar todas aquellas riquezas, Nansei convidou tambem a princeza a ir á floresta, para ver uma egua que não tinha equal no mundo.

E a princeza foi e a egua dançou deante d'ella muitas danças differentes, causando-lhe muito pasmo e contentamento.

— Montae, princeza, disse-lhe Nansei, que a minha egua ainda bailará melhor.

A princeza não queria, mas por fim resolveu se e montou. Nansei pulou para

a garupa da egua, e, como desatou um dos nós da arreata, foram todos pelos ares para cem leguas de distancia.

— Enganaste-me, disse-lhe a princeza muito zangada, mas fica sabendo que ainda não chegaste a cabo dos teus trabalhos, e que tens que chorar muitas lagrimas antes de eu casar com o rei dos Pagões.

Chegaram pouco depois á capital d'esta nação e Nansei apresentou ao rei a princeza, dizendo :

— Meu senhor, aqui tendes a princeza do Castello Encantado.

Ficou o rei tão derretido com aquella formosura, que deu logo ordem para se fazer n'aquelle mesmo dia o casamento. Mas a princeza disse que para casar com elle havia de ter um anel, que estava dentro d'um estojinho, no seu quarto do Castello Encantado.

O rei, muito pouco satisfeito, deu ordem a Nansei para que fosse buscar o anel.

— Lembra-te de que salvaste a vida ao rei dos Passaros ! disse a egua ao rapaz. Chegou a occasião de lhe pedires que te ajude.

— Acode-me, rei dos Passaros ! gritou Nansei.

O rei dos passaros appareceu immediatamente e perguntou-lhe o que queria d'elle. E Nansei contou-lhe a afflicção em que estava.

— Fica descançado, respondeu o passarinho. Não tarda que recibas o anel.

E chamou todos os passaros, cada um pelo seu nome, e todos promptamente acudiram ao chamado. Por infelicidade, nenhum era tão pequenino que podesse entrar no estojo onde estava o anel. Afinal veiu um colibri e o rei dos Passaros mandou-o ao Castello Encantado. Apesar de ser tão pequenino, o colibri teve de lutar muito e chegou a perder metade das pennas primeiro que pudesse chegar ao anel, mas por

fim trouxe-o preso no bico e Nansei d'ali a pouco entregou-o á princeza.

— E agora, perguntou o rei dos Pagões, ainda vos recusareis por mais tempo a tornar-me o homem mais feliz d'este mundo ?

— Preciso de mais uma coisa, replicou a princeza, e sem ella nada pode fazer-se. E' que o meu castello venha para junto do vosso.

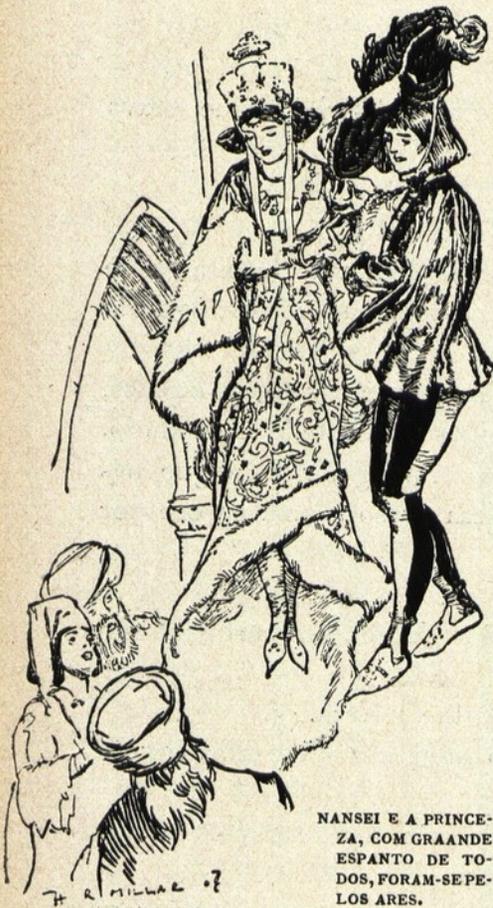
— Mas isso é impossivel ! exclamou o rei.

— Pois não vindo o castello, não haverá casamento !

Muito afflicto, o rei deu ordem a Nansei para fazer o que pedia a princeza, e accrescentou :

— E' tua obrigação, pois tens a culpa de tudo. Se não apanhasses a corôa de brilhantes, não estaríamos passando estes trabalhos.

— Que te dizia eu ? segredou a egua a Nansei, enquanto elle, dizendo mal á



NANSEI E A PRINCEZA, COM GRANDE ESPANTO DE TODOS, FORAM-SEPELOS ARES.

sua vida, estava outra vez a aparelhal-a na cavallariça. Mas não vale desanimar. Voltemos ao Castello Encantado, e lá veremos o que pode fazer-se.

Chegaram, e disse a egua a Nansei:

— Chama em teu auxilio o rei dos Duendes, a quem partiste a corrente que o prendia, quando aqui estivemos a primeira vez.

O rei dos Duendes appareceu e perguntou a Nansei em que poderia servil-o.

— Fazeis-me o favor de levar o Castello Encantado para junto do palacio do rei dos Pagãos?

— Nada mais facil. E' obra apenas de um minuto.

O rei dos Duendes tinha um grande numero de vassallos, e cada um d'elles agarrou-se a uma pedra do castello e, fazendo força todos ao mesmo tempo, desapareceram-n'o da rocha onde estava construido, e, enquanto o diabo esfrega um olho, levaram-n'o pelos ares até á capital do reino dos Pagãos. Nansei, montado na sua egua, acompanhou-os e chegou ao mesmo tempo do que elles.

Quando amanheceu, todos os pagãos ficaram de bocca aberta por verem o sol nascer por cima dos tectos de ouro do castello, e julgando que havia um incendio no paço real, sahiram para a rua, a gritar:

— Ha fogo! Ha fogo!

Mas a princeza viu logo que era o Castello Encantado que despedia aquelle grande clarão.

— Agora, disse-lhe o rei, só vos resta marcar o dia para o nosso casamento.

— Pois sim, respondeu ella, mas ainda falta uma coisa. Nansei esqueceu-se de trazer a chave e não posso entrar no castello.

— Ha muito bons serralheiros no meu reino, e algum d'elles fará uma chave para se abrir a porta.

— Não ha serralheiro no mundo, replicou a princeza, capaz de fazer semelhante obra. A unica chave que pode servir está no fundo do mar e é preciso ir lá buscar-a.

A princeza tinha-a deitado nas ondas quando vinha pelos ares, na egua de Nansei, a caminho do reino dos Pagãos.

Mais zangado do que nunca, o rei chamou á sua presença o rapaz, e disse-lhe que se não apresentasse n'aquelle mesmo dia a chave, o mandava matar.

E Nansei montou logo na egua e foi ter á beira-mar, onde chamou em alta voz pelo rei dos Peixes e lhe pediu que o ajudasse n'aquella afflicção.

O rei dos Peixes chamou logo todos os seus vassallos, mas nenhum d'elles tinha visto a chave do Castello Encantado. Afinal um carapauzinho, que não viera quando fôra chamado pelo seu nome, chegou todo aforçurado, trazendo na bocca a chave, que era talhada n'um diamante de tamanho desconforme.

Nansei e a egua voltaram logo para a côrte do rei dos Pagãos, e nenhum d'elles cabia em si de alegria, sabendo que era aquelle certamente o seu ultimo trabalho.

Foi marcado afinal o dia para o casamento, e, como a princeza do Castello Encantado era christã, o rei dos Pagãos e todo o seu povo converteram-se á verdadeira fé e encaminharam-se com grande pompa e luzimento para a nova cathedral.

Nansei e a egua seguiram o cortejo. Era de tão admiravel riqueza, que iam

todos cobertos de joias, fazendo lembrar um rio de ouro e pedrarias que corresse para dentro da igreja.

E ambos chegaram junto do altar, com grande admiração e escandalo de todos.

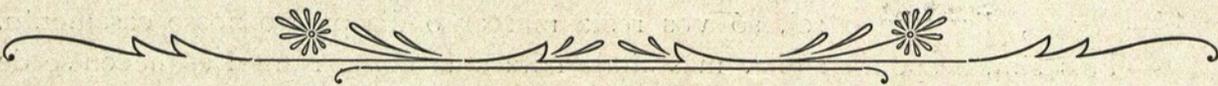
E a admiração foi muito maior ainda quando, acabada a cerimonia do casamento, a egua sacudiu de si a pelle e se tornou a mais linda princeza que dar-se pode, ainda mais linda que a do Castello Encantado.

— Eu sou, disse ella, depois de dar a mão a Nansei, filha do rei dos Christãos. Uma bruxa velha tinha-me tornado em egua, mas Nansei quebrou o encantamento e converteu-me outra vez em mulher, fazendo com que eu entrasse n'esta cathedral e assistisse ao officio divino. Acompanha-me, Nansei, á presença de meu pae, e alcançaremos de certo o seu consentimento para nos casarmos.

Havia ainda um nó na arreata, que a princeza segurava com a mão. Nansei desatou-o, e logo os dois, com grande espanto de todos, se levantaram nos ares e voltaram para a sua terra natal.

Foram recebidos com grande alegria pelo rei dos Christãos, que não só lhes deu licença para se casarem, mas tambem lhes cedeu o throno.

Assim teve começo o reinado de Nansei I, que por largos annos fez, juntamente com a esposa, a felicidade dos seus povos.



IDEAL PERDIDO

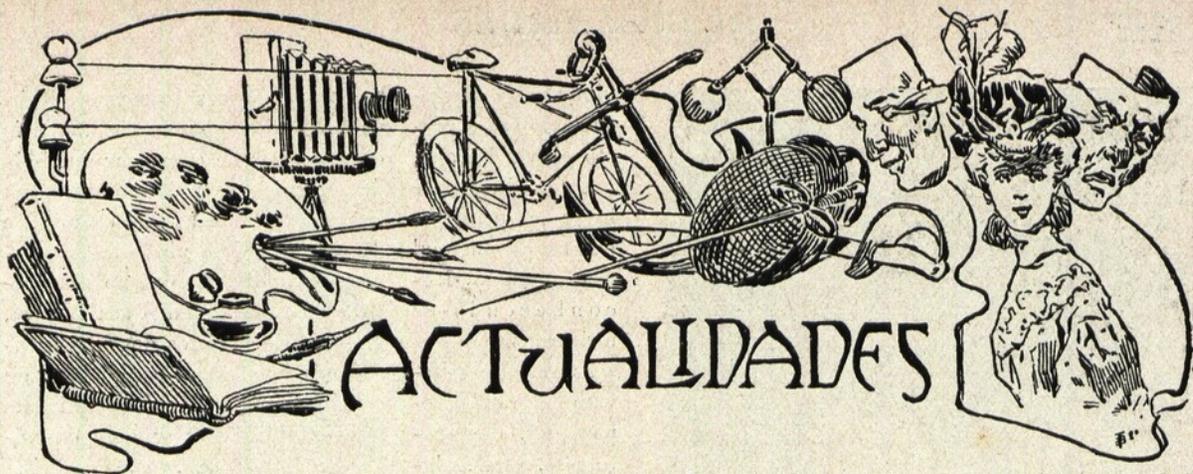


Da vida inutil na ancia vã e triste,
Vagueei de illusão em illusão,
Incansavel, buscando o almo clarão
Do olhar com que em sonhos me sorriste.

Cego da luz que n'esse olhar existe,
Andei-te a procurar na escuridão;
Corri por toda a parte e foi em vão!...
Chamei, gritei por ti e não me ouviste!...

Adeus! Estou exausto de amargura
De te buscar assim. Vou descançar!...
Se um dia emfim de sol e de ventura,

Vieres, e eu dormir, has-de chorar
Alguem, que adormeceu na sepultura
Por já não ter esperanza em te encontrar!...



Grandes topicos

O congresso de Stuttgart **E**STEVE o mez pasado reunido em Stuttgart, o Congresso socialista internacional, que é como quem diz, a assembléa magna que a democracia social de todo o mundo effectua trienalmente para, em commum, deliberar sobre as variadissimas questões que o seu pogramma comprehende.

Estas reuniões costumam ser pouco menos que estereis, devido ao formidavel embate das diversas correntes de opinião que n'ellas se manifestam, das paixões e, porventura mesmo, dos interesses de cada grupo n'ellas representado.

Aquella de que nos estamos occupando, annunciada, da mesma fôrma que as outras, como devendo ser de uma grande importancia para o futuro da social democracia, não diferiu essencialmente d'ellas nos seus resultados.

Falou-se muito, votaram-se muitas moções, mas nada de pratico se resolveu. Foi mais um torneio parlamentar e um concilio por motivo de certas definições dogmaticas, do que outra coisa.

O ponto capital do congresso — a questão do antimilitarismo — foi,



HINTZE RIBEIRO

Chefe do partido regenerador, antigo presidente do conselho, fallecido em 1 de agosto passado.

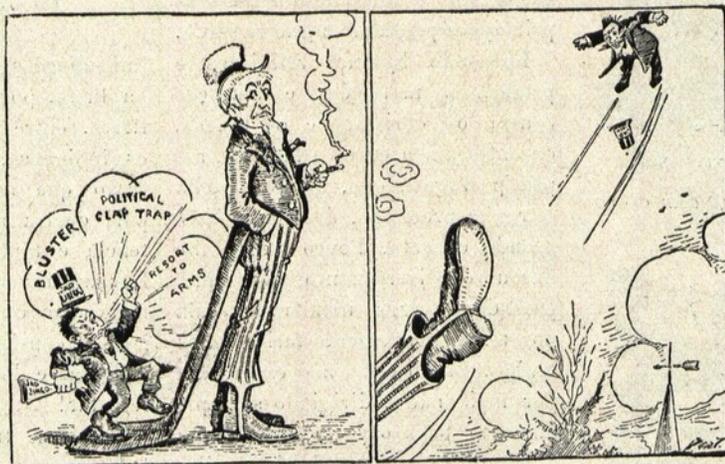
de facto, muito discutido pelos representantes de varios paizes e, sobretudo, da França e da Allemanha, mas ao fim d'essa discussão reconheceu-se que pouco se avançara.

A moção que sobre o assumpto apresentaram os allemães Bebel e Adler e o francez Jaurés, era muito nebulosa, e era-o de proposito para não exautorar completamente o ultimo que cobrira em demasia Hervé receando a parte demagogica do socialismo francez.

O traço essencial da discussão foi o dos allemães se affirmarem irreductivelmente patriotas e de se accentuar, mais do que nunca, a differença entre o espirito francez e o allemão.

Resumindo: nunca, como n'este congresso, se simulou tanto inter-

nacionalismo, e nunca intimamente se reconheceu tanto a divergencia de character dos socialistas dos diversos paizes.



OS PLANOS DO JAPONEZINHO

O japonezinho projecta um levantamento. E' possivel que o levantamento o leve mais alto do que elle calcula

(O ponto de vista americano)

Do «Minneapolis Journal»

A situação em Marrocos **N**ão ha que ver.

Marrocos continúa e continuará sendo, por muito tempo ainda, o pesadelo da Europa. No nosso anterior numero haviamos registado a ultima façanha



AS TENDENCIAS DA AMERICA

«A costa do «Pacífico», diz o jornal japonês, «já se tornou um leão feroz e todo o territorio esta ameaçado. Não tarda talvez que nos vejamos forçados a usar de espingarda contra o monstro hediondo — a mesma espingarda que já experimentámos com excellentes resultados contra o urso selvagem do Norte. Ai de nós! O magnanimo George Vashington e o bondoso Abraham Lincoln, em cujos ideias de liberdade e justiça se fundou aquella nacionalidade que pensarão esses gloriosos antepassados das tendencias actuaes da sua patria?»

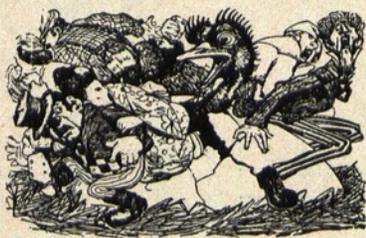
(O ponto de vista japonês) Do «Tokyo Punch»

de Raisuli, prendendo o caid MacLean, e previsto, em consequencia d'isso, uma proxima intervenção estrangeira. Essa intervenção deuse, finalmente, sendo, todavia, a sua causa immediata não o acto do famoso bandido, mas uma nova e terrivel manifestação d'aquelle fanatismo religioso que tem sido sempre o principal obstaculo ao desenvol-



O OVO DA PAZ NA CONFERENCIA

Estão todos a vêr se chocam o ovo



Esperemos que o resultado não seja de metter medo

Do «Kladderatsch»

vimento de Marrocos pelo seu contacto com a Europa.

Casa Branca é hoje o principal porto commercial marroquino. Reconhecendo-se ultimamente que os seus caes necessitam de grandes reparações, constituiu-se, para as levar a cabo, uma companhia franceza que immediatamente deu começo aos respectivos trabalhos. Isso causou grande agitação entre os indigenas, para os quaes o estrangeiro é, além de um usurpador, o Diabo personificado.

No dia 29 de julho uma comissão de chefes de tribus apresentou-se a Muley Lamin, commandante das tropas destacadas nas cercanias de Casa Branca, e exigiu-lhe que fizesse destruir o caminho de ferro que os francezes haviam construido fóra das portas da cidade para conduzir ás obras do porto os materiaes de construcção. Lamin quiz contemporisar, mas logo no dia seguinte os commissionedos, seguidos de numerosos indigenas e precedidos dos santões, entraram na cidade e percorreram as ruas principaes prégando a guerra santa.

Entoando hymnos religiosos e proferindo maldições e ameaças contra os christãos e os judeus, encontraram a certa altura um rapaz portuguez que, vendo aquella estranha procissão, desatou a fazer grande chacota. Pouco tempo lhe durou o divertimento pois que, passados alguns momentos, caía por terra, gravemente ferido pelos arabes. Então estes não esperaram por mais nada: dirigindo-se rapidamente para o porto, destruíram a linha ferrea, fazendo descarrilar um comboio, e como dentro d'elle seguissem doze operarios europeus, massacraram-os horivelmente.

Comunicados estes factos para

a Europa, logo a França e a Hespanha, encarregadas na conferencia de Algeiras de organizar a policia de Marrocos, enviaram para ali importantes forças de exercito e de marinha. Isso ainda mais enfureceu os indigenas que no dia 5 de agosto, entrando em Casa Branca, massacraram muitos dos seus habitantes e saquearam completamente o bairro judeu. Mas o almirante francez Philibert fez logo desembarcar forças que, com o auxilio dos canhões da esquadra, infligiram aos rebeldes o seu justo castigo.

Elles, porém voltaram á carga, em muito maior numero, e desde então, é raro o dia em que nas



A TRIPlice ALLIANÇA DO MEDITERRANEO

OS CAIXOTEIROS SATISFEITOS — (Inglaterra, Hespanha e França, que prenderam quasi de toda a Alemanha: — Agora temos pelo menos, um dia de rega-bofe!

Do «Lustige Blätter»

immediações de Casa Branca não ha lucta, por vezes bastante mortifera, entre as tropas europeas e os indigenas. E' claro que estes terão que acabar por succumbir, pois contra a força não ha resistencia e tanto a França como a Hespanha vão mandando cada vez mais reforços para ali. Mas até que isso se consiga, quantos sacrificios de vidas e de dinheiro teremos que registrar!

Como se tudo isto, porém, não bastasse, um facto da mais alta importancia veio ultimamente agravar a situação. Era vice-rei de Marrakech, Muley Hafid, irmão de Abd-el-Aziz e que em todo o im-



A SEDE REAL DA GUERRA

Uma ligeira esfrega local pelo Tio Sam e pelo Mikado, poderia alliviar a situação. (Allusão á campanha bellica dos jornaes nos dois paizes).

Do «Minneapolis Journal»

perio exerce grande influencia, graças á sua energia e á sua illustração. No dia 18 de agosto as tribus que estão sob a sua alçada, furiosas com os acontecimentos, cuja responsabilidade attribuem ao sultão, deliberaram depôr Abd-el-Aziz e proclamar imperador Muley Hafid. Este, a quem desde ha muito era feito o offerecimento da corôa, resolveu-se finalmente a acceital-o, e logo numerosas outras tribus, algumas mesmo das que residem cerca de Tanger, Fez e Casa Branca, o reconheceram como unico sultão de Marrocos. Muley Hafid escreveu ao irmão, intimando-o a abandonar o throno, sob pena de elle lá ir desalojal-o, e informou as potencias de que estava disposto a contribuir para o restabelecimento da ordem em Marrocos, se ellas igualmente o reconhecessem como imperador. Do contrario, lançar-se-hia tambem por seu turno, na guerra santa.

E' esta a actual situação no imperio do Magreb.

A conferencia da Haya **A** conferencia da Paz, que está reunida na Haya ha mais de um mez, vae em breve concluir os seus trabalhos sem ter resolvido nada de concreto. Sobre a diminuição dos armamentos foi approved um voto platonico; sobre a questão da arbitragem

obrigatoria nenhum voto definitivo foi ainda proferido, e quando o fór não será decerto favoravel a esse principio, visto as respectivas commissões se terem mostrado contrarias a elle.

A conferencia da Haya redunda assim para muitos, que d'ella esperavam mundos e fundos, n'uma grande desillusão. De quem é a culpa? Mais do que dos diplomatas que a constituem, dos governos que elles representam, e cuja má vontade se manifestou abertamente.

Começando pela Russia, que, em 1899, provocou a primeira conferencia com o proposito bem claro e



A PAZ UNIVERSAL

EDUARDO. — Vejam, meninos, elle está a deitar os bofes pela boca fóra. Deixem lá o pobre Miguel (a Allemanha) empregar-se á vontade com os seus canhões e outras quinquilharias.

Do «Nebelspalter»

nitido de propôr á approvação das potencias a redução proporcional e simultanea dos armamentos e que depois abandonou completamente a sua proposta, todos os governos faltaram ao seu dever e á expectativa dos pacifistas.

Ainda ha pouco tempo foram recebidas na conferencia, com o maior entusiasmo, as palavras do barão Marshall, representante da Allemanha, quando declarou que acceitava a proposta dos Estados Unidos para a instituição da arbitragem obrigatoria. Esta inesperada adhesão da Allemanha auctorisou a suppôr que todas as outras poten-

cias a imitariam; mas á ultima hora ella deu o dito por não dito até a Belgica, que é um Estado neutro e que, por isso, devia mostrar-se favoravel á proposta, passou a combatel-a com o maior vigor. Attribue-se essa attitude ao rei Leopoldo, que pretendeu assim evitar o perigo de a questão do Congo vir a ser um dia apresentada á arbitragem do tribunal da Haya.

Estas e outras miserias, que mascaram grandes e mais ou menos inconfessaveis interesses, fizeram naufragar novamente a questão da arbitragem. E', pelo menos, essa a impressão que se tem ao ler o extracto das sessões da Conferencia. E se isso se confirmar, esta terá sido, não mais uma tentativa platonica que falhou, porque já não haverá o direito de lhe dar esse nome, mas uma dolorosa mystificação para os ingenuos que ainda confiavam na sinceridade das potencias que, obedecendo ao proverbio latino, tem feito a propaganda da paz apetrechando-se cada vez mais para a guerra.



UM LOBO DISFARÇADO EM CORDEIRO

John Bull o pirata

Mordente caricatura de John Bull, a proposito da opposição dos seus delegados na Haya á proposta americana de abolir o direito de captura da propriedade particular no mar. O Tio Sam põe o enorme pé no manto candiúdo da paz com que John Bull occultou a caveira e os ossos e outras insignias de fibusteiro.

Do «Kladdetrasch»

Uma nação judaica **R**EUNIU-SE ultimamente na Holanda um congresso sionista, convocado expressamente para se occupar da criação de uma nova nação judaica, agrupando na Palestina as massas israelitas que andam dispersas pelo mundo.

O congresso dissolveu-se sem nada de positivo ter resolvido, em virtude de uns quererem que o plano fosse executado por completo desde logo, mesmo á custa dos maiores sacrificios, e outros preconisarem a colonisação methodica da Pelestina, mandando para lá os judeus necessitados, que seriam auxiliados na fundação de colonias agricolas, com creditos especiaes votados pelos congressos; estes procederiam tambem a trabalhos de interesse geral, favoreceriam os estabelecimentos industriaes, organisariam, emfim, toda a vida de uma nação.

Não ha duvida que com muita paciencia e muito dinheiro isso seria realisavel, mas resta saber se a reconstituição de uma nação judaica corresponde precisamente ao ideal e aos interesses dos israelitas. Como se sabe, estes pertencem a todas as nações e, em todas ellas, tendo vencido o preconceito em virtude do qual eram tratados como parias, conseguiram adquirir fóros de cidadãos, com os mesmos direitos e os mesmos deveres que os outros. Não

tem, portanto, necessidade de se agrupar, tanto mais que hoje em dia os homens não se agrupam por exigencias do seu ideal religioso. Por outro lado, o sionismo pôde fazer reviver todos os preconceitos de que os judeus foram victimas até ha bem pouco tempo e leval-os de novo á lamentavel situação em que viveram durante seculos.

A Islandia independente

AINDA não ha muito tempo que a Noruega se separou da Suecia, e eis que a Islandia quer agora separar-se da Dinamarca. Comquanto elles não sejam mais que oitenta mil, espalhados por todo o territorio da sua grande ilha, os islandezes constituem uma



A NAVALHA DE SEGURANÇA

O MUNDO. — *Eu não tenho grande fé em todas estas novas invenções. Em o todo caso, quero experimentar tudo, para atalhar estes pellos bellicosos.*

Do «Chicago Daily News»

nação propria. Descendentes dos colonos noruegueses do seculo IX. que mais tarde foram instalar-se na Groenlandia, conservaram melhor do que os seus irmãos do continente, as velhas tradições scandinavas e até mesmo a pureza da sua lingua que hoje se aproxima do velho nordico muito mais do a norueguesa.

Tiveram elles durante muito tempo a direcção do movimento litterario scandinavo. Povo cultivadissimo, ao qual o inverno boreal permite longos ocios intellectuaes, os islandezes guardam ciosamente essas tradições, conservam com



AS ALLIANÇAS

A PAZ. — *Soceguem. A união faz a força. D'aquí a pouco estão todos unidos.*

UMA VOZ. — *Pois sim, mas mal se pode mecher um braço ou uma perna. Se aquelle homemsinho de espada vier ahí de repente nenhum de nós pode defender-se.*

Do «Kladderadatsch»

amor a recordação da sua independencia, antes de serem incorporados á Noruega em 1264 e depois á Dinamarca, em 1831, quando a dominação dinamarqueza se estendeu a todo o reino norueguez.

Em 1809, aproveitando-se da perturbações causadas pelas guerras napoleonicas, proclamaram uma republica que, como se sabe, teve a duração das rosas de Malherbe. E ha dias, reunidos em grande numero na historica planicie de Thingueililr, onde outrora se reunia o Althing, proclamaram de novo a necessidade urgente de quebrarem de vez os laços que unem a Islandia á Dinamarca.

A Belgica e o Congo

ACABA de ser nomeada a comissão encarregada de negociar o tratado de annexação do Congo á Belgica. Constituem-na: Por parte da Belgica, os srs. Maldeghem, presidente do Supremo Tribunal; Joastens, ministro em Madrid; Béco, governador do Brabant e Cutsem, director geral da Thesouraria. Por parte do Congo, os srs. Salvay, senador; Cuvelier, general Wahis e Villemaers, presidente do Tribunal de Appellação.



O BARBA-AZUL DA RUSSIA

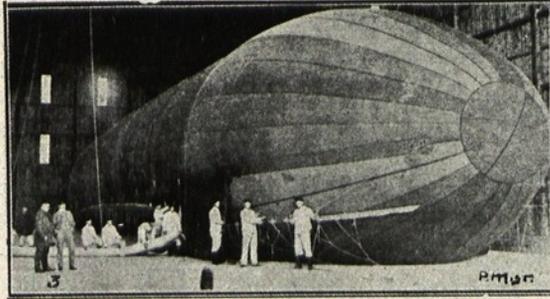
O CZAR BARBA-AZUL. — *A terceira mulher agrada-me muito mais. Mas que linda que deve de ser a quarta!*

Do «Lustige Blätter»

Vida na sciencia e na industria

Aeronautica militar na Alemanha

O balão dirigivel, que é o rival allemão da aeronave franceza *Patrie*, fez notaveis evoluções por sobre Berlim. A machina é uma combinação dos resultados obtidos pelas experiencias do major von Parseval e do conde Zepelin. Quando a aeronave subiu a 23 de julho, permaneceu nos ares pelo espaço de tres horas e meia, mais um quarto de hora que a *Patrie*. A nossa gravura representa a operação de encher o balão.



O BALÃO MILITAR ALLEMÃO

A 27 de agosto realisou-se em Berlim uma excursão combinada da aeronave militar e da aeronave dirigivel do major von Parseval. A primeira fez n'uma hora a viagem de ida e volta a Spandau. A segunda dirigiu-se a Tegel contra uma forte ventania, voltou e desceu ao mesmo tempo que a aeronave militar, que fizera tres ascensões. As manobras foram felicissimas.

A corrida Pekin-Paris A 10 de Agosto, fez o principe Borghese a sua entrada triumphal em Paris, n'um automovel Itala, depois de realizar a sua extraordinaria viagem desde Pekin.

Entre aclamações da multidão

dirigiu-se á sede do jornal *Matin*, que promovera a corrida. Eis as escalas capitães da viagem:—Partida de Pekin, a 10 de junho; passagem por



O PRINCIPE BORGHESE

Vencedor da corrida Pekin-Paris

Irkutsk, a 2 de julho; por Omsk, a 14 de julho; por Kazan, a 23 de julho; por Nijni-Novgorod, a 25 de julho; por S. Petersburgo, a 1 de agosto; por Berlin, a 5 de agosto.

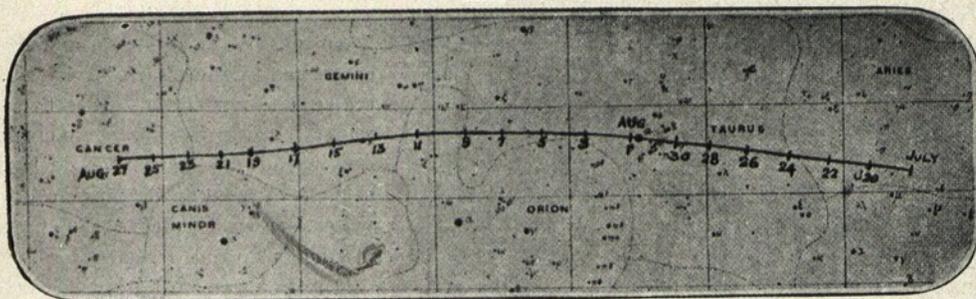
Foram grandes os embaraços que o automovel teve de vencer n'este longo percurso, em consequencia da falta absoluta de estradas em muitos dos principaes pontos da travessia.

O cometa novo A 9 de junho foi

descoberto este novo cometa por um estudante da Universidade de Princeton (Estados Unidos), Mr. Daniel, de quem tomou o nome. Em noites claras é visivel pouco depois da meia noite á vista desarmada. A época do seu perihelio culcula-se que correrá de 2 a 3 de setembro. Durante o mez de agosto mover-se-ha levemente, n'uma linha quasi parallela á elliptica, atravez das constellações dos Gemini e de Cancer, tendo passado muito proximo da brilhante estrella Aldebaran, de um amarello avermelhado. É talvez escusado dizer que a constituição chimica de um cometa, como de outros corpos celestes, se infere do exame das raias que elle produz no espectro.

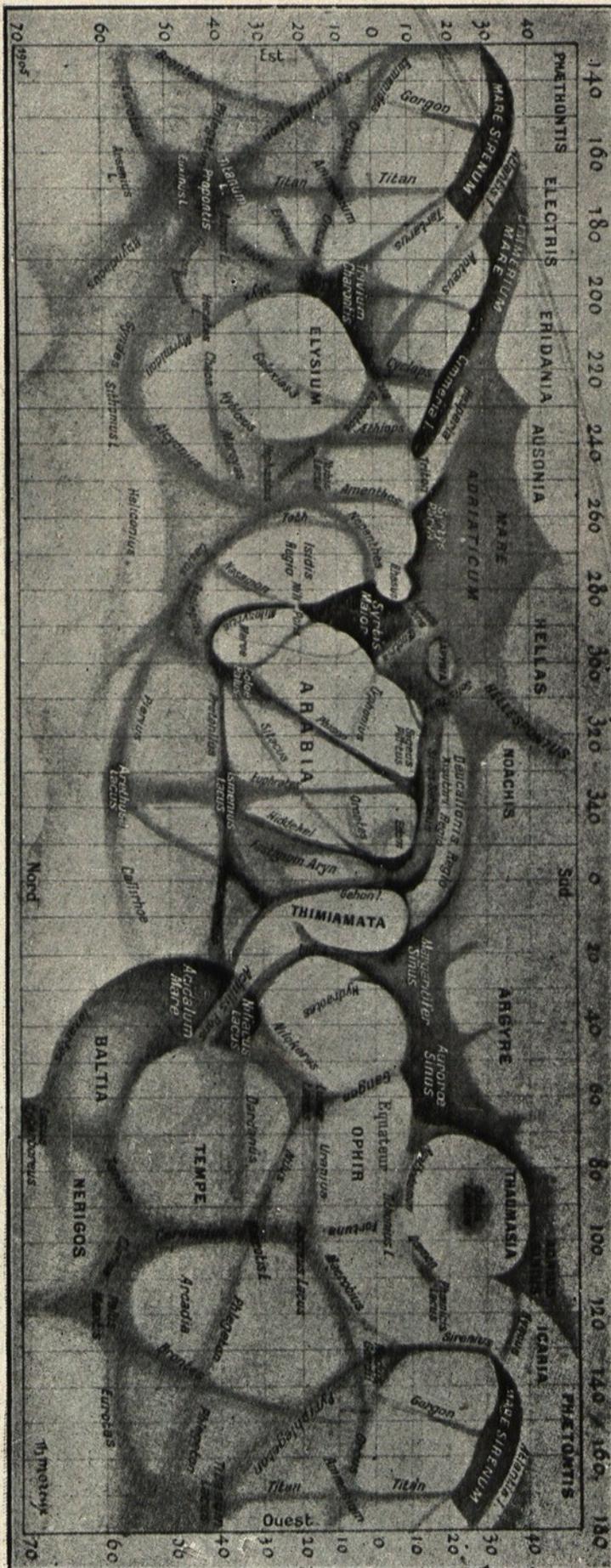
Fazem-se observações com o espectroscopio, e comparam-se depois com varios elementos terrestres afim de descobrir quaes as substancias que entram na materia cometaria. O cometa de Daniel indica a presença das tres raias esverdeadas

caracteristicas que se tem observado já por diferentes vezes em muitos outros cometas. Supõe-se que ellas são devidas a alguma modificação do carbonio, ferro e hydrogenio.



TRAJECTORIA DO COMETA DE DANIEL, DESDE 1 DE JULHO ATÉ 27 DE AGOSTO

MAPPA GERAL DO PLANETA MARTHÉ



O nosso visinho Marte **C**omo se sabe, o planeta Marte aproximou-se muito da Terra no mez de julho.

Vem por isso a proposito a publicação do mappa geral d'esse planeta nosso visinho, assim como do mappa particular do seu hemispherico norte, conforme desenhos do abbade Moreux, director do observatorio de Bourges. N'este segundo vê-se uma parte clara central, que é o capacete de gelos da região Polar. Os traços negros são os chamados canaes, que mudam de cor, á medida que os gelos se derretem. Julga-se que essa mudança é devida ao crescimento da vegetação. Se nos fosse possível observar a Terra á mesma distancia, as regiões polares apresentariam um aspecto identico.

A condição d'aquelle planeta



O HEMISPHERIO NORTE DE MARTHÉ

será provavelmente reproduzida na Terra com o decurso dos seculos. As grandes massas negras são os chamados mares de Marte, que recentes conclusões scientificas declaram não existir, suppondo-se que toda a humidade se concentra nas regiões polares. De verão os gelos polares derretem-se, e julga-se que os Martianos canalizam essa agua para as regiões equatoriaes.

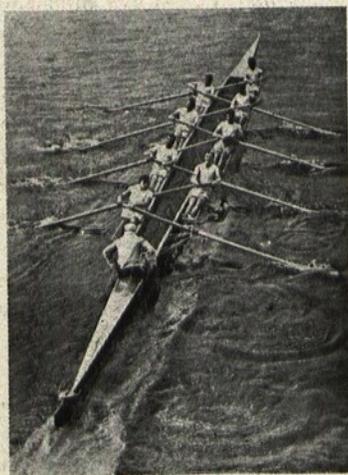
Ao passo que o outono avança, os canaes tornam-se mais visiveis, cré-se que por causa do desenvolvimento da vegetação. A chamada duplicação dos canaes é devida, segundo parece, á profundeza dos valles, cujas elevações são mais distinctas do que as depressões.

O mappa geral é feito por observações diarias dos astronomicos e tão facilmente desenhado como o

da Terra, com a differença de ser mais certa a parte das regiões polares. O norte fica na parte inferior do mapa, por causa da inversão produzida nos instrumentos astromonicos.

Novo escaler de regatas **U**m americano, o sr. Josseyps, apresenta um curioso projecto de escaler para regatas, que reproduzimos.

Os remadores, em vez de se sentarem dentro do barco, sentam-se da parte de fóra, em bancos que se fixam á borda, entre os toletes. A idéa d'esta disposição é alongar o braço da alavanca, sobre a qual actua o remador, e portanto multiplicar a força produzida. Uma reconhecida auctoridade no assumpto é comtudo de opinião desfavoravel ao audacioso invento, por varios motivos: fragilidade do barco, que não poderia aguentar esses bancos supplementares com o peso dos homens; difficuldade de equilibrio; impossibilidade de encontrar



ESCALER PARA REGATAS

n'um homem força muscular sufficiente para mover um remo de 5^m,70 de comprido com um braço de alavanca de 1^m,70.

Ricardo Severo **O** nome d'este illustre homem de sciencia ligga-se a um dos mais bellos emprehendimentos de que pôde ufanar-se a mentalidade portugueza.



RICARDO SEVERO
Director da «Portugalia»

Com o enthusiasmo quente dos proselytos, e a ponderada serenidade de um forte espirito critico, Ricardo Severo, creando a *Portugalia*, devotando-se-lhe como a um mandato imperativo do dever, vae dando á nação não só um raro exemplo de civismo, mas o balanço de que ha de sahir a clara significação historica d'uma patria. Porque a *Portugalia* não só integra o nosso paiz na actividade incessante das avançadas scientificas lá de fóra, mas, pelo seu objectivo especial de explicação da ethnica portugueza, cria, para nós, um monumento que é um valioso pergaminho de identidade, o *tablinum* do *atrium* romano, onde o latino tradicional carinhosamente guardava o archivo dos seus antepassados.

O que espanta, nesta cruzada que desnorteia no meio da nossa madracice mental, é não só ser apenas a obra tenaz de um homem, mas — e a isto se referem, admiradas, as revistas estrangeiras — ser a unica publicação que se consagra ao exclusivo estudo de uma nacionalidade. Ricardo Severo assim o quer, pois devotamento trabalha *pela grei*. Isto é mais que devoção, chama-se fanatismo, — fanatismo fecundo que faz de Ricardo Severo não só um benemerito, mas um heroe, num meio em que a heroicidade nós dá a impressão archaica de um homem que andasse pelas ruas vestido com

uma armadura do tempo de D. Sancho II.

Os *Serões* prestam assim homenagem a este bello gesto archaico de heroicidade, e vão ler a *Portugalia* como um *Livro de Horas*, — pois nisto não fazem mais que associar-se ao côro de aclamações com que a Europa pensante vem consagrando o mais bello esforço scientifico que tem sahido da actividade mental portugueza. A nação vae, emfim, conhecer-se.

Neuralgia dentaria **E**M Ischl, Austria, é muito commum a neuralgia causada por dentes estragados. Um dentista local descobriu um remedio: o tannino, que applica ás gengivas n'uma loção de duas partes de acido tannico em dez partes de alcool rectificado. Allivia-se quasi toda a especie de dôres de dentes, e avigoram-se os dentes abalados.

A origem dos petroleos **V**ARIAS são as theorias apresentadas para explicar a origem dos petroleos. Ultimamente, o auctor allemão Rakusin verificou nos petroleos a presença de cholesterina, o que permittiria concluir em favor da origem organica dos petroleos, os quaes sem duvida proviriam da alteração de animaes terrestres ou aquaticos. É tambem possivel que os oleos chamados mineraes tenham uma origem a um tempo animal e vegetal.

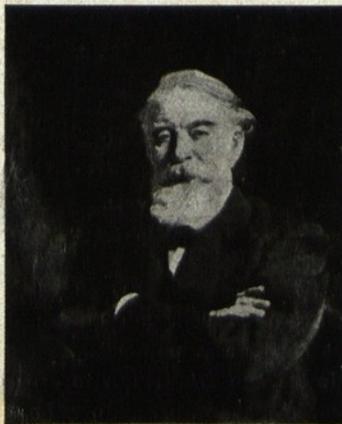
INDISCUTIVEL é o valor de uma medicação pelo phosphoro na *tuberculose, anemia, chlorose, neurasthenia*, etc., mas os meios de ministrall-a nem sempre correspondem ás aspirações da medicina.

Só gozam de grande efficacia os diversos preparados de Hypophosphitos do Dr. Churchill; esses productos proporcionam ao organismo todo o phosphoro necessario, e, por assim dizer, no estado natural. Por consequencia são perfeitamente assimilaveis, o que explica o exito d'esses medicamentos preparados pela pharmacia Swan, de Paris.

Vida na arte

O Dr. Joseph Joachim **F**ALLECEU em Berlim, a 15 de agosto, o maior violinista contemporaneo, o celebre Joachim. Nascera em Kittsee, perto de Presburgo, em 1831, e apparecera em publico pela primeira vez aos sete annos de idade. Desde então, nunca deixara de dar concertos em varios paizes da Europa, e particularmente em Inglaterra, onde ia quasi todos os annos e onde se celebrara em 1904 o seu jubileu. Era um verdadeiro erudito na arte musical, e não simplesmente um tecnico; eis o motivo por que a sua fama perdurará. Como compositor, apreciam-se os seus trabalhos pela extrema correcção e primor artistico.

Uma riquissima **A**famosa collecção artistica, reunida pelo fallecido millionario Rudolphe Karm na sua casa de Paris, acaba de ser comprada pelos irmãos Duveen, de Londres, pela extraordinaria somma de um milhão de libras (4500 contos, ao par). Mr. Karm, ama-



DR. JOSEPH JOACHIM

dor emerito, consultou os melhores criticos de arte para formar uma collecção dos mais raros e bellos quadros e objectos de arte, e o resultado é uma maravilha entre as maravilhosas collecções do mundo. Contém ella nada menos de onze Rembrandts que são a gloria de collecção Karm, além de telas de Rubens, Van Dyck, Frans Hals, Tiepolo, etc.

Exposição biographica de Paris **T**ENTOU-SE em Paris dar o retrato da cidade no decurso de seis seculos, por uma exposição installada no Hotel le Pelletier Saint-Fargeru. Lê se claramente a historia na serie de mappas e plantas, mas a arte é porventura menos fiel. Não é de crer que Paris fosse uma cidade tão dada a aventuras de capa e espada como a representam os gravadores do seculo xvii, nem que fosse tão guardada, com as ruas cheias de cadeirinhas e cochés e uma atmosphaera carregada de perfumes, como pretende o desenhador de 1770. Os artistas não tinham evidentemente olhos para o povo. Nem sequer os daguerreotypos do seculo xix fornecem idéa adequada das personagens de Balzac. Não existe portanto o daguerreotypo da mendicidade. Celebram-se unicamente os grandes episodios mundanos, sobretudo em todos aquelles em que domina a realza desde a entrada de Carlos VIII até á de Eduardo VII.

CABEÇA DE CHRISTO
De RembrandtMELEAGRO
OFFERECENDO A CABEÇA DO JAVALI
DE CALYDON A ATTLANTA

De Rubens

RETRATO DE UM MANCEBO
De Frans Hals